

---

**JORGE LUIZ DE MENDONÇA ORTELLADO ALDERETE**

**INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: AS MÚLTIPLAS  
DIMENSÕES DE UM PROCESSO INSTITUCIONAL**

**CASCADEL – PR**

**2024**



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná



Programa de Pós-Graduação em Educação

Mestrado e Doutorado

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO/ PPGE  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROCESSOS DE  
ENSINO E DE APRENDIZAGEM**

**JORGE LUIZ DE MENDONÇA ORTELLADO ALDERETE**

**INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: AS MÚLTIPLAS  
DIMENSÕES DE UM PROCESSO INSTITUCIONAL**

**CASCAVEL – PR  
2024**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO/ PPGE  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROCESSOS DE  
ENSINO E DE APRENDIZAGEM**

**JORGE LUIZ DE MENDONÇA ORTELLADO ALDERETE**

**INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: AS MÚLTIPLAS  
DIMENSÕES DE UM PROCESSO INSTITUCIONAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, área de concentração: educação, linha de pesquisa: Formação de professores e processos de ensino e de aprendizagem, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE – Campus de Cascavel, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

**Orientador(a):** Vilmar Malacarne  
**Coorientador:** Rafael Mattiello

**CASCADEL – PR  
2024**

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Alderete, Jorge Luiz de Mendonça Ortellado  
Internacionalização da educação superior: as múltiplas dimensões de um processo institucional / Jorge Luiz de Mendonça Ortellado Alderete; orientador Vilmar Malacarne; coorientador Rafael Mattiello. -- Cascavel, 2024.  
211 p.

Tese (Doutorado Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

1. Internacionalização. 2. Educação superior. 3. Processo. 4. Cultura. I. Malacarne, Vilmar, orient. II. Mattiello, Rafael, coorient. III. Título.



## JORGE LUIZ DE MENDONÇA ORTELLADO ALDERETE

### INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: AS MÚLTIPLAS DIMENSÕES DE UM PROCESSO INSTITUCIONAL

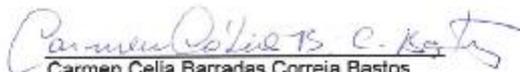
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação, área de concentração Educação, linha de pesquisa Formação de professores e processos de ensino e de aprendizagem, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

  
Orientador(a) - Vilmar Malacarne

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

  
Isaura Monica Souza Zanardini

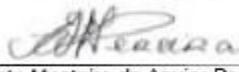
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

  
Carmen Celia Barradas Correia Bastos

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

  
Ivan Luiz Salvadori

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

  
Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Cascavel, 20 de agosto de 2024

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que passaram pelo meu percurso formativo. Aos amigos que fiz, aos professores que tive, à minha família, à UTFPR, à Unioeste, ao Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE, obrigado por tanto!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me concedido a oportunidade e o discernimento para chegar até aqui e desenvolver este trabalho.

À minha família, pelo apoio incondicional e pela inspiração, paciência e compreensão nos momentos de ausência; vocês foram fundamentais nesta trajetória.

Ao PPGE, pela oportunidade de conhecer e conviver com pessoas tão especiais, dedicadas, atenciosas e comprometidas.

Aos professores, que contribuíram com o meu percurso de doutoramento.

Ao meu Coorientador, Prof. Rafael Mattiello, pelas contribuições realizadas a partir da vivência da internacionalização.

À Prof. Carmen Célia, pela oportunidade de convívio e aprendizado, que vai além da academia, um aprendizado para a vida.

Ao meu orientador, Prof. Vilmar Malacarne, pela disponibilidade, abertura, aprendizado e comprometimento com o trabalho desenvolvido.

Enfim, fica o registro de gratidão a todos aqueles que fizeram parte deste percurso formativo.

“A internacionalização abrangente é um compromisso, confirmado pela ação, para infundir perspectivas internacionais e comparativas em todas as missões de ensino, pesquisa e serviço da educação superior. Ela molda o *ethos* e os valores institucionais e afeta toda a iniciativa da educação superior. É essencial que seja abraçada pela liderança institucional, pela administração, pelo corpo docente, pelos estudantes e por todos os serviços acadêmicos e unidades de apoio”.

(Hudzik, 2011, p. 6).

ALDERETE, Jorge Luiz de Mendonça Ortellado. **Internacionalização da educação superior: as múltiplas dimensões de um processo institucional. 2024.** 211f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de concentração: Educação, Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Processos de Ensino e de Aprendizagem, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2024.

## RESUMO

As ações de internacionalização já estão presentes no contexto das instituições de educação superior desde muito tempo. Nesse sentido, cada momento é caracterizado por um papel diferente dessas ações. Notadamente, os aspectos internacionais passaram a ser discutidos e cada vez mais implementados no cotidiano das instituições desse segmento, muitas vezes, sendo vistos como um diferencial institucional. Com a globalização, a internacionalização da educação superior ganhou força a partir do momento em que pesquisas, acordos e a resolução de problemas globais passaram a figurar entre importantes elementos institucionais. Nota-se que o processo de internacionalização não pode ser confundido com o processo de globalização. O primeiro está para as ações institucionais direcionadas à resolução de problemas globais e a possibilidade pela busca da excelência das dimensões institucionais (ensino, pesquisa e extensão). O segundo conceito relaciona-se ao agente propulsor da internacionalização, à capacidade de diferentes países se envolverem em busca de objetivos comuns, independentemente das fronteiras. Seguindo nessa direção, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR já desenvolvia ações de internacionalização com universidades internacionais desde a década de 1990. Com o objetivo de trabalhar em uma perspectiva abrangente da internacionalização, com a participação integral da instituição, foi aprovada, em março de 2018, a Política de Internacionalização da UTFPR. Essa, que é uma instituição caracterizada pela oferta de cursos de engenharia, tecnólogos, bacharelados, licenciaturas, está presente em 13 *campi* no Estado do Paraná, sendo que o *campus* Toledo foi escolhido como objeto de análise deste estudo. Levando em consideração a perspectiva de internacionalização, esta pesquisa buscou responder a algumas questões: (1) Como as ações de internacionalização têm sido desenvolvidas no âmbito da UTFPR *campus* Toledo a partir da publicação e implementação da sua política de internacionalização? (2) Quais categorias, geradas a partir da análise de conteúdo, estão presentes na política de internacionalização da instituição? (3) Como tem sido a motivação dos atores para o desenvolvimento de ações a partir de sua política de internacionalização? A pesquisa foi caracterizada como sendo de natureza descritivo-analítica com a utilização do método fenomenológico. Como técnicas de pesquisa, foram utilizados o estudo de caso, entrevista e análise de conteúdo. Os dados qualitativos foram analisados a partir da análise de conteúdo (Bardin, 2016). Identificadas as categorias presentes na Política de Internacionalização e nas entrevistas com atores do *campus*, foram apresentadas algumas características do processo de internacionalização a partir da percepção deles. Como resultado da análise da política e das entrevistas, foram encontradas 6 e 3 categorias, respectivamente. Os dados quantitativos foram tabulados, analisados e apresentados a partir da estatística descritiva simples. A partir dessas ações, objetivou-se responder o objetivo geral, que é analisar, a partir da análise das categorias, dos dados contidos nos relatórios e da impressão dos atores, o caminho percorrido pelo *campus* Toledo no desenvolvimento da internacionalização. Os resultados apontam que existe um

movimento de internacionalizar-se, mas que o processo ainda necessita de amadurecimento, indicando que a política de internacionalização é importante, mas a instituição precisa, sobretudo, de uma cultura voltada para isso.

**Palavras-chave:** Internacionalização; educação superior; política; processo; cultura.

ALDERETE, Jorge Luiz de Mendonça Ortellado Alderete. **Internationalization of higher education: the multiple dimensions of an institutional process. 2024.** 211f. Thesis (Doctorate in Education). Postgraduate Program in Education. Area of concentration: Education, Research Line: Teacher Training and Teaching and Learning Processes, State University of Western Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2024.

## ABSTRACT

Internationalization actions have been present in the context of higher education institutions for a long time. In this sense, each moment is characterized by a different role for these actions. Notably, international aspects have begun to be discussed and increasingly implemented in the daily lives of institutions in this segment, often being seen as an institutional differentiator. With globalization, the internationalization of higher education gains strength from the moment in which research, agreements and the resolution of global problems begin to appear among important institutional elements. It is worth noting that the internationalization process cannot be confused with the globalization process. The first refers to institutional actions aimed at solving global problems and the possibility of seeking excellence in institutional dimensions (teaching, research and extension). The second concept relates to the driving force of internationalization, the ability of different countries to engage in the pursuit of common goals, regardless of borders. Following this direction, the Federal Technological University of Paraná – UTFPR, has been developing internationalization actions with international universities since the 1990s. With the aim of working on a comprehensive perspective of internationalization, with the full participation of the institution, the UTFPR Internationalization Policy was approved in March 2018. This institution, which is characterized by offering engineering, technology, bachelor's and teaching degrees, is present in 13 campuses in the State of Paraná, and the Toledo campus was chosen as the object of analysis for this study. Taking into account the internationalization perspective, this research sought to answer some questions: (1) How have internationalization actions been developed within the scope of the UTFPR Toledo campus since the publication and implementation of its internationalization policy? (2) Which categories, generated from the content analysis, are present in the institution's internationalization policy? (3) How have the actors been motivated to develop actions based on its internationalization policy? The research was characterized as being descriptive-analytical in nature, using the phenomenological method. The research techniques used were case study, interviews, and content analysis. The qualitative data were analyzed using content analysis (Bardin, 2016). After identifying the categories present in the Internationalization Policy and in the interviews with campus stakeholders, some characteristics of the internationalization process were presented based on their perception. As a result of the analysis of the policy and the interviews, 6 and 3 categories were found, respectively. The quantitative data were tabulated, analyzed, and presented using simple descriptive statistics. Based on these actions, the aim was to respond to the general objective, which is to analyze, based on the analysis of the categories, the data contained in the reports, and the stakeholders' impressions, the path taken by the Toledo campus in the development of internationalization. The results indicate that there is a movement towards internationalization, but that the process still needs to mature, indicating that the

internationalization policy is important, but above all, the institution needs a culture focused on this.

**Keywords:** Internationalization; higher education; policy; process; culture.

**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Execução do orçamento bolsas para o exterior – CAPES.....	43
Gráfico 2 - Mobilidade de alunos do campus Toledo no Programa CsF .....	76
Gráfico 3 - Local de destino dos estudantes do campus Toledo .....	122
Gráfico 4 - Local de origem dos estudantes estrangeiros do campus Toledo .....	124

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fases e motivações da internacionalização da Educação Superior no Brasil .....	39
Quadro 2 - Modalidades de bolsa – CNPq.....	44
Quadro 3 - Objetivos específicos e metas para a Integração com a Comunidade e Fortalecimento da Marca (PDI 2004-2008) .....	56
Quadro 4 - Objetivos estratégicos para internacionalização (PDI 2009-2013).....	57
Quadro 5 - Dimensões e metas para internacionalização (PDI 2013-2017) .....	58
Quadro 6 - Eixos e macro objetivos para a internacionalização (PDI 2018-2022) ....	59
Quadro 7 - Definições presentes na Política de Internacionalização da UTFPR.....	62
Quadro 8 - Estratégias de Internacionalização da UTFPR.....	63
Quadro 9 - Descrição dos fatores condicionantes para implantação da Política de Internacionalização da UTFPR.....	64
Quadro 10 - Distribuição da dupla diplomação na UTFPR.....	70
Quadro 11 - Redes e Associações da UTFPR .....	71
Quadro 12 - Categorias intermediárias e termos.....	89
Quadro 13 - Disponibilidade dos dados no Relatório de Gestão.....	104
Quadro 14 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 1 .....	105
Quadro 15 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 2 .....	109
Quadro 16 - Instituições e países com os quais o campus Toledo estabeleceu dupla-diplomação .....	112
Quadro 17 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 3 .....	114
Quadro 18 - Afastamentos dos servidores do campus Toledo para o exterior (2018-2022) .....	119
Quadro 19 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 4 .....	121
Quadro 20 - Criação de documentos institucionais .....	125
Quadro 21 - Relação de cursos de idiomas e alunos concluintes UTFPR (2018-2022) .....	126
Quadro 22 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 5 .....	128
Quadro 23 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 6 .....	131
Quadro 24 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 7 .....	133
Quadro 25 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 8 .....	136
Quadro 26 - Relação de atividades desenvolvidas .....	137

Quadro 27 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 9 .....	138
Quadro 28 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 10 .....	141
Quadro 29 - Relação de eventos de disseminação intercultural .....	142
Quadro 30 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 11 .....	143
Quadro 31 - Categorização após entrevistas .....	146

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de programas de cooperação internacional oferecidos pela CAPES .....	42
Tabela 2 - Distribuição de alunos por campus (2023) .....	54
Tabela 3 - Presença de termos relacionados à Internacionalização nos PDIs.....	60
Tabela 4 - Quantidade de acordos de Cooperação Internacional – UTFPR (até 2022) .....	69
Tabela 5 - Distribuição dos países escolhidos no Programa CsF .....	76
Tabela 6 - Distribuição dos estudantes contemplados por curso de graduação .....	77
Tabela 7 - Total de termos/unidades de registro da política de internacionalização ..	87
Tabela 8 - Predominância das categorias ao longo da política de internacionalização da UTFPR .....	90
Tabela 9 - Seções com predominância de categoria .....	91
Tabela 10 - Ocorrência de termos relacionados a categoria “Internacional” em cada seção da política .....	92
Tabela 11 - Ocorrência de termos relacionados a categoria “Atores” em cada seção da política .....	94
Tabela 12 - Ocorrência de termos relacionados a categoria “Instituição” em cada seção da política .....	96
Tabela 13 - Ocorrência de termos relacionados a categoria “Resultados/Valores” em cada seção da política.....	98
Tabela 14 - Ocorrência de termos relacionados a categoria “Desenvolvimento Pessoal” em cada seção da política.....	100
Tabela 15 - Ocorrência de termos relacionados a categoria “Comunidade externa” em cada seção da política.....	102
Tabela 16 - Quantidade de instituições estrangeiras visitadas por ano (geral) .....	105
Tabela 17 - Acordos de cooperação vigentes e finalizados por ano (geral).....	107
Tabela 18 - Acordos de dupla-diplomação assinados (geral).....	110
Tabela 19 - Número acordos assinados com universidades estrangeiras .....	111
Tabela 20 - Acordos de dupla-diplomação estabelecidos por curso no campus Toledo .....	111
Tabela 21 - Estudantes da UTFPR que saíram em dupla-diplomação .....	113

Tabela 22 - Saída de alunos da UTFPR de acordo com o tipo de mobilidade (2018-2022) .....	115
Tabela 23 - Vinda de alunos estrangeiros de acordo com o tipo de mobilidade (2018-2022) .....	116
Tabela 24 - Panorama de envio e recebimento de alunos de acordo com o tipo de mobilidade (2018-2022) .....	116
Tabela 25 - Saída de alunos em mobilidade (2018-2022).....	117
Tabela 26 - Vinda de alunos estrangeiros em mobilidade (2018-2022) .....	118
Tabela 27 - Local de destino dos estudantes da UTFPR .....	122
Tabela 28 - Local de origem dos estudantes estrangeiros .....	123
Tabela 29 - Cursos de idiomas e alunos concluintes do campus Toledo (2018-2022) .....	127
Tabela 30 - Evolução de acordos de cooperação com objeto específico em pesquisa (geral).....	129
Tabela 31 - Participação de servidores em atividades internacionais .....	130
Tabela 32 - Atividades ofertadas à comunidade internacional .....	132
Tabela 33 - Eventos de internacionalização promovidos na/pela UTFPR.....	134
Tabela 34 - Total de notícias publicadas no Portal da UTFPR.....	134
Tabela 35 - Notícias publicadas no portal do campus e Facebook do campus.....	135
Tabela 36 - Recursos destinados à internacionalização .....	139
Tabela 37 - Número de patentes depositadas (2018-2022) .....	144
Tabela 38 - Participação da amostra.....	147
Tabela 39 - Tempo na UTFPR e na função (em meses).....	148
Tabela 40 - Subcategorias presentes no conceito de internacionalização dos entrevistados .....	149
Tabela 41 - Subcategorias relacionadas ao papel da internacionalização para as IES de acordo com os entrevistados.....	152
Tabela 42 - Subcategorias relacionadas aos motivos que levam as IES a buscarem a internacionalização de acordo com os entrevistados .....	154
Tabela 43 - Familiaridade com os termos contidos na política.....	157
Tabela 44 - Se sente motivado por outros setores.....	163
Tabela 45 - Subcategorias relacionadas aos tipos de ações que foram ou são desenvolvidas nos setores/departamentos .....	163

Tabela 46 - Subcategorias relacionadas à influência exercida pela política de internacionalização nas ações de ensino, pesquisa e extensão .....	165
Tabela 47 - Categorização dos benefícios decorridos da internacionalização .....	167
Tabela 48 - Categorização das vantagens em ser uma instituição internacional ....	168
Tabela 49 - Consideram a UTFPR e o <i>campus</i> Toledo internacionais? .....	169
Tabela 50 - Motivos para não considerar o <i>campus</i> Toledo internacional .....	169
Tabela 51 - Dificuldades para transformar o <i>campus</i> Toledo em internacional.....	171
Tabela 52 - Existem dificuldades para a promoção de ações de internacionalização no seu setor/departamento? .....	172
Tabela 53 - Subcategorias das dificuldades para a promoção de ações de internacionalização nos setores/departamentos .....	173
Tabela 54 - Você acha que a internacionalização é acessível para todos? .....	174
Tabela 55 - Ações para tornar a internacionalização acessível a todos.....	175

**LISTA DE IMAGENS/FIGURAS**

Figura 1 - Linha do tempo das denominações da UTFPR .....	51
Figura 2 - Distribuição dos <i>campi</i> da UTFPR .....	52
Figura 3 - Etapas para o desenvolvimento de uma análise de conteúdo .....	81
Figura 4 - Desenho de pesquisa .....	85
Figura 5 - Países visitados pela UTFPR com vistas a ampliação de parcerias.....	106

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

<b>Siglas</b>	<b>Significado</b>
ARINT	Assessoria de Relações Interinstitucionais
ASCOM-TD	Assessoria de Comunicação do campus Toledo
AUIP	Asociación Universitaria Iberoamericana de Postgrado
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BRAFITEC	Brasil France Ingénieur Tecnologia
CALEM	Centro Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBAI	Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEO	Cursos de Engenharia de Operação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COEMP	Conselho de Relações Empresariais e Comunitárias
COGEP	Conselho de Graduação e Educação Profissional
COGERH	Coordenadoria de Gestão de Pessoas
COGETI	Coordenadoria de Gestão da Informação
COIL	<i>Collaborative Online International Learning</i>
COPLAD	Conselho de Planejamento e Administração
COPPG	Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação
COUNI	Conselho Universitário
CPTP	Centro de Pesquisa e Treinamento de Professores
CsF	Programa Ciência sem Fronteiras
CWTS	<i>Center for Science and Technology Studies</i>
CWUR	<i>Center for World University Rankings</i>
DECOM	Diretoria de Comunicação
DERINT	Departamento de Relações Interinstitucionais
DIRAV	Diretoria de Avaliação Institucional
DIRCOM	Diretoria de Comunicação e Imprensa
DIREC	Diretoria de Relações Empresariais e Comunitárias

DIRGEP	Diretoria de Gestão de Pessoas
DIRGRAD	Diretoria de Relações Empresariais e Comunitárias
DIRGTI	Diretoria de Gestão de Tecnologia da Informação
DIRINTER	Diretoria de Relações Interinstitucionais
DIRPLAD	Diretoria de Planejamento e Administração
DIRPPG	Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
EaD	Educação a Distância
ETFPR	Escola Técnica Federal do Paraná
FAUBAI	Associação Brasileira de Educação Internacional
FMI	Fundo Monetário Internacional
FUNET	Fundação Educacional de Toledo
GATS/AGCS	Acordo Geral sobre Comércio e Serviços
GCUB	Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras
IAU	<i>International Association of Universities</i>
IES	Instituição de Ensino Superior
IsF	Idioma sem Fronteiras
Marca	Mobilidade Acadêmica Regional para Cursos Acreditados
MEC	Ministério da Educação
MEI	Mobilidade Estudantil Internacional
MEO	<i>My English Online</i>
MEXT	Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia do Japão
MS	Ministério da Saúde
NuLi	Núcleo de Línguas
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OEA	Organização dos Estados Americanos
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organizações das Nações Unidas
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PEC-G	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação
PLI	Programa de Licenciaturas Internacionais
PMPF	Programa Paulo Freire de Mobilidade Acadêmica
PPGE	Programa de Pós-graduação em Educação

PPs	Políticas Públicas
PRAInt	Professores Responsáveis pelas Atividades de Internacionalização
PrInt	Programa Institucional de Internacionalização
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação e Educação Profissional
PROPAT	Programa de Bolsas de Pós-graduação em Pecuária e Agricultura Tropicais Brasil-México
PROPLAD	Pró-Reitoria de Planejamento e Administração
PROPPG	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
PROREC	Pró-Reitoria de Relações Empresariais e Comunitárias
REUNI	Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RI	Relações Internacionais
RUTPAL	Red de Universidades Tecnológicas y Politécnicas de América Latina y el Caribe
SENAI	Serviço Nacional de aprendizagem dos Industriários
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
UDUAL	Unión de Universidades de América Latina y el Caribe
UNEDs	Unidades de Ensino Descentralizadas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	24
<b>1. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	29
1.1. INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR .....	29
1.2. AS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR E O PAPEL DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS .....	34
1.3. INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL .....	37
1.4. UTFPR E A PROJEÇÃO PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO .....	45
1.4.1. Da Escola de Aprendizes Artífices à Universidade .....	46
1.4.2. A UTFPR e o processo de internacionalização .....	54
1.4.3. A Política de Internacionalização da UTFPR .....	61
1.4.4. A UTFPR <i>campus</i> Toledo .....	73
1.4.5. A internacionalização da UTFPR <i>campus</i> Toledo .....	75
<b>2. METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	78
2.1. TÉCNICAS DE PESQUISA .....	79
2.2. INSTRUMENTOS E COLETA DE DADOS .....	82
<b>3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS</b> .....	86
3.1. ANÁLISE DE CONTEÚDO DA POLÍTICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO .....	86
3.1.1. Internacional .....	91
3.1.2. Atores .....	93
3.1.3. Instituição .....	95
3.1.4. Resultados/Valores .....	96
3.1.5. Desenvolvimento pessoal .....	99
3.1.6. Comunidade externa .....	101
3.2. AÇÕES DESENVOLVIDAS A PARTIR DA PUBLICAÇÃO DA POLÍTICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UTFPR .....	103
3.3. PERCEPÇÃO DOS ATORES DO CAMPUS TOLEDO SOBRE O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO .....	146
3.3.1. Perfil dos atores participantes da pesquisa .....	147
3.3.2. Internacionalização .....	149
3.3.3. Institucional .....	156
3.3.4. Avaliação .....	166
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	177

<b>REFÊRENCIAS</b> .....	182
<b>APÊNDICE A</b> - Programas de cooperação internacional oferecidos pela CAPES .	197
<b>APÊNDICE B</b> – Panorama dos campi a partir dos cursos ofertados .....	202
<b>APÊNDICE C</b> – Roteiro da entrevista .....	207
<b>ANEXO A</b> – Parecer Consubstanciado.....	209

## INTRODUÇÃO

A troca cultural e de conhecimentos entre diferentes povos já era algo fundamental e que caracterizava as *universitas*, desde a Idade Média (Franklin; Zuin; Emmendoerfer, 2018). Esse intercâmbio era percebido com muito bons olhos, já que o fato de poder conviver com pessoas de diferentes culturas, regiões e países era visto como um sinônimo de prestígio. Vale salientar que esse caráter internacionalizado estava mais relacionado à necessidade da época do que à própria intencionalidade da ação, uma vez que existia um número reduzido de espaços como esses. Muito tempo depois, no nosso tempo histórico, tais aspectos passaram a ser discutidos sob uma perspectiva institucionalizada na educação superior, considerando o enfoque da internacionalização para as universidades.

A experiência de troca, construção e acesso a bens, tecnologias e serviços de diversas localidades no mundo, pode favorecer determinadas alianças, possibilitando a resolução de situações que antes pareciam difíceis ou impossíveis de serem feitas.

Para essa questão, apresentamos dois conceitos sobre os quais há uma similaridade, mas que, para este objeto, precisam ser separados: o conceito de globalização e o conceito de internacionalização. Segundo Borges e Aquino (2013), a globalização está associada ao capitalismo, por ser um fenômeno econômico que influencia as relações consumistas e mercadológicas e que interfere inclusive nas dinâmicas locais das instituições. Nota-se que essas transformações também impactaram a forma como as universidades passaram a se desenvolver e a se planejar. Já a internacionalização da educação superior, é entendida como o conjunto de políticas e ações desenvolvidas pela comunidade acadêmica para acompanhar o desenvolvimento global, inserindo-se na sociedade do conhecimento (Bastos; Manchope; Assenza, 2019).

Globalização e internacionalização relacionam-se diretamente e não podem ser vistas como opositoras. Apesar de possuírem propósitos diferentes, estão diretamente ligadas, uma vez que, para atender às demandas globais, é necessário que existam parcerias entre diferentes nações. Assim, fica estabelecida a relação entre globalização e internacionalização da educação superior.

Em um mundo globalizado, as universidades buscam a internacionalização, não como uma atividade isolada, mas como um engajamento coletivo nos mais diferentes níveis institucionais, sejam administrativos ou pedagógicos (Barbosa;

Neves, 2020). Para sua realização, a internacionalização precisa ser discutida e estar inserida no currículo dos cursos da instituição e em toda a sua dinâmica institucional.

É importante ressaltar que a presença de programas de intercâmbio e a organização de atividades internacionais não caracteriza a universidade como instituição internacional (Franklin; Zuin; Emmendoerfer, 2018). A internacionalização da educação superior passou, por sua vez, a ser entendida como um ponto estratégico no desenvolvimento da instituição de ensino superior (IES), sendo objeto de fomento de agências, por meio de projetos ou ações, as quais passam a influenciar políticas institucionais que interferem diretamente na vida acadêmica (Barbosa; Neves, 2020). De certa maneira, isso faz com que as IES busquem discutir, aprimorar e implantar ações que as coloquem em condições para a captação de recursos e pesquisadores para o desenvolvimento de pesquisas e produtos que estejam alinhados com as necessidades globais. Morosini (2019) relata que as instituições universitárias buscam a formação de recursos humanos de alto nível, em sua essência, e que a internacionalização seria um dos meios para isso.

Nesse sentido, é necessário que as IES avaliem constantemente o impacto de suas políticas de internacionalização na vida acadêmica e na inserção internacional da instituição, além de internalizar o quão importante é esse processo para atendimento das demandas locais e internacionais, gerando, assim, um engajamento institucional.

Em um contexto em que os países buscam ações cooperativas e colaborativas para a resolução de demandas comuns, torna-se necessário o estudo e compreensão de como eles se colocam perante os novos desafios e, nesse sentido, a universidade exerce um papel fundamental como geradora de conhecimento e como sujeito ativo na cooperação internacional. Isso proporciona à comunidade acadêmica a possibilidade de desenvolver experiências fora do país (enviando ou recebendo), que auxiliam a busca pelo equilíbrio entre as demandas locais e globais (Borges; Aquino, 2013).

A busca pela característica internacional como meio de atendimento a essas demandas faz com que as instituições pensem de maneira intencional, coletiva, planejada, focada em conteúdo, métodos, estrutura e pessoas (Barbosa; Neves, 2020). Tais iniciativas possibilitam inovação e desenvolvimento, sem necessariamente estarem submetidas à vontade do mercado, já que a instituição

buscará colocar suas ações em consonância com sua missão (Sierra; Coscarelli, 2017).

No entanto, como identificar se a internacionalização tem atendido ao propósito internacional da IES? Para responder a esta pergunta, é necessário considerar alguns fatores, como a missão, visão e valores da IES; como ela está inserida no contexto social; de que forma suas ações são desenvolvidas; como os processos são avaliados; e como a internacionalização está presente no seu planejamento. Dessa forma, é preciso que exista a construção de um processo que seja interligado em nível nacional, institucional e internacional, sendo visto como um meio e não um fim. Por isso, é importante não perder de vista qual a missão institucional e, dependendo dos anseios da comunidade, deve-se avaliar, adaptar e aprimorar suas ações.

Para verificar a efetividade da internacionalização e sua real função no escopo da instituição, é necessário avaliar, refletir e dialogar sobre os pressupostos, políticas e ações institucionais, tanto em âmbito nacional quanto internacional (Wassem; Pereira; Finardi, 2020).

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR apresenta uma missão que, a princípio, se relaciona à proximidade com o mundo do trabalho, com a solução de problemas e demandas do seu entorno, mas que não se fecha exclusivamente a esse fim. Por isso, desde a década de 1990, desenvolve também várias parcerias com universidades internacionais, envolvendo a mobilidade de alunos e servidores. Desde os anos 2000, houve uma intensificação dessas iniciativas, decorrentes também da sua expansão no estado do Paraná.

O *campus* Toledo, da UTFPR, foi criado no ano de 2007. A partir do seu processo de verticalização, em pouco tempo, já apresentava cursos superiores de graduação e pós-graduação em sua estrutura. Em consonância com as propostas institucionais, também iniciou seu processo de internacionalização a partir do ano de 2013.

Com o intuito de sistematizar as ações internacionais, a UTFPR iniciou um processo de construção de uma política voltada a esse fim. A partir da Política de Internacionalização da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, aprovada em 22 de março de 2018, diversas estratégias foram traçadas, ações sugeridas e mecanismos de monitoramentos criados para esse objetivo. Assim, é importante que acompanhamentos sejam realizados constantemente para verificar os caminhos percorridos rumo ao objetivo de se tornar uma instituição internacional.

Como recorte temporal para análise dos dados, definiu-se o ano da publicação da política até o ano de 2022, totalizando 5 anos (2018-2022).

A escolha desse tema torna-se relevante e se justifica por sua ação local, regional e internacional, uma vez que os resultados obtidos poderiam provocar discussões que ajudariam na avaliação, revisão de currículos, processos de ensino, trilhas formativas, melhoria e fundamentação das políticas institucionais de internacionalização da educação superior, promovendo o amadurecimento e melhoria dos processos voltados a esse fim. Além disso, será oportunizado o aprofundamento de alguns aspectos referentes a esse tema, como as razões, os meios e os resultados institucionais. Identificar as percepções, os desafios e as conquistas a partir dos atores são ações fundamentais para o amadurecimento de qualquer processo. Isso coloca este trabalho em um ponto de destaque, já que outras IES, além da UTFPR, poderão se utilizar da metodologia e resultados para aprimorar suas ações, analisando a internacionalização sobre diferentes dimensões.

Partindo dessa justificativa, deparamo-nos com as seguintes questões: (1) Como as ações de internacionalização têm sido desenvolvidas no âmbito da UTFPR *campus* Toledo a partir da publicação e implementação da sua política de internacionalização? (2) Quais categorias, geradas a partir da análise de conteúdo, estão presentes na política de internacionalização da instituição? (3) Como tem sido a motivação dos atores para o desenvolvimento de ações a partir de sua política de internacionalização?

Assim, os objetivos específicos do estudo são: (1) elaborar as categorias que estão presentes no documento da política de internacionalização que permitirá identificar os caminhos traçados; (2) analisar a implementação da internacionalização na UTFPR *campus* Toledo; (3) identificar como as ações de internacionalização estão se desenvolvendo na UTFPR *campus* Toledo; (4) identificar as percepções dos atores a respeito da conceituação e implementação das ações de internacionalização.

As respostas a essas perguntas permitiram desenvolver e defender a ideia de que a internacionalização precisa partir do engajamento institucional para o individual e que a política de internacionalização, por si só, não garante ações efetivas para que uma instituição de ensino superior se torne internacional. É necessário, antes, haver o desenvolvimento de uma cultura de internacionalização.

Desse modo, o objetivo desta tese é analisar, a partir da análise das categorias, dos dados contidos nos relatórios e da impressão dos atores, o caminho percorrido pelo *campus* Toledo no desenvolvimento da internacionalização.

Este trabalho busca desenvolver uma análise descritiva do fenômeno da Internacionalização na UTFPR *campus* Toledo e está estruturado em 04 (quatro) capítulos.

No capítulo 1, é apresentada uma discussão sobre a Internacionalização da Educação Superior, as políticas de internacionalização e as organizações internacionais. Na sequência, o debate sobre internacionalização é delimitado para o Brasil e para a UTFPR. Nesse ponto da discussão, são apresentadas informações referentes ao histórico da instituição e como ela foi sendo conduzida para a internacionalização, finalizando o capítulo com as informações do *campus* Toledo, objeto de estudo desta tese.

O capítulo 2 apresenta o percurso da pesquisa realizada, as técnicas de pesquisa utilizadas, os instrumentos de coleta de dados e as fases das análises. Nesse capítulo, o leitor consegue visualizar todo o desenho da pesquisa. No capítulo 3, encontramos a análise e a discussão dos resultados, com a apresentação das categorias, das ações e impressões dos atores do *campus* Toledo a respeito da internacionalização.

Para encerrar, no capítulo 4, encontraremos as considerações a respeito dos resultados da pesquisa, as limitações encontradas no processo de produção, sugestões de temas futuros e contribuições.

## 1. REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo é destinado à conceituação do tema, buscando percorrer um caminho que se inicia nas definições a respeito da internacionalização da educação superior, os elementos sobre sua origem, sua importância para o desenvolvimento da sociedade, conceitos e princípios da atualidade.

Apresentamos também o papel das políticas de educação superior e sua relação com as organizações internacionais. Esse caminho nos faz chegar à internacionalização da educação superior no Brasil, sua origem, as alterações, os órgãos regulamentadores, as motivações e os programas desenvolvidos a partir do momento em que essa temática passa a figurar no cenário educacional brasileiro.

Na sequência, é realizado um recorte para a Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, que é o local onde essa pesquisa se desenvolveu. Aqui, são apresentadas informações sobre o seu histórico, características, que, desde o surgimento, a definem como tecnológica, os marcos legais de sua criação, o panorama atual e estrutura organizacional, na qual se insere a internacionalização.

Uma vez caracterizada a instituição, apresentamos o processo de internacionalização da UTFPR, os elementos que pautaram suas ações ao longo do tempo até a elaboração da política institucional, apresentando seus elementos e estratégias.

A partir dessa contextualização, chegamos ao ponto em que discutiremos a unidade de estudo desta tese, o *campus* Toledo da UTFPR. Aqui, é apresentado o histórico do *campus*, suas características e algumas informações referentes ao seu processo de internacionalização.

### 1.1. INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

O termo “internacionalização” tem sido usado em diferentes esferas relacionadas ao ensino superior e às atividades desenvolvidas pela universidade, seja na ciência, na tecnologia, na inovação, no ensino, na extensão ou na pesquisa, tornando-se um objetivo para a maioria das instituições brasileiras, sejam elas de renome ou recém-criadas (Fortes, 2016; Mattiello; Toledo; Langer, 2024). No entanto, faz-se necessário um maior discernimento sobre alguns aspectos da dimensão conceitual.

Vale lembrar que a internacionalização da educação em nível superior não é algo novo. Com o surgimento das primeiras universidades, a busca pelo conhecimento, a troca de experiências entre professores e alunos de diferentes países era muito comum (Stallivieri, 2017a). É claro que nem todos tinham acesso a tais oportunidades, as quais ficavam restritas a um pequeno grupo, a elite; situação que, em alguns casos, permanece semelhante até os dias de hoje.

As universidades passaram por diversos momentos, surgindo no século XIII em meio a relações de poder, nas quais não existia a ideia de igualdade social (Cusati *et al.*, 2021). Nas universidades criadas no período da Idade Média, a língua principal era o latim, que era utilizado pelas elites católicas e por parte dos nobres como meio de comunicação, o que favoreceu até certo ponto a mobilidade de professores e alunos (Laus, 2015). A língua comum e a mobilidade eram elementos que caracterizavam a internacionalização naquele período:

[...] o ensino superior foi internacionalizado desde o início das universidades na Europa medieval, quando havia um meio comum de instrução, o latim, e tanto os estudantes como os professores rotineiramente mudavam de país para país (Altbach, 2002, p. 2).

Em um determinado ponto da história, na Revolução Industrial, o conhecimento deixou de ser algo direcionado apenas à elite, passando a ocupar um papel de destaque no processo de produção e, com isso, a educação começou a receber incentivos para que os cidadãos conseguissem se apropriar do conhecimento e, a partir daí, fosse possível produzir cada vez mais (Laus, 2015).

Assim, as nações perceberam que os mais fortes e desenvolvidos seriam aqueles que tivessem o conhecimento e que o disponibilizassem às suas populações, oferecendo a possibilidade de acesso aos que pudessem. Nesse sentido, inicia-se, assim, uma espécie de universalização, mesmo que internamente (Franklin; Zuin; Emmendoerfer, 2018).

Em outro momento histórico, com o objetivo de reconstruir e fortalecer os países europeus no período pós-guerra, a internacionalização surgiu como uma ferramenta estratégica na busca para a formação de alianças, cooperação técnica, que levou ao desenvolvimento da cultura e da ciência por meio da mobilidade de estudantes e pesquisadores (Barbalho; Castro, 2010; Morosini, 2011; Castro; Neto, 2012).

Avançando um pouco mais na história, após passar pelo período medieval, Revolução Industrial e pós-guerra, quando a internacionalização apresentou motivações específicas para cada momento, chegamos ao ponto de apresentarmos uma perspectiva mais contemporânea. De acordo com Bastos, Manchope e Assenza (2019), a internacionalização da educação superior pode estar associada com a reforma da universidade, ocorrida em 1999, por meio do Processo de Bolonha, que foi o marco de enfrentamento dos desafios da educação superior na Europa e no mundo, cujo objetivo principal era estabelecer ações para o atendimento de demandas globais.

Com o objetivo de dialogar e encontrar soluções para as demandas globais, como a garantia de acesso e permanência ao ensino superior, a UNESCO realizou, em 2009, uma conferência com o tema “Dinâmicas do Ensino Superior e Pesquisas para a Mudança e o Desenvolvimento Social”, na qual foi gerado um documento que apresenta reflexões separadas em categorias, das quais serão destacadas duas afirmações. A primeira afirmação está relacionada à categoria “Responsabilidade Social da Educação Superior”:

Diante da complexidade dos desafios mundiais atuais e futuros, a educação superior tem a responsabilidade social de avançar nosso conhecimento multifacetado sobre várias questões, que envolvem dimensões culturais, científicas, econômicas e sociais e nossa habilidade de responder a tais questões. A educação superior leva a sociedade a gerar conhecimento global para atingir os desafios mundiais, com relação a segurança alimentar, mudanças climáticas, uso consciente da água, diálogo intercultural, fontes de energia renovável e saúde pública (UNESCO, 2009, p. 2).

Essa afirmação reforça o papel da educação superior e sua responsabilidade social perante diversas questões, além de já indicar a necessidade da geração de conhecimento global que vise superar os desafios mundiais, evidenciando, entre outros, o diálogo intercultural.

Ainda no mesmo documento, na categoria “Internacionalização, Regionalização e Globalização”, a seguinte afirmativa foi apresentada:

Instituições de educação superior ao redor do mundo têm uma responsabilidade social de ajudar no desenvolvimento, por meio da crescente transferência de conhecimentos cruzando fronteiras, especialmente nos países subdesenvolvidos, e trabalhando para

encontrar soluções comuns para promover a circulação do saber e aliviar o impacto negativo da fuga de cérebros (UNESCO, 2009, p. 4).

Essa afirmação demonstra a importância da internacionalização no processo de redução das desigualdades e circulação do saber para além das fronteiras. Na atualidade, em que temos um mundo globalizado que atua diretamente nos sistemas de conhecimento, as universidades têm sido desafiadas a se adaptarem e buscarem soluções para problemas de grande repercussão por meio da internacionalização, entre outras ações (Barbosa; Neves, 2020).

Nesse sentido, De Wit (2013) destaca que a internacionalização é um conceito recente e que, anteriormente, era utilizado de maneira fragmentada, como estudo no exterior, intercâmbio em universidades, orientações de alunos estrangeiros, entre outros.

A internacionalização, assim, não pode ser entendida como diversas estratégias que são utilizadas para autopromoção, que se transformam em meios para alcançar a si mesmo, fazendo com que sua finalidade seja desconsiderada (De Wit, 2011). Dessa maneira, são apresentados, pelo autor, nove aspectos equivocadamente considerados sinônimos de internacionalização quando trabalhados de maneira isolada, mas sem os quais, paradoxalmente, não há como desenvolver a internacionalização. São eles: (1) oferecer disciplinas ministradas em língua inglesa; (2) estudar ou morar em um país estrangeiro; (3) ofertar disciplinas com conteúdo ou conotação internacional; (4) ter grande número de alunos estrangeiros matriculados na instituição; (5) ter a presença de alguns estudantes estrangeiros na instituição; (6) dispensar a avaliação das competências internacionais e interculturais por acreditar que elas serão naturalmente adquiridas por meio de atividades de teor internacional; (7) quanto maior a quantidade de parcerias, mais internacionalizada a instituição será; (8) a educação superior é internacional por natureza; e (9) a internacionalização é um fim em si mesma (De Wit, 2011).

É necessária reflexão a respeito dos pontos apresentados por De Wit (2011), uma vez que a busca pelo prestígio internacional pode tirar o foco do verdadeiro objetivo da internacionalização, que é ser um processo em que as dimensões internacionais, interculturais e globais são integradas às atividades, às metas, às funções e à formação de pessoal da própria instituição (Knight, 2012). Em outras

palavras, atender às demandas sem perder a essência institucional de modo que a internacionalização seja um dos caminhos da instituição e não o único.

Ao reconhecer o papel de destaque da internacionalização no mundo e a necessidade de significar seu conceito, cinco princípios são propostos para elucidar a definição e sua aplicação nas instituições de ensino superior. Knight (2012) descreve-os da seguinte forma: 1) A internacionalização deve respeitar e complementar a dimensão local; 2) A internacionalização é um processo que deve se adaptar ao perfil de cada instituição ou país; 3) Existem benefícios, riscos e consequências não intencionais no processo de internacionalização; 4) A internacionalização não é um fim em si mesma; 5) Globalização e internacionalização são conceitos diferentes, mas interligados.

A internacionalização era entendida como um fim em si mesma (Marinoni; Egron-Polak; Green, 2019), pois não levava em consideração a interlocução entre os diferentes níveis institucionais e seus atores. Segundo os mesmos autores, nos últimos anos, a internacionalização passou a ser vista como uma maneira de melhorar a qualidade educacional e de pesquisa, além de atender objetivos sociais. Tais definições podem divergir entre países e entre instituições de um mesmo país (Knight, 2004). Segundo a mesma autora, isso acontece devido aos diferentes contextos existentes. Essa mudança pode ser percebida a partir da comparação das respostas de duas pesquisas realizadas pela *International Association of Universities* (IAU) que contou com a participação de estudantes de seis regiões do mundo (Marinoni; Egron-Polak; Green, 2019). Os resultados sugeriram que as instituições de ensino superior começaram a se preocupar também com os resultados institucionais, desconsiderando a preocupação apenas com a mobilidade estudantil.

A internacionalização já foi entendida como a mobilidade de alunos, professores e programas e hoje é percebida como uma forma de cooperação internacional em projetos de pesquisa, bolsas de estudo, mobilidade de docentes e alunos (Barbosa; Neves, 2020), perpassando por uma política de internacionalização, que são ações coordenadas e pensadas para toda a instituição. Essas ações, muitas vezes, impõem determinados objetivos ou metas a serem alcançadas, por meio de estratégias que acabam, de certa forma, limitando a atuação em detrimento ao alcance desses objetivos (Santos; De Almeida Filho, 2012). Santos Filho (2020) chama a atenção para o fato de que esse processo precisa ser dinâmico, uma ação contínua de mudança e não um aglomerado de ações isoladas.

## 1.2.AS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR E O PAPEL DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

Na contemporaneidade, após a Segunda Guerra Mundial, cresceram as atividades de pesquisa em países industrializados e também se constatou o surgimento de organizações nacionais de fomento, o que pode ter favorecido o intercâmbio entre pesquisadores e instituições diversas por meio de convênios entre instituições e encontros científicos (Laus, 2015). Inicia-se também um movimento no qual as universidades do ocidente, destaque para a dos Estados Unidos da América, deveriam figurar como um modelo para aqueles que quisessem se modernizar no âmbito institucional, intelectual e profissional (Schwartzman, 2009).

Essa orientação promoveu o estímulo à vinda de estudantes de diversos países que, segundo Schwartzman (2009, p. 64): “foi alimentada pelas agências internacionais de cooperação assim como pelas fundações privadas, sobretudo norte-americanas, que atuavam nos países em desenvolvimento”.

Nesse contexto de circulação internacional promovido pelas agências internacionais, a corrida pelo desenvolvimento da ciência, das pesquisas e das universidades passou a:

Ser um trunfo decisivo na competição entre as elites nacionais e internacionais, onde as competências e as titulações obtidas no exterior vêm-se mostrando recursos cabais nos debates sobre a reforma do Estado, nas transformações do campo científico e na atribuição de poderes a instituições supranacionais (Almeida *et al.*, 2004, p. 9).

Com isso, podemos observar que, cada vez mais, o compartilhamento do conhecimento oriundo do intercâmbio entre pesquisadores é vital na busca pelo desenvolvimento dos países.

No último século, as Organizações Internacionais<sup>1</sup> têm crescido mundialmente, tanto quantitativa quanto qualitativamente e vêm atuando sobre diversos temas (Carvalho; Fernandes; De Faria, 2021). As organizações internacionais são:

---

<sup>1</sup> São exemplos: Fundo Monetário Internacional – FMI, Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, Organização das Nações Unidas – ONU, Organização dos Estados Americanos – OEA, Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE.

Burocracias criadas pelos Estados para atuarem na coordenação de expectativas e ações coletivas entre eles, na busca por objetivos comuns entre seus membros. Ao buscar essa coordenação, elas têm crescentemente influenciado na adoção de políticas públicas (PPs) por parte dos Estados nacionais (Carvalho; Fernandes; De Faria, 2021, p. 3).

No caso das políticas voltadas à educação, percebe-se que o conhecimento científico e tecnológico são as forças motrizes e o fator de produção mais efetivo na sociedade capitalista, já que o conhecimento produzido reflete tecnologias que promovem a transformação e o desenvolvimento econômico (Martins; De Carvalho, 2013). Por esse motivo, a educação passa a servir também ao interesse capitalista e isso pode fazer com que sua função principal seja descaracterizada ou manipulada.

Em um contexto em que as interações passam a ser globais e as respostas necessitam ser conjuntas, contando com a participação de países em desenvolvimento que buscam o compartilhamento de poder nos processos decisórios, os quais visam a um processo de globalização mais justo, igual e inclusivo, é que as recomendações feitas por organizações internacionais assumem um papel decisivo no desenvolvimento de políticas de alguns países (Laus, 2015).

Tais organizações, como o Fundo Monetário Internacional – FMI, Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, Organizações das Nações Unidas – ONU, Organização dos Estados Americanos – OEA e Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, capitaneados por países vencedores do pós-guerra, passaram a viabilizar recursos financeiros por meio de financiamentos aos países menos desenvolvidos, sob a ótica da democracia (Dalla Corte; Mendes, 2018).

No que tange ao processo de internacionalização, a partir dos anos 1990, com a criação da Organização Mundial do Comércio – OMC, é que essa temática começou a ter visibilidade. Esse organismo internacional surge com o propósito de fiscalizar e regulamentar o comércio em todo o mundo, gerenciar acordos comerciais internacionais, além de supervisionar o cumprimento do que fora estabelecido nesses acordos (Campos, 2009). Segundo o mesmo autor, com a criação do GATS/AGCS (Acordo Geral sobre Comércio e Serviços), a educação passou a ser incluída no rol de temáticas daquela organização.

A OMC, a partir da criação desse acordo, e o Banco Mundial passaram a considerar um caráter neoliberal à educação, que é definida por eles como um serviço

comercial (Dalla Corte; Mendes, 2018). A revolução causada pela maneira como os bens e as pessoas transitavam entre os países que participavam dos acordos econômicos e políticos, sobretudo na União Europeia, fez com que a equiparação dos sistemas formativos se tornasse imprescindível para o desenvolvimento daqueles países (Luce; Fagundes; Mediel, 2016). Com isso, a educação deixou de ser unicamente um direito e passou a ser enquadrada como serviço, o que facilitou o seu processo de internacionalização.

A Conferência Mundial de Educação Superior, ocorrida em 1998, reforçou que o Estado deve transformar a educação superior em uma ferramenta de desenvolvimento e modernização da sociedade e que deve aplicar normas regionais e internacionais que permitam o reconhecimento de estudos e diplomas (Bernheim; De Souza Chauí, 2008).

Outro momento, que deve ser destacado no processo de internacionalização, foi o reconhecimento da chamada sociedade do conhecimento. Esse momento fez com que outra organização internacional, a UNESCO, reconhecesse o surgimento de um:

Novo paradigma econômico e produtivo no qual o fator mais importante deixa de ser a disponibilidade de capital, trabalho, matérias-primas ou energia, passando a ser o uso intensivo de conhecimento e informação (Bernheim; De Souza Chauí, 2008, p.7).

Assim, no contexto globalizado economicamente, a educação ganhou um papel de destaque como produtora de conhecimentos valorizados economicamente, atendendo aos interesses mercadológicos, com diferenciação e evidência do tratamento entre países centrais e periféricos (Maués; Dos Santos Bastos, 2016).

É comum vermos organizações internacionais utilizarem suas diretrizes para influenciar as agendas e políticas nacionais de diversos países em desenvolvimento e, assim, ocorre também no ensino superior (Laus, 2015). Utilizam-se de estratégias globais e, muitas vezes, não consideram a realidade dos países em desenvolvimento. Traçam uma meta e colocam-na em acordos para que sejam cumpridas.

Nesse cenário em que é evidente a tensão entre os países hegemônicos e os países em desenvolvimento, a internacionalização surge como um catalisador para o processo educacional. Essa tensão também a coloca no centro de disputa entre

interesses acadêmicos, institucionais, partidos políticos, organismos internacionais, agências de fomento e instituições financeiras (Dalla Corte; Mendes, 2018).

É importante salientar que, no processo de internacionalização da Educação Superior, há a necessidade de atendimento das demandas globais, mas sem renunciar às demandas locais, ou seja, a realidade da instituição de ensino superior precisa ser considerada em todo o processo e não deveria ser desprezada para atendimento das agendas criadas pelas organizações internacionais, que, muitas vezes, podem ter sua neutralidade questionada por se preocupar com os interesses econômicos.

Por outro lado, a internacionalização vista em uma perspectiva voltada para o desenvolvimento, com um papel facilitador da educação superior, foi apresentada recentemente na Conferência Mundial do Ensino Superior 2022, ao afirmarem que “a cooperação entre as universidades e os esforços de internacionalização são exemplos de abertura que são muito promissores para promover nosso bem-estar global compartilhado” (UNESCO, 2022 p. 84). Assim, a internacionalização descrita e propagada pelas organizações internacionais pode ser um agente facilitador, mas é importante estar atento aos reais interesses apresentados.

### **1.3. INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL**

A partir da vinda da família real portuguesa (1807-1808) é que as escolas de ensino superior foram criadas no Brasil (Franklin; Zuin; Emmendoerfer, 2018). Mesmo assim, a criação das primeiras instituições de ensino superior ainda foi tardia por aqui, pois havia resistência de Portugal e dos próprios brasileiros que acreditavam que investir no ensino superior era desnecessário (Bortolanza, 2017). Segundo esse autor, o cenário só começou a se modificar no século XIX quando a classe dominante passou a encontrar dificuldades para cursar o ensino superior em universidades da Europa.

Podemos observar, com base nesses relatos, que a ida para Portugal era o único meio para aqueles que buscavam um diploma de nível superior. No entanto, restringia o acesso das classes menos favorecidas economicamente, uma vez que não seriam capazes de se deslocar para outros países.

A internacionalização, de fato e na perspectiva aqui abordada, na Educação Superior, começou a ser discutida em nosso país no final nos anos 1990, quando a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES levantou a

necessidade de se estabelecer padrões internacionais de avaliação tanto dos programas quanto das pesquisas desenvolvidas nas Instituições Públicas (Laus, 2015). Por outro lado, Maués e Dos Santos Bastos (2017) acrescentam que outro fator importante para o início da Internacionalização no Brasil foi o processo de globalização, que fomentava, em seu cerne, o nascimento de uma sociedade em que o conhecimento seria uma importante força produtiva, a qual impulsionaria o desenvolvimento das sociedades.

A partir das mudanças oriundas da reforma do Estado<sup>2</sup>, o ensino superior foi transformado em atividade não exclusiva do Estado e a educação foi incluída em uma categoria de serviços, orientada pelo Acordo de Comércio de Serviços (OMC/GATS, 1994). Essa perspectiva contribuiu para um aumento significativo da privatização da Educação Superior no Brasil.

Nesse panorama de transformação do capitalismo financeiro e da instituição do neoliberalismo na América Latina, a internacionalização do ensino superior se desenvolveu, estimulando os governos a criarem programas capazes de atender às demandas políticas e econômicas por meio do desenvolvimento de programas universitários, estímulo de estudo de línguas estrangeiras, internacionalização dos cursos, mobilidade docente, técnica administrativa e discente, além de promover visitas de pesquisadores e docentes em eventos internacionais (Maués; Dos Santos Bastos, 2017).

Aqui, notamos a relação entre a globalização e a internacionalização, já que:

Sendo a internacionalização um recurso que impulsiona os sistemas e instituições de educação superior a responder às necessidades educativas do mundo globalizado, para os países em desenvolvimento, como o Brasil, investir na internacionalização da educação superior é, sem lugar de dúvidas, um processo fundamental para sua inserção no mundo globalizado, em condições de soberania (Luce; Fagundes; Mediel, 2016, p. 320).

O processo de internacionalização no Brasil, que passou por diversas modificações, levadas tanto por aspectos internos (descontinuidade de ações entre diferentes governos, diversidade da educação superior, mudança nas demandas) quanto externas (interesses no estabelecimento de programas multilaterais) pode ser

---

<sup>2</sup> Na década de 90, após o fim do socialismo real, impulsionado pelo processo de globalização, os governos da América Latina passaram a instituir o neoliberalismo e isso contribuiu como agente facilitador da internacionalização (Maués; Dos Santos Bastos, 2017).

organizado em quatro períodos, cada qual com sua motivação (Lima; Contel, 2009). O quadro, a seguir, apresenta uma síntese das fases e motivações da internacionalização do Ensino Superior no Brasil.

**Quadro 1 - Fases e motivações da internacionalização da Educação Superior no Brasil**

<b>Período</b>	<b>Programa</b>	<b>Provedores</b>	<b>Motivação</b>
1º Período - Anos 1930 a 1950	Programas de cooperação acadêmica internacional com ênfase nas missões que traziam professores visitantes	Universidades estrangeiras e brasileiras	Acadêmica: fortalecimento do projeto acadêmico das universidades emergentes
2º Período - Anos 1960 a 1970	Programas de cooperação acadêmica internacional com ênfase na presença de consultores e na concessão de bolsas de estudos para realizar mestrado/doutorado no exterior	*Agências internacionais e Governo brasileiro *Agências nacionais e internacionais	*Político– Acadêmica: reestruturação do sistema educacional superior em consonância com o “modelo americano”
3º Período - Anos 1980 a 1990	*Programas de cooperação acadêmica internacional com ênfase na formação de grupos de estudo e pesquisa em torno de temas de interesse compartilhado *Concessão de bolsas de estudos para realizar doutorado no exterior, em áreas classificadas como estratégicas *Programas de cooperação acadêmica internacional com ênfase na vinda de professores visitantes, na ida de estudantes para realização de poucas disciplinas	*Agências internacionais e Governo brasileiro *Agências nacionais e internacionais *Universidades estrangeiras; instituições de educação superior privadas	*Acadêmico- Mercadológica: a) expansão e consolidação dos programas de pós-graduação stricto sensu b) incremento da pesquisa de ponta em áreas estratégicas c) diferencial competitivo de algumas instituições ou de alguns cursos.
4º Período - Dos anos 2000 em diante	*Programas de cooperação acadêmica internacional com ênfase na formação de grupos de estudo e pesquisa em torno de temas estratégicos e de interesse partilhado. *Concessão de bolsas de estudos para realizar doutorado no exterior em áreas classificadas como estratégicas e sem tradição de pesquisa no País. *Programas de cooperação acadêmica internacional com ênfase na vinda de professores visitantes, na ida de estudantes para realização de poucas disciplinas. *Projetos de criação de universidades federais	* Governo brasileiro *Agências internacionais e Governo brasileiro *Agências nacionais e internacionais *Universidades estrangeiras e instituições brasileiras de educação superior privadas *Corporações internacionais *Universidades corporativas	*Acadêmica, Política, Econômica e Mercadológica: a) Inserção internacional dos programas de pós-graduação stricto sensu b) Incremento da pesquisa de ponta em áreas estratégicas c) Integração regional de caráter inclusivo d) Diferencial competitivo de algumas instituições ou de alguns cursos e) Captação de estudantes

	orientadas pela internacionalização ativa. *Comercialização de serviços educacionais		
--	---	--	--

**Fonte:** Lima; Contel (2009)

Vale ressaltar que a internacionalização no Brasil esteve atrelada ao Estado, que era responsável pela definição de políticas, regulamentação, financiamento e, por isso, até 1998, a mobilidade ocorria apenas na pós-graduação e, após esse período, expandiu-se para bolsas de graduação sanduíche (De Araújo Cruz; Eichler, 2021).

A partir do desenvolvimento do ensino superior no Brasil, ocorrido ao longo do tempo, seja na esfera pública ou privada, a internacionalização passou a chamar mais a atenção das instituições de ensino brasileiras, pois foi vista como um mecanismo para expandir e melhorar a qualidade do ensino e da pesquisa no Brasil (CAPES, 2017). Dessa forma, a internacionalização no Brasil teve e mantém o foco na visibilidade e no reconhecimento internacional das instituições de ensino (Barbosa; Lage, 2017).

O relatório sobre a internacionalização na universidade brasileira, publicado em outubro de 2017, denota que a cooperação internacional é um dos componentes da missão da CAPES e, com isso, passa a ser estratégico para o ensino superior brasileiro. O mesmo documento apresenta:

A internacionalização é encorajada de uma maneira ampla, não apenas através da mobilidade de discentes e docentes, mas também na troca de ideias, na integração da dimensão internacional ao ensino, pesquisa e extensão, funções das instituições de ensino superior. A internacionalização pode ser entendida enquanto um processo amplo e dinâmico envolvendo ensino, pesquisa e prestação de serviços para a sociedade, além de construir um recurso para tornar a educação superior responsiva aos requisitos e desafios de uma sociedade globalizada (CAPES, 2017, p. 6)

O trecho do relatório mostrado acima apresenta uma perspectiva ampla do processo de internacionalização e que precisa ir além da mobilidade estudantil, como já evidenciado anteriormente.

Nesse sentido, Maués e Dos Santos Bastos (2017) apresentam que, ao se analisar algumas políticas de internacionalização da educação superior no Brasil, pode-se chegar à conclusão de que a internacionalização tem sido vista como uma ferramenta fundamental no desenvolvimento da qualidade do ensino superior, mas

chamam a atenção para a necessidade de uma avaliação contínua e qualitativa de todo o processo para identificar o impacto da internacionalização na realidade das políticas educacionais.

É mister saber que o ensino superior brasileiro é regulamentado e acompanhado por órgãos governamentais, como Ministério da Educação – MEC, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (Leite, 2020). Desses, os dois mais importantes órgãos brasileiros de fomento em relação ao financiamento para formação, desenvolvimento de pesquisas, concessão de bolsas e mobilidade externa são a CAPES e o CNPq (Maués; Dos Santos Bastos, 2017).

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES é uma fundação do Ministério da Educação – MEC, que desempenha um papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* em todos os estados da Federação, além de atuar na formação de professores da Educação Básica, com o objetivo de ampliar o alcance de suas ações na qualificação de pessoal tanto no Brasil quanto no exterior (CAPES, 2013).

As atividades da CAPES são agrupadas em linhas de ação, a saber: 1) avaliação da pós-graduação *stricto sensu*; 2) acesso e divulgação da produção científica; 3) investimentos na formação de recursos humanos de alto nível no país e exterior; 4) promoção da cooperação científica internacional e; 5) indução e fomento da formação inicial e continuada de professores para a educação básica nos formatos presencial e a distância (CAPES, 2013). A tabela, a seguir, apresenta um panorama dos programas de cooperação internacional oferecidos pela CAPES. A descrição completa sobre o programa e a finalidade de cada um podem ser encontradas no Apêndice A.

**Tabela 1 - Quantidade de programas de cooperação internacional oferecidos pela CAPES**

<b>País</b>	<b>Nº de acordos</b>	<b>%</b>
Alemanha	7	17,5
Áustria	3	7,5
Canadá	2	5
Estados Unidos	7	17,5
França	3	7,5
Holanda	1	2,5
Japão	1	2,5
Noruega	1	2,5
Portugal	1	2,5
Reino Unido	4	10
Suécia	1	2,5
Multinacional	9	22,5
<b>Total</b>	<b>40</b>	<b>100</b>

**Fonte:** elaborado pelo autor a partir de CAPES (2020)

Nota-se que existem muitos acordos firmados entre o Brasil e diversos países pelo mundo que possibilitam a realização de ações internacionais de ensino e pesquisa entre instituições de ensino superior e/ou centros de pesquisas.

Dentre todos os programas desenvolvidos pela CAPES, destacaremos, a seguir, o Programa Ciência sem Fronteiras – CsF e o Programa Institucional de Internacionalização – CAPES – PrInt, que são considerados os mais importantes programas voltados à internacionalização da educação superior.

O Programa CsF foi instituído pelo governo federal por meio do Decreto nº 7.642 de 13 de dezembro de 2011, que buscava promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira com base no intercâmbio e mobilidade internacional (Brasil, 2022). Dentre seus objetivos, estavam: a) o investimento na formação de pessoal qualificado nas competências e habilidades para o avanço da sociedade do conhecimento; b) aumentar a presença de pesquisadores e estudantes de vários níveis em instituições de excelência no exterior; c) promover a inserção internacional das instituições brasileiras; d) ampliar o conhecimento inovador de pessoal das indústrias tecnológicas; e e) atrair cientistas altamente qualificados para o Brasil (Brasil, 2022).

O Programa CsF apresentava uma clara intenção de investimento na mobilidade estudantil e na atração de pesquisadores estrangeiros para o país com ações bem pontuais. Em 2015, após receber diversas críticas tanto das IES quanto

da mídia, o programa foi descontinuado e uma nova proposta começou a ser planejada (Oliveira, 2018).

O Programa Institucional de Internacionalização – CAPES – PrInt teve início em 2017, tendo, como objetivos, fomentar a construção, implementação e consolidação de planos estratégicos de internacionalização; estimular a formação de redes de pesquisas internacionais para aprimorar a qualidade da produção acadêmica da pós-graduação; ampliar as ações de apoio a internacionalização; promover a mobilidade de docentes e de discentes para o exterior e do exterior para o Brasil, desde que vinculados a programas de pós-graduação com cooperação internacional; fomentar a transformação das instituições em um ambiente internacional e integrar outras ações de fomento da CAPES relacionadas à internacionalização (CAPES, 2020).

O gráfico 1 demonstra a evolução da execução do orçamento destinado pela CAPES em bolsas para o exterior a partir do ano de 2004.

**Gráfico 1 - Execução do orçamento bolsas para o exterior – CAPES**



**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir dos relatórios obtidos em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/orcamento-evolucao-em-reais#A>

O gráfico demonstra um crescimento exponencial de execução do orçamento com valores destinados às bolsas no ano de 2012, com cerca de quinhentos milhões de reais a mais do que no ano anterior, período em que foi lançado o Programa Ciência Sem Fronteira – CsF, cujas bolsas foram oficialmente suspensas no ano de 2016.

O outro órgão de fomento a pesquisas é o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, que foi criado em 1951 e é uma fundação pública vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações; possui, como objetivo, fomentar a pesquisa científica, tecnológica e de inovação, promover o desenvolvimento de recursos humanos qualificados, além de formular e conduzir políticas públicas de ciência, tecnologia e inovação, visando ao desenvolvimento nacional, ao reconhecimento da pesquisa e pesquisadores brasileiros na comunidade internacional (CNPq, s.d).

O CNPq oferece bolsas tanto para estudo no país quanto no exterior, o que favorece o desenvolvimento da internacionalização que está entre seus objetivos, conforme apresentado anteriormente. Existem diversas modalidades de bolsas no exterior, que têm o objetivo de aprimorar a formação dos pesquisadores brasileiros em instituições internacionais conceituadas. O quadro 2 apresenta as modalidades de bolsa, finalidade e duração.

**Quadro 2 - Modalidades de bolsa – CNPq**

<b>Modalidade</b>	<b>Finalidade</b>	<b>Duração</b>
SWG - Graduação Sanduíche	Apoiar a formação de recursos humanos com a realização de parte do curso de graduação em instituição de excelência no exterior	Até 12 meses
Doutorado Pleno – GDE	Formar doutores no exterior em centros de excelência, em áreas do conhecimento consideradas de vanguarda científico-tecnológica.	Até 36 meses, prorrogáveis por até 12 meses.
Doutorado Sanduíche – SWE	Apoio ao aluno formalmente matriculado em curso de doutorado no Brasil para usufruir, no exterior, da oportunidade de aprofundamento teórico, coleta e tratamento de dados da tese a ser defendida no Brasil.	de 3 a 12 meses, condicionado à duração da bolsa de Doutorado no País que, somadas, não podem ultrapassar o período máximo de 48 meses.
Mestrado Profissional no Exterior – MPE	Formar profissionais no exterior em nível de mestrado, em instituições de excelência.	De até 12 (doze) meses, sendo permitida prorrogação, desde que não ultrapasse o tempo total de 24 (vinte e quatro) meses.
Pós-Doutorado – PDE	Possibilitar ao pesquisador a capacitação e atualização de seus conhecimentos em um centro de excelência no exterior.	De 6 a 12 meses, permitida a prorrogação até o prazo total de 24 meses de bolsa.

Estágio Sênior – ESN	Propiciar ao pesquisador o desenvolvimento de projeto de pesquisa ou parte dele em instituição estrangeira.	De 3 a 6 meses.
Treinamento no Exterior – SPE	Apoiar a participação de pesquisadores, especialistas e técnicos em atividades de aperfeiçoamento, reciclagem ou treinamento no exterior.	De 4 a 12 meses.
Desenvolvimento Tecnológico e Inovação no Exterior Junior – DEJ	Apoiar a participação de especialistas, tecnólogos, pessoal técnico-científico, de nível superior em instituições de excelência no exterior.	Máxima de 12 (doze) meses
Desenvolvimento Tecnológico e Inovação no Exterior Sênior – DES	Apoiar a participação de especialistas, tecnólogos, pessoal técnico-científico, com pelo menos 5 anos de experiência, para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, estudos, treinamentos no exterior.	Máxima de 12 (doze) meses

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir dos dados fornecidos pelo CNPq (2020)

A política de investimento em bolsas é um fator crucial para auxiliar o desenvolvimento da internacionalização, uma vez que esses valores contribuem para a manutenção do bolsista no país de destino; ademais, permite, assim, o desenvolvimento dos projetos e a participação em conjunto com instituições estrangeiras.

Com isso, muitas IES no Brasil começaram a direcionar seus esforços para o desenvolvimento de ações de internacionalização. Algumas conseguiram avançar mais do que outras nessa temática, devido, principalmente, às características institucionais. No entanto, há de se reconhecer a busca pelo amadurecimento dos processos ocorrido nas IES, sobretudo na UTFPR, objeto desta tese, como se observa nos próximos tópicos.

#### **1.4. UTFPR E A PROJEÇÃO PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO**

Este tópico tem como objetivo apresentar o histórico do processo de criação da UTFPR e as ações voltadas à internacionalização. Além disso, faremos uma breve abordagem dos principais documentos institucionais que tratam especificamente da internacionalização nessa instituição.

#### 1.4.1. Da Escola de Aprendizes Artífices à Universidade

A UTFPR apresenta uma história diferenciada das demais universidades por ser a primeira a receber a denominação Universidade Tecnológica. Cabe ressaltar que essa universidade não foi criada, mas transformada a partir de outra instituição, o Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – Cefet-PR, sendo esse oriundo da Escola de Aprendizes Artífices, que foi fundada em 1909. Assim, a UTFPR herdou uma longa e expressiva trajetória na educação profissional.

As Escolas de Aprendizes Artífices foram criadas pelo Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, o qual estabelecia, em seu Art. 1º, que o governo federal criaria e manteria, por intermédio do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, uma Escola de Aprendizes Artífices em cada uma das capitais, destinadas ao ensino profissional primário gratuito. Em seu Art. 2º, o decreto apresenta que os cursos ofertados deveriam ser os mais convenientes e necessários ao Estado, de maneira que, sempre que possível, fossem consultadas as especialidades das indústrias locais. Isso demonstra a preocupação com o atendimento das demandas e desenvolvimento local, que não pode ser desconsiderado em qualquer processo educacional, tampouco no processo de internacionalização.

No Paraná, a Escola de Aprendizes Artífices foi inaugurada em 16 de janeiro de 1910, na Praça Carlos Gomes, na cidade de Curitiba. Inicialmente, a Escola contava com 45 alunos matriculados em três cursos: alfaiataria, marcenaria e sapataria. Ao longo do ano, foram abertos também os cursos de serralheiro mecânico e seleiro tapeceiro, finalizando o ano com 219 alunos (Leite, 2010).

De acordo com Lourenço (2011), grandes mudanças na sociedade e na estrutura da Escola de Aprendizes Artífices passaram a acontecer a partir de 1930. Tais mudanças começaram a exigir dos trabalhadores o aperfeiçoamento de suas técnicas, devido à necessidade de atuação na sociedade, em seus mais diversos setores. Esse fator proporcionou um crescimento da instituição que precisou buscar um espaço para atender à sua nova demanda de alunos. Com isso, em 1936, a escola transferiu-se para um novo prédio situado na Avenida Sete de Setembro, esquina com a Rua Desembargador Westphalen.

As mudanças continuaram no ano seguinte e, em 1937, o atendimento oferecido pelas escolas de aprendizes artífices foi ampliado, passando também a

atender o ensino de 1º grau, em respeito ao disposto na Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937; assim, recebeu, a partir daí, a nomenclatura de Liceu Industrial do Paraná (Lourenço, 2011).

O ano de 1942 foi marcado pela assinatura de dois documentos que estabeleciam diretrizes sobre o ensino profissionalizante no âmbito federal. O primeiro deles, o Decreto-lei nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942, tratava da criação do Serviço Nacional de aprendizagem dos Industriários (SENAI). O Decreto-lei surgiu com o intuito de autorizar e regulamentar os estudos voltados à atuação na indústria, como se observa:

Art. 2º Compete ao Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários organizar e administrar, em todo o país, escolas de aprendizagem para industriários.

Parágrafo 2º. Deverão as escolas de aprendizagem, que se organizarem, ministrar ensino de continuação e do aperfeiçoamento e especialização, para trabalhadores industriários não sujeitos à aprendizagem (Brasil, 1942, p.1).

Já o decreto nº 4147, de 25 de fevereiro de 1942, estabeleceu as bases de organização da Rede Federal de Estabelecimentos de Ensino Industrial. Criou as escolas técnicas e as escolas industriais federais, sendo, assim, instituída a Rede Federal de Estabelecimentos de Ensino Industrial. A partir da publicação desse Decreto, o Liceu Industrial do Paraná passou a ser denominado de Escola Técnica de Curitiba.

No mesmo ano, a Lei Orgânica do Ensino Industrial unificou a organização do ensino que passou a se adequar à realidade da industrialização do país, enfatizando a preparação dos trabalhadores para a indústria, transporte, comunicação e pesca (Lourenço, 2011). As mudanças ocorridas a partir dessa lei representaram um avanço no campo educacional, pois foi permitido aos alunos portadores de diplomas de curso técnico a possibilidade de ingressarem em cursos superiores, tirando a característica terminal, que era imposta a eles anteriormente (Leite, 2010).

Em 25 de julho de 1953, a Lei nº 1.920, promulgada pelo governo federal, extinguiu o então Ministério da Educação e Saúde e o transformou em duas pastas independentes: o Ministério da Saúde (MS) e o Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Alguns anos depois a Lei nº 3.552, de 16 de fevereiro de 1959, estabeleceu uma nova organização escolar dos estabelecimentos de ensino industrial do Ministério da Educação e Cultura, colocando como objetivo:

Art 1º É objetivo das escolas de ensino industrial mantidas pelo Ministério da Educação e Cultura:

a) proporcionar base de cultura geral e iniciação técnica que permitam ao educando integrar-se na comunidade e participar do trabalho produtivo ou prosseguir seus estudos;

b) preparar o jovem para o exercício de atividade especializada, de nível médio.

Parágrafo único. O ensino ministrado nesses estabelecimentos se processará de forma a atender às diferenças individuais dos alunos, buscando orientá-los do melhor modo possível, dentro de seus interesses e aptidões (Brasil, 1959, p.1).

Esses objetivos evidenciaram uma preocupação com a formação integral do educando, preparando-o tanto para a atuação especializada da formação que escolher quanto para a continuidade de seus estudos.

A partir da Reforma do Ensino Industrial e da autonomia concedida às instituições de ensino pela promulgação da Lei nº 3.552, de 16 de fevereiro de 1959, a então Escola Técnica de Curitiba passou a chamar-se de Escola Técnica Federal do Paraná – ETFPR (Lourenço, 2011).

As características apresentadas pela ETFPR, construídas ao longo do tempo, foram transformando-a em uma escola de referência, com sua singularidade e capacidade de formar alunos qualificados para atuar nos postos de trabalho exigidos pela sociedade da época.

As preocupações com a formação do currículo, o planejamento de ensino e o olhar diferenciado sobre as questões pedagógicas apresentaram resultados favoráveis na formação dos alunos, comprovadas pelas excelentes colocações alcançadas pelos alunos nos vestibulares da Universidade Federal do Paraná (Leite, 2010).

Esses resultados consolidavam a ETFPR como referência no Estado e no país. Essa condição fez com que a instituição buscasse voos mais altos e, a partir de 1974, foi possível ofertar Cursos superiores de Curta Duração nas áreas de Construção Civil e Elétrica, os chamados Cursos de Engenharia de Operação – CEO (Lourenço, 2011).

Outro momento importante foi a transformação das Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs, por meio da Lei nº 6.545

de 30 de junho de 1978. Segundo a mesma lei, os CEFETs têm por finalidade o oferecimento de educação tecnológica e por objetivos:

I - ministrar em grau superior:

- a) de graduação e pós-graduação lato sensu e stricto sensu, visando à formação de profissionais e especialistas na área tecnológica;
- b) de licenciatura com vistas à formação de professores especializados para as disciplinas específicas do ensino técnico e tecnológico;

II - ministrar cursos técnicos, em nível de 2º grau, visando à formação de técnicos, instrutores e auxiliares de nível médio;

III - ministrar cursos de educação continuada visando à atualização e ao aperfeiçoamento de profissionais na área tecnológica;

IV - realizar pesquisas aplicadas na área tecnológica, estimulando atividades criadoras e estendendo seus benefícios à comunidade mediante cursos e serviços (Brasil, 1978, p.1).

Dentre os objetivos, ressalta-se o importante papel dos CEFETs frente à comunidade, quando direciona suas atividades para o desenvolvimento e entrega dos benefícios por meio de cursos e serviços, na área tecnológica, aos setores demandantes. Assim, tanto o ensino quanto a pesquisa visavam ao desenvolvimento tecnológico.

Evidencia-se o papel dos CEFETs na formação tecnológica do país, em vários níveis de educação, como educação básica, formação continuada e no ensino superior desde a graduação até a pós-graduação. Com isso, novos cursos foram abertos e, em 1999, o CEFET-PR já apresentava 23 habilitações em cursos de tecnologia (Lourenço, 2011).

Com o desenvolvimento industrial e seu movimento de expansão em todo o território nacional, regiões, além das capitais, passaram a contar com indústrias e com a necessidade de profissionais qualificados para atuar nas mais diversas áreas. A escassez de Escolas Técnicas e Industriais no país originou as Unidades de Ensino Descentralizadas (UNEDs), que faziam parte da Rede Federal de Educação Tecnológica, vinculadas ao Ministério da Educação e a algum Centro Federal de Educação Tecnológica, Escola Agrotécnica Federal ou Escola Técnica Federal, das quais eram dependentes administrativa, pedagógica e financeiramente (Leite, 2010).

O movimento de interiorização do ensino aconteceu por meio do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Técnico – Protec, lançado em 04 de julho de 1986, que tinha por objetivo atender à demanda do processo de industrialização, fornecendo

centros de formação de profissionais qualificados em cidades interioranas dos estados.

Em 1987, após análise dos pedidos, o MEC autorizou a criação de duas UNEDs ligadas ao CEFET-PR, uma na cidade de Medianeira e outra na cidade de Cornélio Procópio. Essas entraram em funcionamento nos anos de 1990 e, em 1993, respectivamente. Em 1993, também entrou em funcionamento as UNEDs de Pato Branco e Ponta Grossa e, em 1995, a UNED de Campo Mourão (Leite, 2010; Lourenço, 2011).

Nos anos seguintes, alguns acontecimentos passariam a moldar o caminho do que se conhece hoje como UTFPR. A Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, apresentava algumas características sobre a educação profissional:

Art. 36-A. a preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional, poderão ser desenvolvidas no próprio estabelecimento de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional (Brasil, 1996, p.17).

Esse documento, apesar de apresentar orientações sobre a educação profissional, ainda não evidenciava a maneira como esse processo aconteceria, pois, como a própria lei dizia “[...] **poderão** ser desenvolvidas no próprio estabelecimento de ensino ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional”.

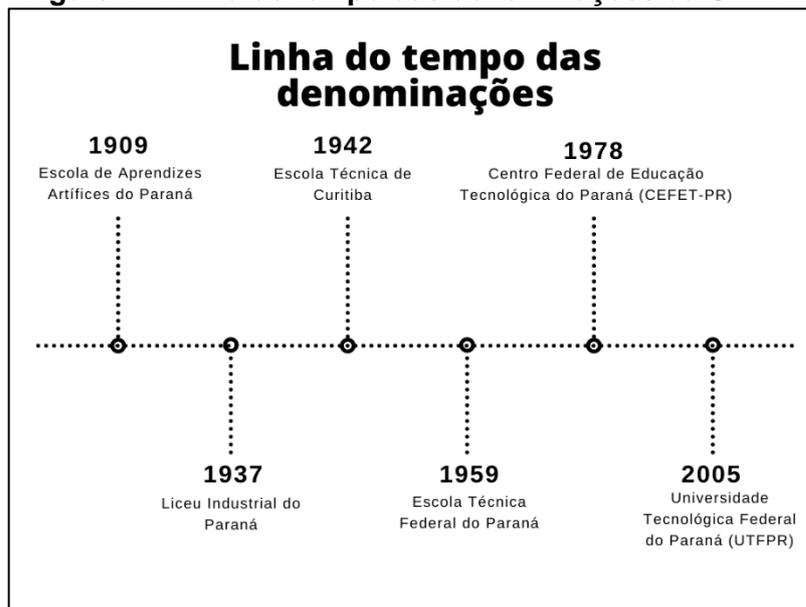
Nesse sentido, em 17 de abril de 1997, foi publicado o Decreto nº 2.208, que regulamentava alguns artigos da Lei nº 9.394/96. Destaca-se o Art. 5º: “A educação profissional de nível técnico terá organização curricular própria e independente do ensino médio, podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial a este”. Além disso, a Portaria Ministerial nº 646 de 14 de maio de 1997 regulamentava a implementação do disposto na Lei nº 9.394/96 e no Decreto 2.208/97, no que tange à educação profissional. Essa portaria reconhecia o ensino técnico concomitante e o subsequente como modalidades de ensino, não permitindo a modalidade integrada ao ensino médio.

Essa condição fez com que, a partir de 1998, o CEFET-PR focasse sua oferta em cursos de ensino superior e pós-graduação *stricto sensu*, conduzindo a

transformação do CEFET-PR em Universidade Tecnológica Federal do Paraná por meio da promulgação da Lei nº 11.184 de 07 de outubro de 2005.

Ao longo dos anos, essa instituição centenária passou por diversas fases e nomenclaturas, que foram moldando sua forma e seu objetivo, como se observa na síntese apresentada na Figura 1.

**Figura 1 - Linha do tempo das denominações da UTFPR**

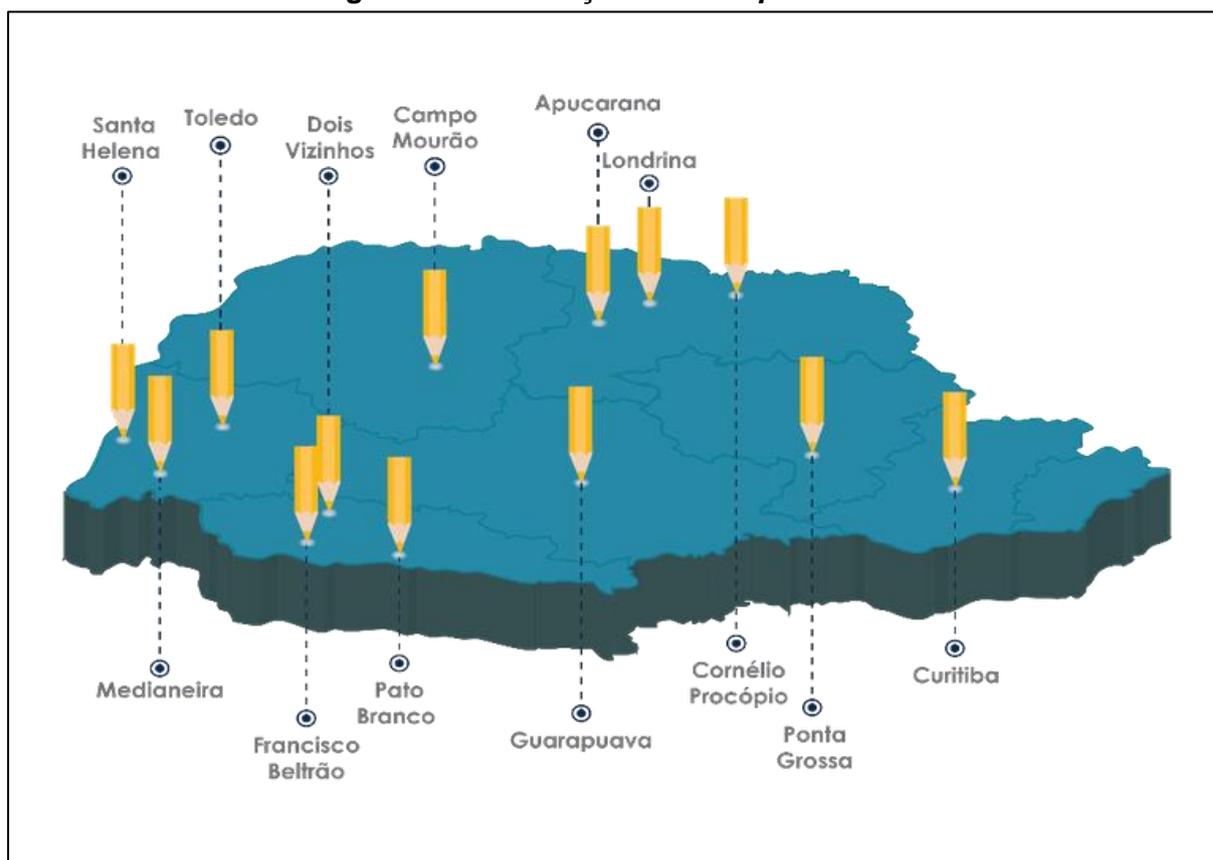


**Fonte:** Elaborado pelo autor

A UTFPR tem como principal foco a graduação, a pós-graduação e a extensão. Possui, distribuídos entre seus 13 *campi*, mais de 110 cursos de graduação (bacharelados, tecnologias e licenciaturas), 70 cursos de especialização e aproximadamente 80 cursos de mestrado e doutorado (UTFPR, 2017). A distribuição dos cursos de acordo com cada *campus* pode ser observada no Apêndice B.

Com ampla abrangência no Paraná, a UTFPR tem 13 *campi* no Estado. Estão localizados nas cidades de Apucarana, Campo Mourão, Cornélio Procópio, Curitiba, Dois Vizinhos, Francisco Beltrão, Guarapuava, Londrina, Medianeira, Pato Branco, Ponta Grossa, Santa Helena e Toledo, conforme se observa na figura abaixo.

**Figura 2 - Distribuição dos campi da UTFPR**



**Fonte:** [http://www.utfpr.edu.br/comunicacao/design/mapa-parana-com-todos-os-campus-da-utfpr/mapa-campus-da-utfpr/image\\_view\\_fullscreen](http://www.utfpr.edu.br/comunicacao/design/mapa-parana-com-todos-os-campus-da-utfpr/mapa-campus-da-utfpr/image_view_fullscreen)

Cada *campus* mantém cursos planejados de acordo com a necessidade da região onde está situado. Uma parte deles oferta cursos técnicos e de graduação; a maioria, somente cursos de graduação e pós-graduação. Todos os cursos de graduação estão autorizados e a grande maioria já foi reconhecida pelo Ministério da Educação.

Sua estrutura universitária está organizada da seguinte forma:

- Conselhos:
  - a. Conselho Universitário – COUNI;
  - b. Conselho de Graduação e Educação Profissional – COGEP;
  - c. Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação – COPPG;
  - d. Conselho de Relações Empresariais e Comunitárias – COEMP;
  - e. Conselho de Planejamento e Administração – COPLAD;
- Reitoria:
  - a. Reitoria, Vice-reitoria, Gabinete e Assessorias;
  - b. Pró-Reitorias;

- i. Pró-Reitoria de Graduação e Educação Profissional – PROGRAD;
    - ii. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROPPG;
    - iii. Pró-Reitoria de Relações Empresariais e Comunitárias – PROREC;
    - iv. Pró-Reitoria de Planejamento e Administração – PROPLAD;
  - c. Diretorias de gestão:
    - i. Diretoria de Comunicação e Imprensa – DIRCOM;
    - ii. Diretoria de Avaliação Institucional – DIRAV;
    - iii. Diretoria de Gestão de Pessoas – DIRGEP;
    - iv. Diretoria de Tecnologia da Informação – DIRGTI;
- *Campus:*
  - a. Diretoria Geral;
  - b. Diretorias:
    - i. Diretoria de Graduação e Educação Profissional – DIRGRAD;
    - ii. Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação – DIRPPG;
    - iii. Diretoria de Relações Empresariais e Comunitárias – DIREC;
    - iv. Diretoria de Planejamento e Administração – DIRPLAD;
  - c. Coordenadorias:
    - i. Coordenadoria de Gestão de Pessoas – COGERH
    - ii. Coordenadoria de Gestão da Informação – COGETI;

No ano de 2023, a UTFPR contava com mais de 3.530 servidores, sendo 2.430 professores e mais de 1.100 técnicos-administrativos. O número de estudantes matriculados nos cursos técnicos, de graduação e pós-graduação passa de 33 mil, conforme se observa na tabela abaixo.

**Tabela 2 - Distribuição de alunos por campus (2023)**

<b>Campus</b>	<b>Graduação</b>	<b>Stricto Sensu</b>	<b>Total</b>	<b>% Geral</b>
Apucarana	1699	15	<b>1714</b>	<b>5,16</b>
Campo Mourão	1502	84	<b>1586</b>	<b>4,78</b>
Cornélio Procópio	2783	193	<b>2976</b>	<b>8,97</b>
Curitiba	9391	1385	<b>10776</b>	<b>32,47</b>
Dois Vizinhos	1605	71	<b>1676</b>	<b>5,05</b>
Francisco Beltrão	827	37	<b>864</b>	<b>2,60</b>
Guarapuava	965	0	<b>965</b>	<b>2,91</b>
Londrina	1889	263	<b>2152</b>	<b>6,48</b>
Medianeira	1441	143	<b>1584</b>	<b>4,77</b>
Pato Branco	2930	339	<b>3269</b>	<b>9,85</b>
Ponta Grossa	3046	420	<b>3466</b>	<b>10,44</b>
Santa Helena	526	27	<b>553</b>	<b>1,67</b>
Toledo	1566	42	<b>1608</b>	<b>4,84</b>
<b>Total</b>	<b>30170</b>	<b>3019</b>	<b>33189</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Os números demonstram que a maior concentração de alunos acontece na capital, *campus* Curitiba. No entanto, observa-se que *campus* interioranos também têm apresentado bons números, como é o caso do *campus* Pato Branco (3º maior número) e do *campus* Toledo (7º maior número).

#### 1.4.2. A UTFPR e o processo de internacionalização

Tendo como característica a prevalência de atuação na área tecnológica, sendo a única até o momento no Brasil com essa nomenclatura, a UTFPR já iniciava suas tratativas de internacionalização ainda na época em que era definida como Escola Técnica. Em 1946, um programa de cooperação entre Brasil e Estados Unidos, com o objetivo de formar professores para atuar no ensino industrial, foi a primeira tentativa de internacionalização ocorrida na instituição (Pazello, 2019).

A partir dessa cooperação, foi criada a Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial – CBAI, por meio da qual especialistas norte-americanos vinham para o Brasil com a finalidade de desenvolver o ensino industrial e, da mesma forma, professores e técnicos brasileiros iam para os Estados Unidos receber treinamentos nos centros de estudos de lá (Leite, 2010).

A partir da criação da CBAI, outros desdobramentos aconteceram, como a criação do Centro de Pesquisa e Treinamento de Professores – CPTP, que ocorreu por volta de 1957 e tinha como sede a Escola Técnica de Curitiba (Pazello, 2019).

Segundo a mesma autora, o CPTP foi um projeto primordial de internacionalização para o Brasil, uma vez que as aulas eram ministradas por um técnico americano. Os moldes como foram construídas as ações, aqui entendidas como internacionalização, refletem importantes características desse processo, como o envio e recebimento de atores.

Em 1985, foi firmado o primeiro convênio de cooperação internacional entre o CEFET-PR e Ministério de Educação do Paraguai, que tinha como objetivo o treinamento de profissionais de educação para atuar na área administrativa (Pazello, 2019). A partir da década de 1990, a UTFPR também passou a desenvolver diversas parcerias com universidades internacionais, destacando-se a Alemanha e a França, já desvelando sua missão, que é de:

[...] desenvolver a educação tecnológica de excelência por meio do ensino, pesquisa e extensão, interagindo de forma ética, sustentável, produtiva e inovadora com a comunidade para o avanço do conhecimento e da sociedade (UTFPR, 2017, p.1)

Em sua visão, que é “ser modelo educacional de desenvolvimento social e referência na área tecnológica” (UTFPR, 2017, p.1), a UTFPR sempre buscou a inovação e a excelência em todas as áreas, inclusive no processo de internacionalização, como observaremos em um breve relato dos Planos de Desenvolvimento Institucional – PDI.

O caminho para a internacionalização começou a ser percorrido muito tempo antes de sua política, como vimos anteriormente. Tal preocupação com esse percurso já estava presente no PDI da instituição. O primeiro PDI publicado pela instituição refere-se ao período 2004-2008 e vem carregado de expectativas pelo fato de ser o primeiro.

Já em sua apresentação, o documento do PDI descreve que o trabalho será fundamentado em três grandes desafios, sendo eles: 1) a definição sobre o papel da UTFPR, elaboração do estatuto, regimento e demais documentos institucionais; 2) a expansão da universidade, que estaria atuando em 10 cidades, a partir do 1º semestre de 2007; 3) considerava como valores da instituição a oferta de diferentes níveis e modalidades de ensino, verticalização, mobilidade, internacionalização da universidade, entre outros (UTFPR, 2004).

Nota-se que a busca pela internacionalização já estava na essência da universidade, sendo vista como um dos desafios que fundamentavam sua construção. Além disso, em sua Política de Ensino, o mesmo documento apresenta a preocupação com a “Flexibilidade Curricular” que permitiria a mobilidade acadêmica, a qual aconteceria mediante a cooperação entre universidades. Tal mobilidade poderia ocorrer no plano interno (*intercampi*) e externo (interuniversitário nacional e internacional).

Para atendimento à mobilidade externa, o documento apresentava as seguintes ações:

- ampliação de programas de dupla diplomação, quer na graduação, quer na pós-graduação;
- realização de estágios e/ou de trabalhos de conclusão de curso no País e no exterior;
- apoio a convênios multilaterais de estudos, pesquisa e desenvolvimento, envolvendo discentes; e
- intercâmbio pedagógico, científico, técnico, tecnológico e cultural entre docentes, pesquisadores e discentes das instituições conveniadas. (UTFPR, 2004, p.37).

Outro ponto, que chama a atenção no documento, refere-se a algumas metas da Pró-Reitoria de Relações com a Comunidade – PROREC. Dentre os objetivos gerais dessa Pró-Reitoria, está a “Integração com a Comunidade e Fortalecimento da Marca”, que apresenta inúmeros objetivos específicos e metas relacionadas à internacionalização, como veremos no quadro a seguir.

**Quadro 3 - Objetivos específicos e metas para a Integração com a Comunidade e Fortalecimento da Marca (PDI 2004-2008)**

Objetivo Específico	Metas
Promover o desenvolvimento de Relações Internacionais entre a UTFPR e outras Instituições.	Ampliar as possibilidades de relações internacionais, por meio de reuniões, encontros e missões.
	Promover encontros e cursos de interculturalidade para estimular o intercâmbio.
	Coordenar o processo de dupla diplomação com novas instituições.
	Negociar com empresas de atuação internacional a oferta de estágios para estrangeiros.
	Negociar com empresas de atuação internacional a oferta de estágios para alunos brasileiros no exterior.

	Negociar com empresas de atuação internacional a oferta de bolsa de estudo para estimular intercâmbio internacional.
	Organizar um banco de dados sobre os intercambistas que participam do processo estabelecido pelos convênios
	Preparar os alunos da UTFPR com conhecimentos necessários para sua melhor adaptação no exterior.
	Assessorar os coordenadores de curso no fechamento de convênios para dupla diplomação.
	Criar um programa de ambientação conjugado com o Curso intensivo de Português para Estrangeiros intercambistas recém-chegados.
	Desenvolver a integração entre os representantes das ARINTs, por meio de reuniões de trabalho em 02 encontros por ano.
	Realizar um programa cultural por semestre para os intercambistas recebidos pela UTFPR.

**Fonte:** Adaptado de UTFPR (2004)

Mesmo que incipiente, aqui, já se começava a desenhar o papel da instituição, com algumas considerações a respeito de ações e estratégias para internacionalizar-se.

O segundo PDI, publicado pela instituição, refere-se ao período 2009-2013 e já apresentava uma estrutura mais robusta do que o anterior. As ações de internacionalização passaram a constar como objetivos estratégicos da instituição, a exemplo do que se observa abaixo.

**Quadro 4 - Objetivos estratégicos para internacionalização (PDI 2009-2013)**

<b>Objetivo Estratégico</b>	<b>Metas</b>
Incentivar a utilização dos procedimentos de mobilidade acadêmica e dupla diplomação.	Ampliar o número de intercâmbios, incentivar convênios, ampliação da mobilidade, ampliação da dupla-diplomação.
Ampliar a participação da UTFPR no cenário universitário nacional e internacional.	Ampliar o número de acordos com instituições nacionais e internacionais

**Fonte:** UTFPR (2009)

No item “Políticas de Ensino”, o PDI 2009-2013 mantém as características e ações apresentadas no PDI 2004-2008, no que se refere à mobilidade acadêmica. No item “Parcerias Institucionais”, o documento apresenta, como meta, a ampliação das

ações de internacionalização por meio de intercâmbios que envolvam estudantes e docentes (UTFPR, 2009).

O terceiro PDI, referente ao período 2013-2017, foi elaborado com base nas dimensões estabelecidas pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES (UTFPR, 2013). A partir de cada uma dessas dimensões, metas foram elaboradas e aquelas, voltadas à internacionalização, serão apresentadas no quadro a seguir.

**Quadro 5 - Dimensões e metas para internacionalização (PDI 2013-2017)**

<b>Dimensão</b>	<b>Metas</b>
“Política para o ensino, pesquisa, pós-graduação e extensão”	Consolidar a inserção regional e fortalecer a participação nacional e internacional dos Programas de Pós-Graduação.
	Ampliar a internacionalização institucional.

**Fonte:** UTFPR (2013)

As ações de internacionalização ficaram focadas apenas em uma dimensão, mas que apresentava desdobramentos ao longo do documento. Ao abordar as “Políticas e Metas dos Cursos de Graduação”, a internacionalização aparece como aspecto a ser consolidado por meio da revisão, modernização e flexibilização dos currículos dos cursos de graduação, de modo a permitir a mobilidade e a dupla-diplomação (UTFPR, 2013).

No item “Parcerias Interinstitucionais”, continua, como meta prioritária, a ampliação da internacionalização, mantendo ainda o intercâmbio de estudantes e docentes, assim como no PDI anterior. De modo geral, esse PDI apresentou menos ações ou propostas voltadas para a internacionalização do que os dois PDIs anteriores.

O PDI 2018-2022 foi elaborado com base nos cinco eixos avaliativos do SINAES, a saber: Eixo 1 – Planejamento e avaliação institucional; Eixo 2 – Desenvolvimento institucional; Eixo 3 – Políticas acadêmicas; Eixo 4 – Políticas de gestão; Eixo 5 – Infraestrutura física (UTFPR, 2017).

As ações voltadas à internacionalização foram apresentadas de acordo com os eixos e a partir deles, com base em macro-objetivos, conforme se observa no quadro a seguir.

**Quadro 6 - Eixos e macro objetivos para a internacionalização (PDI 2018-2022)**

<b>Eixo</b>	<b>Macro objetivos</b>
Eixo 1: Planejamento e avaliação institucional	Ampliar fontes de apoio a estudantes em mobilidade internacional.
Eixo 2: Desenvolvimento institucional	Fomentar a expansão, a consolidação e a internacionalização dos cursos de graduação e dos programas de pós-graduação.
	Promover a capacitação de servidores para internacionalização de atividades docentes e administrativas.
	Promover o intercâmbio de servidores com organizações internacionais
	Vincular a Diretoria de Relações Internacionais à Reitoria.
Eixo 3: Políticas Acadêmicas	Flexibilizar e compatibilizar currículos, valorizando atividades práticas como componentes curriculares dos cursos de graduação, assim como estimular a mobilidade discente e a internacionalização.
	Promover e fomentar a ampliação de acordos de dupla diplomação, na graduação e na pós-graduação, com IES de outros países.
	Aprimorar mecanismos de atração de alunos e de pesquisadores de outros países.
	Promover a cultura da internacionalização.
	Aprimorar mecanismos de inserção e de elevação em rankings nacionais e internacionais.
	Instituir e implementar política de capacitação em línguas estrangeiras para a comunidade universitária.
	Avaliar formas diferenciadas de ingresso aos cursos de graduação, nos casos de vagas ociosas e de fomento à internacionalização.
Eixo 4: Políticas de Gestão	Prover infraestrutura física, pessoal e fomento para internacionalização.
	Promover a ampliação de parcerias com organizações internacionais.
	Promover parcerias internacionais para realização de pesquisas tecnológicas.

**Fonte:** UTFPR (2017)

Observa-se, nesse documento, uma preocupação maior com a internacionalização que passou a ser vista como processo. As ações começaram a contemplar a capacitação dos servidores, estrutura organizacional, avaliação, participação de todas as categorias, que é algo que acontece pela primeira vez nos PDIs.

Os cursos de graduação deveriam, nesse caso, focar seus esforços na construção de currículos que busquem a qualidade e a internacionalização, que está inserida como um dos princípios norteadores da “Política de Graduação” da UTFPR. É citada também nas Políticas de Pesquisa e Pós-Graduação como uma ferramenta de desenvolvimento do diálogo entre o contexto regional e a universidade, mas que evidenciará perspectivas internacionais (UTFPR, 2017).

Outra novidade apresentada nesse PDI é o trabalho da Educação a Distância – EaD como um eixo importante na ampliação de parcerias com outras instituições. Por meio dessa ferramenta, objetiva-se intensificar a realização de encontros, seminários, congressos com alcance nacional e internacional.

Diante dessa análise dos macro-objetivos, a UTFPR pretende se consolidar como referência e alavancar sua inserção internacional, por meio da capacitação dos servidores e do intercâmbio com universidades parceiras, que também terão, como objetivo, despertar o interesse de cooperação de todos os setores da instituição com a inserção da UTFPR no cenário das grandes universidades internacionais (UTFPR, 2017).

Ao realizar uma análise dos PDIs sob a ótica da internacionalização, percebe-se que ela sempre esteve presente no planejamento e que foi ganhando força mediante a realização das ações propostas nos PDIs. Para ilustrar esse percurso, realizou-se uma busca por termos em cada um dos PDIs; o resultado é apresentado na tabela a seguir.

**Tabela 3 - Presença de termos relacionados à Internacionalização nos PDIs**

Termo	PDI			
	2004-2008	2009-2013	2013-2017	2018-2022
Internacional	9	7	6	38
Internacionais	6	5	4	13
Internacionalização	1	1	4	15
Intercâmbio	8	10	6	8
Mobilidade	7	32	7	28
Dupla Diplomação	4	4	1	11
Estrangeiros	2	1	0	4
Exterior	3	2	0	1

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A Tabela 3 mostra que o PDI que menos apresentou terminologias relacionadas à internacionalização foi o “2013-2017”. Chama a atenção o fato de que, em 2017,

iniciaram-se as discussões para elaboração de uma política de internacionalização, por meio da instituição de uma comissão. Por outro lado, notamos que o PDI “2018-2022” foi aquele que mais tratou da temática. Esse resultado pode estar relacionado ao fato de que, para esse período, a Política de Internacionalização da UTFPR já estava vigente, como será visto adiante.

#### 1.4.3. A Política de Internacionalização da UTFPR

Pautada em sua missão, a UTFPR passou a incorporar, em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, a preocupação com a qualidade e o rigor esperados de uma universidade internacionalmente respeitada. A partir daí, iniciou-se o projeto de construção de uma Política de Internacionalização da UTFPR, que definiria as prioridades assumidas pelos diversos setores da instituição nas próximas décadas.

Esse processo iniciou-se a partir da nomeação da Comissão da Política de Internacionalização, por meio da Portaria do Reitor nº 1.761/2017, de 31 de agosto de 2017. Foram realizadas várias reuniões, consultas à comunidade e especialistas, até a produção de uma minuta, que foi colocada em consulta pública. Com as sugestões examinadas, foi produzida a minuta definitiva, que foi submetida à apreciação do Conselho Universitário da UTFPR (COUNI). Foi aprovada em 22 de março de 2018 pela Deliberação nº 05/2018 – COUNI, de maneira que entrou em vigor a partir daí.

A estrutura institucional proposta para tratar da internacionalização é organizada pela Reitoria a partir da Diretoria de Relações Interinstitucionais – DIRINTER, que é composta pelas seguintes funções: a) Diretor de Relações Interinstitucionais; b) Coordenador de Relações Interinstitucionais; c) Coordenação Administrativa do Idioma sem Fronteiras; d) Coordenação Pedagógica do Idioma sem Fronteiras; e) Representantes de cada um dos *campi* das Relações Interinstitucionais.

Essa deliberação, que trata da Política de Internacionalização da UTFPR, está pautada no referencial proposto por Jane Knight, em seus trabalhos intitulados “*Updating the Definition of Internationalization*” (2003) e “*Internationalization Remodeled: Definition, Approaches and Rationales*” (2004), em que, no processo de internacionalização, se integram dimensões internacionais, interculturais e globais com o objetivo de entrega da educação superior. Ainda, conceitua a internacionalização da seguinte forma:

Conjunto de ações planejadas que visam à melhoria da inserção internacional e da qualidade do ensino e da pesquisa, por meio da reciprocidade no processo de construção do conhecimento. Essas ações decorrem da mobilidade de docentes e discentes, parcerias e trocas de experiência, publicação em colaboração, entre outras (COUNI, 2018, p.5).

O documento da Política de Internacionalização da UTFPR é estruturado por: a) uma breve apresentação do percurso histórico da UTFPR em relação à internacionalização; b) por definições que pautaram a elaboração da política; c) pelas estratégias e atividades de internacionalização; d) as premissas para implantação da política; e) descrição da organização administrativa e; f) implantação.

A apresentação do percurso histórico apresenta elementos que estão descritos ao longo deste tópico e, por isso, serão tratados no decorrer do texto. No que diz respeito às definições, o documento preocupa-se em apresentar ao leitor quatro definições que procuram estruturar toda a construção da política, os pilares pelos quais a política se desenha, se entrelaça e se espalha pela instituição. São eles a interculturalidade, a internacionalização, a inserção internacional e a universidade de classe mundial. O quadro, a seguir, mostra uma breve definição dessas terminologias.

**Quadro 7 - Definições presentes na Política de Internacionalização da UTFPR**

<b>Terminologia</b>	<b>Definição</b>
Interculturalidade	Capacidade de interação entre duas ou mais culturas que se modificam e se complementam, respeitando-se as diversidades existentes entre elas.
Internacionalização	Conjunto de ações planejadas que permitem a melhoria dos processos de ensino, pesquisa e inserção internacional através da troca de conhecimento entre os envolvidos, através da mobilidade, parcerias, cooperações, etc.
Inserção Internacional	Reconhecimento, de outros países, do impacto das ações desenvolvidas na formação de capital humano e produção científica e tecnológica da instituição.
Universidade de Classe Mundial	Seus objetivos devem estar atrelados ao desenvolvimento local, sua qualidade traz reconhecimento e visibilidade internacional, atraindo pessoas de diversas partes do mundo.

**Fonte:** Adaptado pelo autor a partir de COUNI (2018)

Esses elementos associados são indicadores para transformar a instituição em uma instituição de prestígio e renome, reconhecida internacionalmente pela qualidade

de seu ensino e pesquisa, tendo, em sua inserção local e global, a aplicação da tecnologia produzida em cooperação com outras instituições.

Para que este objetivo seja alcançado, a política apresenta 11 estratégias de internacionalização que envolvem os mais diversificados atores institucionais, evidenciando o sentido de integralidade institucional (setores, *campi* e reitoria). As ações estão relacionadas ao ensino, pesquisa, extensão, inovação, infraestrutura e divulgação da marca, como se observa no quadro abaixo.

**Quadro 8 - Estratégias de Internacionalização da UTFPR**

<b>Estratégia</b>	<b>Diretrizes</b>
1	Promover a ampliação de parcerias com organizações internacionais.
2	Promover a ampliação de acordos de dupla-diplomação, na graduação e pós-graduação, com instituições de ensino superior de outros países.
3	Promover o intercâmbio de estudantes e servidores com organizações estrangeiras.
4	Intensificar a internacionalização de cursos de graduação, de programas de pós-graduação e extensão.
5	Expandir a cooperação internacional em pesquisa e inovação.
6	Aprimorar mecanismos de atração de alunos e pesquisadores de outros países.
7	Promover a cultura da internacionalização no âmbito da UTFPR.
8	Apoiar o desenvolvimento de projetos não convencionais com foco na internacionalização.
9	Prover infraestrutura e fomento para internacionalizar os setores afins da UTFPR.
10	Promover a internacionalização interna de setores, processos, pessoas e infraestrutura.
11	Promover a visibilidade da UTFPR em âmbito internacional.

**Fonte:** Adaptado pelo autor a partir de COUNI (2018)

Para a implantação da política, o documento apresenta alguns fatores condicionantes e indispensáveis para seu êxito. Esses fatores são: a) Motivação dos servidores; b) Papel dos diversos setores da UTFPR; c) Desenvolvimento e aprovação de parcerias internacionais; d) Financiamento das atividades de internacionalização; e) Priorização setorial para fomento e desenvolvimento de parcerias internacionais. Nesse sentido, uma breve descrição dos fatores é apresentada no quadro a seguir.

**Quadro 9 - Descrição dos fatores condicionantes para implantação da Política de Internacionalização da UTFPR**

Fatores	Descrição
Motivação dos servidores	Apresenta uma série de fatores que visam valorizar o servidor técnico-administrativo ou docente que desenvolva atividades que estejam no escopo da política. Estímulo à concessão de bolsas, afastamentos estão entre as ações.
Papel dos diversos setores da UTFPR	Necessidade de capacitação dos setores para a internacionalização. Mapeamento de demandas, mudanças curriculares, de pesquisa precisam ser discutidas para estarem compatíveis com parâmetros internacionais. Interdisciplinaridade e Interculturalidade. Dinamização dos processos para quem chega e para quem sai.
Desenvolvimento e aprovação de parcerias internacionais	Departamentos e programas da UTFPR devem ser os responsáveis por essas parcerias. Excelência internacional como diretriz. As propostas precisam ter objetivos claros, alinhados com as diretrizes da UTFPR, os benefícios devem ser recíprocos além de terem viabilidade financeira. Manter acordos com América do Norte e Europa e ampliar na América do Sul. As parcerias devem buscar a transformação social dos países menos desenvolvidos.
Financiamento das atividades de internacionalização	Ações serão coordenadas por diferentes setores: Relações Internacionais, Graduação e Pós-graduação, Relações com a Comunidade, Departamentos e Programas. Busca por editais nacionais e internacionais
Priorização setorial para o fomento e desenvolvimento de parcerias internacionais	Prioridade por parcerias com outras instituições de natureza tecnológica.

**Fonte:** Adaptado pelo autor a partir de COUNI (2018)

Nota-se, nessas diretrizes, que existem prioritariamente dois pontos a serem destacados. O primeiro deles está relacionado ao compartilhamento da responsabilidade pelas ações de internacionalização. Não devendo partir exclusivamente da reitoria, programas e departamentos (e todos os que fazem parte dele, sejam docentes ou técnicos-administrativos) precisam estar envolvidos. O segundo ponto relaciona-se à preocupação com o estabelecimento de diretrizes, mas sem burocratizar os processos, tratando com agilidade e assertividade as tratativas oriundas da política.

A Política de Internacionalização está organizada administrativamente pela área de Relações Internacionais (RI), que é apoiada pelas Pró-Reitorias e Departamento de Relações Internacionais nos *campi*. Os diferentes setores deverão manter a área de RI informadas a respeito das ações de internacionalização ocorridas. Como os *campi*, por meio dos departamentos e programas, terão autonomia para buscar iniciativas de internacionalização no ensino, pesquisa, extensão e inovação, é de fundamental importância que esse diálogo com a área de RI seja mantido, de modo a auxiliar, amparar e fiscalizar a execução das ações.

E, por fim, a responsabilidade pela implantação dessa política é compartilhada entre Reitoria, Pró-Reitorias, Diretorias, Direção dos *campi*, Departamentos e Programas. Vale lembrar da necessidade de convergência entre os objetivos da UTFPR e da instituição parceira da definição das ações.

Em seu sítio eletrônico, a UTFPR apresenta diversas informações a respeito da internacionalização. Evidencia dados referentes à mobilidade, cooperação, idiomas, editais, eventos, política de internacionalização, política linguística, perguntas frequentes, contato e notícias.

O link “**Mobilidade**” apresenta informações referentes às ações já desenvolvidas pela universidade. Observa-se que a data de publicação ocorreu em 12/09/2017, anterior à data da aprovação da política de internacionalização da UTFPR, que aconteceu em 22 de março de 2018, por meio da Deliberação nº 05/2018 – COUNI e posterior à criação da Comissão da Política de Internacionalização, ocorrida por meio da Portaria do Reitor nº 1.761/2017, de 31 de agosto de 2017. Isso reforça o fato de que, mesmo antes da política, a instituição já desenvolvia ações internacionais de mobilidade.

No link, são listadas 10 (dez) ações de mobilidade, com informações específicas e que serão sintetizados a seguir. Observa-se que, dentre as ações de mobilidade oferecidas pela UTFPR, encontramos ações voltadas tanto para a graduação quanto para a pós-graduação, a nível multicampi ou isoladas nos *campi*.

- 1) **Brafitec**: Trata-se de um fomento a projetos conjuntos entre instituições brasileiras e francesas, estimulando parcerias universitárias em nível de graduação na área de Engenharia. Podem participar estudantes com nota no Enem igual ou superior a 600 pontos em exame realizado a partir de 2009, ter integralizado no mínimo 40% e no máximo 80% do currículo previsto para seu curso e ter nível de proficiência B1 em francês.

- 2) **Dupla diplomação:** É o processo que possibilita o afastamento temporário do estudante para estudo em instituições estrangeiras conveniadas, seguindo um Plano de Estudos previamente acordado entre as coordenações de curso, para, então, receber dois diplomas, de ambas as instituições. Cada edital de programa de dupla diplomação possui regras próprias, as quais estabelecem requisitos referentes ao período do curso, ao coeficiente de rendimento, à disponibilidade para morar fora do país pelo tempo necessário para completar o programa e ao nível de proficiência no idioma do país receptor.
- 3) **Engenheiro 3i:** O Programa Engenheiro 3i (Indústria, Inovação, Intercultural), concebido dentro da cooperação entre a UTFPR e a Université de Technologie de Compiègne (França). Trata-se de formação complementar à formação regular dos cursos de engenharia; prevê um período de mobilidade internacional de dois semestres letivos, durante os quais serão realizados disciplinas e estágios (grandes empresas e startups) no Brasil e na França. Podem participar estudantes regularmente matriculados em um dos cursos de engenharia dos *campi* Curitiba e Ponta Grossa da UTFPR (exceto Engenharia Ambiental e Sanitária), que estejam cursando o sexto ou o sétimo período no momento da inscrição e possuam coeficiente de rendimento<sup>3</sup> igual ou superior a 0,7. Os candidatos também não podem ter mais de duas reprovações no seu percurso escolar no ensino superior, até o momento da inscrição, considerando o curso atual ou cursos anteriores (no caso de transferência). Devem, também, comprovar o conhecimento dos idiomas francês e inglês, sendo o nível mínimo o B1.
- 4) **Estágio internacional:** É a possibilidade da realização de estágio em empresas no exterior vinculadas a universidades. Nessa modalidade, podem participar estudantes regularmente matriculados nos cursos de graduação, desde que os procedimentos das universidades anfitriãs sejam obedecidos.

---

<sup>3</sup> É o índice que mede o desempenho acadêmico do estudante em cada período letivo. É obtido a partir da relação entre a nota da unidade curricular; a carga horária, em horas; o número total de unidades curriculares cursadas. Quanto maior o coeficiente de rendimento, melhor o desempenho do aluno.

- 5) **OEA-GCUB:** É fruto do Acordo de Cooperação firmado no ano de 2011 entre o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB) e a Organização dos Estados Americanos (OEA). Tem como objetivo contribuir para a integração e o fortalecimento regional das Américas, por meio da formação de estudantes em cursos de pós-graduação stricto sensu, em nível de Mestrado e Doutorado. Podem participar alunos com alto nível acadêmico, trajetória de liderança e alto potencial de impacto para o desenvolvimento socioeconômico de seus países de origem.
- 6) **Marca:** O Programa de Mobilidade Acadêmica Regional para Cursos Acreditados (Marca) tem o objetivo de incentivar a integração regional, possibilitando que estudantes matriculados em cursos acreditados no Sistema ARCU-SUL possam realizar um semestre de mobilidade acadêmica em outro curso acreditado. Fazem parte Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai, Bolívia e Chile. Na UTFPR, o programa é voltado para alunos regularmente matriculados no curso de Agronomia do *campus* Pato Branco, cursando o 4º ou o 5º ano (currículo anual) ou o 5º semestre (currículo semestral), que tenham obtido nota igual ou superior a 600 no ENEM.
- 7) **Mobilidade Estudantil Internacional - MEI:** O programa de Mobilidade Estudantil Internacional é o processo que possibilita o afastamento temporário do estudante para estudo em instituições estrangeiras conveniadas, prevendo que a conclusão do curso se efetive na UTFPR. Podem participar os estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação da UTFPR (exceto aqueles cujo ingresso aconteceu por meio de programas de cooperação), que estejam matriculados no mínimo no período correspondente à metade do curso, e que apresentem coeficiente de rendimento igual ou superior a 0,6500. Também, é necessário apresentar comprovante de proficiência no idioma do país receptor.
- 8) **Programa Paulo Freire de Mobilidade Acadêmica - PMPF:** O Programa Paulo Freire de Mobilidade Acadêmica (PMPF) tem como finalidade possibilitar a mobilidade de estudantes universitários em cursos de formação de professores (licenciaturas), por meio de acordos de cooperação entre governos ibero-americanos e instituições de

educação superior dos países envolvidos no programa. O programa destina-se aos estudantes regularmente matriculados e assíduos em cursos de licenciatura, que tenham cumprido, no momento da candidatura, entre 25% e 75%, da carga horária total do curso, apresentem coeficiente de rendimento mínimo de 0,6 e tenham conhecimento da língua em que os estudos serão realizados, no mínimo em nível básico.

- 9) **PEC-G:** O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) permite que a UTFPR receba cidadãos de países em desenvolvimento para realização de um curso de graduação completo. É voltado a estudantes estrangeiros de 18 a, preferencialmente, 23 anos, que tenham nascido e residam em um dos países participantes do programa, tenham concluído ou estejam em processo de conclusão do ensino médio e não sejam portadores de visto permanente ou temporário para o Brasil.
- 10) **PROPAT:** O Programa de Bolsas de Pós-graduação em Pecuária e Agricultura Tropicais Brasil-México é uma parceria entre México e Brasil para promover a qualificação profissional de estudantes mexicanos. O Programa consiste em receber estudantes mexicanos, oriundos de minifúndios ou terras comunais com perfil socioeconômico de baixa renda, para a realização de cursos de mestrados acadêmicos ou profissionalizantes nas áreas de Pecuária e Agricultura Tropicais, Zootecnia de Trópico e Silvicultura Tropical.

O link **“Cooperação”** apresenta informações referentes às instituições parceiras, acordos de dupla diplomação, redes, associações e orientações sobre como estabelecer uma parceria.

O ícone **“Instituições Parceiras”** apresenta uma lista com os nomes e links das instituições separados por países. Ao todo, são 106 instituições distribuídas entre 32 países, conforme se observa na tabela abaixo.

**Tabela 4 - Quantidade de acordos de Cooperação Internacional – UTFPR (até 2022)**

<b>País</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Alemanha	7	6,6
Arábia Saudita	1	0,9
Argentina	3	2,8
Austrália	2	1,9
Bélgica	1	0,9
Canadá	3	2,8
Chile	1	0,9
Colômbia	5	4,7
Coréia do Sul	1	0,9
Cuba	1	0,9
Dinamarca	1	0,9
Equador	2	1,9
Espanha	6	5,7
Estados Unidos	5	4,7
França	13	12,3
Hungria	1	0,9
Itália	8	7,5
Japão	6	5,7
Líbia	1	0,9
México	2	1,9
Moçambique	1	0,9
Países Baixos	1	0,9
Paraguai	2	1,9
Peru	3	2,8
Rússia	1	0,9
Polônia	2	1,9
Portugal	16	15,1
Reino Unido	1	0,9
Rússia	2	1,9
Suécia	3	2,8
Turquia	2	1,9
Ucrânia	2	1,9

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir de  
<https://portal.utfpr.edu.br/internacional/cooperacao/parceiros>

Outra ação de internacionalização desenvolvida pela UTFPR é a dupla diplomação que permite que o estudante se afaste temporariamente para estudar em uma instituição estrangeira conveniada, seguindo um plano de estudos que foi previamente acordado entre as coordenações de ambas as instituições, para que, ao término, o estudante possa receber dois diplomas, um de cada instituição. A UTFPR possui acordos de dupla diplomação com instituições de diversos países, tanto na graduação quanto na pós-graduação, como se observa a seguir.

Quadro 10 - Distribuição da dupla diplomação na UTFPR

<b>Nível de Ensino</b>	<b>Cursos</b>	<b>Campus</b>	<b>Países</b>
Graduação	Administração	Curitiba	Portugal
	Agronomia	Pato Branco	Argentina
	Ciência da Computação	Campo Mourão	Portugal
		Medianeira	
	Ciências Contábeis	Pato Branco	Portugal
	Comunicação Organizacional	Curitiba	Portugal
	Engenharia Ambiental	Campo Mourão	França e Portugal
		Curitiba	
		Francisco Beltrão	
		Londrina	
	Engenharia Civil	Medianeira	Espanha, França e Portugal
		Curitiba	
		Guarapuava	
		Pato Branco	
	Engenharia de Alimentos	Toledo	França e Portugal
		Campo Mourão	
		Francisco Beltrão	
	Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia	Medianeira	França
		Dois Vizinhos	
		Ponta Grossa	
Engenharia de Computação	Toledo	França e Portugal	
	Apucarana		
	Cornélio Procópio		
	Curitiba		
	Pato Branco		
Engenharia de Controle e Automação	Toledo	França	
	Cornélio Procópio		
Engenharia de Materiais	Curitiba		
Engenharia de Produção	Londrina	França	
Engenharia de Software	Ponta Grossa	França	
Engenharia Elétrica	Dois Vizinhos	Portugal	
	Apucarana	França	
	Cornélio Procópio		
	Curitiba		
	Medianeira		
	Pato Branco		
Ponta Grossa			
Engenharia Eletrônica	Campo Mourão	França e Portugal	

		Cornélio Procópio	
		Curitiba	
		Ponta Grossa	
		Toledo	
	Engenharia Florestal	Dois Vizinhos	Argentina
	Engenharia Mecânica	Cornélio Procópio	França e Portugal
		Curitiba	
		Guarapuava	
		Londrina	
		Pato Branco	
Engenharia Mecatrônica	Curitiba	França e Portugal	
Engenharia Química	Apucarana	França e Portugal	
	Campo Mourão		
	Francisco Beltrão		
	Londrina		
	Ponta Grossa		
Licenciatura em Ciências Biológicas	Dois Vizinhos	Argentina e Portugal	
Pós-graduação	Engenharia Civil	Curitiba	Japão
	Engenharia de Produção	Ponta Grossa	Japão e Portugal
	Engenharia Elétrica e Informática Industrial	Curitiba	Japão
	Engenharia Mecânica e de Materiais	Curitiba	Japão

**Fonte:** Adaptado de UTFPR (2023)

Além disso, a UTFPR faz parte de redes e associações para facilitar o processo de internacionalização, como podemos observar no Quadro 11.

**Quadro 11 - Redes e Associações da UTFPR**

AUIP	<i>Asociación Universitaria Iberoamericana de Postgrado</i>
FAUBAI	Associação Brasileira de Educação Internacional
GrEen NetworkIng And cCloud computing	<i>Erasmus Mundus Joint Masters Degree in GENIAL</i>
GCUB	Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras
UDUAL	<i>Unión de Universidades de América Latina y el Caribe</i>
RUTPAL	<i>Red de Universidades Tecnológicas y Politécnicas de América Latina y el Caribe</i>

**Fonte:** Adaptado de UTFPR (2017)

Tais filiações têm como objetivo fortalecer a educação técnica, politécnica e tecnológica, tornando-a um instrumento para enfrentar os desafios da globalização (Pazello, 2019).

Nesse sentido, a instituição orienta o desenvolvimento de parcerias e disponibiliza os caminhos de como isso deve acontecer. No link “**como estabelecer uma parceira**”, é apresentado o passo-a-passo desse processo. O processo de assinatura de acordos de cooperação entre a UTFPR e instituições de ensino e/ou pesquisa estrangeira é coordenado pelo Escritório Internacional e é baseado no Parecer Referencial nº 05/2016/LB/PF-UTFPR/PGF/AGU. O Escritório Internacional é o responsável por analisar a proposta e indicar os encaminhamentos necessários para assinatura do acordo. Os acordos podem ser resultantes de relações de cooperação de diversas frentes, como departamentos acadêmicos, programas de pós-graduação, laboratórios, grupos de pesquisa, servidores, além do próprio Escritório Internacional.

No link “**Idiomas**”, são apresentadas ações que vão além das ações referentes à Mobilidade e à Cooperação e, por isso, a UTFPR busca a ampliação do processo de internacionalização por meio de oportunidades de ensino de idiomas por meio do Idioma sem Fronteiras (IsF) e Estágios Linguísticos-Culturais.

O Idioma sem Fronteiras (IsF) tem como principal objetivo incentivar o aprendizado de línguas estrangeiras e, assim, promover uma mudança abrangente e estruturante no ensino de idiomas estrangeiros nas universidades do país; é um programa promovido pelo ministério da Educação – MEC, por meio da Secretaria de Educação Superior – SESu e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (UTFPR, 2017). Na UTFPR, as ações são voltadas à proficiência em língua inglesa e ao desenvolvimento de habilidades para outras línguas.

O Núcleo de Línguas (NuLi) é o responsável pela execução do programa IsF na instituição. Dentre as ações voltadas à língua inglesa, destacam-se: oferta, nos 13 *campi*, de testes de nivelamento e proficiência - o exame TOEFL ITP; ensino de inglês on-line - My English Online (MEO); ensino presencial, nos *campi* Curitiba e Pato Branco, para estudantes e servidores que tenham realizado o exame TOEFL ITP ou que estejam com matrícula ativa no MEO; minicursos, oficinas e *conversation club*, voltados ao público em geral, sem necessidade de possuir conhecimento prévio na língua ou ter realizado o TOEFL ITP.

A UTFPR também tem apoiado a capacitação linguística de seus servidores por meio de estágios linguísticos-culturais em instituições parceiras. Para realização desse estágio, os servidores precisam passar por uma seleção interna, regida por editais próprios, e os selecionados têm a oportunidade de fazer um curso intensivo de idiomas, além de realizar atividades culturais e acadêmicas na instituição/país de destino. Foram realizadas três edições de estágio no idioma francês por meio da *Université de Technologie de Compiègne*, França; e uma edição no idioma inglês oferecida pelo *Institute of Technology Tallaght*, Irlanda (UTFPR, 2017).

#### 1.4.4. A UTFPR *campus* Toledo

Localizado na região oeste do Paraná, o município de Toledo possui sua população estimada em 156.123 habitantes (IBGE, 2022). É considerada a capital do agronegócio no Paraná, estando entre os maiores produtores de grãos do estado e reconhecida pela qualidade da educação pública (UTFPR, 2016).

Em 2006, devido ao projeto de expansão da rede pública federal de ensino e da promulgação da Lei nº 11.184 de 07 de outubro de 2005, que transformou o CEFET-PR em universidade, a Prefeitura Municipal de Toledo, em conjunto com a Fundação Educacional de Toledo – FUNET, protocolou, junto ao Governo Federal, o pedido de implantação do *campus* Toledo. Tal pedido contou com o apoio de diversos parlamentares da região e todo o contexto contribuiu para que o pedido fosse aceito; assim, já no mesmo ano, realizou-se o processo seletivo para ingresso no Curso Técnico em Gastronomia Integrado ao Ensino Médio.

O *campus* Toledo iniciou suas atividades em 08 de janeiro de 2007 com sede provisória nas dependências da FUNET, localizada na Rua General Rondon, nº 2201, Jardim La Salle. Sua inauguração aconteceu oficialmente em 05 de fevereiro de 2007 e as atividades do Curso Técnico em Gastronomia iniciaram em 12 de fevereiro de 2007. No início, o *campus* Toledo contava com 25 servidores, sendo 4 deles oriundos de remoção do *campus* Medianeira e os outros 21, nomeados a partir de concursos públicos.

Os primeiros editais para provimento de vagas para servidores efetivos, docentes e técnicos administrativos, foram os editais nº 049/2006 e nº 052/2006, respectivamente.

A expectativa de sucesso da instituição na cidade e região fez com que rapidamente se pensasse na verticalização do ensino. Então, em agosto de 2007, iniciaram-se as aulas do primeiro curso superior da instituição, o curso superior de Tecnologia em Processos Químicos.

Preocupado em atender às demandas locais e regionais e atento ao desenvolvimento institucional, o *campus* precisou se reorganizar e, em 2009, o Curso Técnico em Gastronomia deu lugar ao Curso Técnico em Informática, também Integrado ao Ensino Médio. No mesmo ano, o curso de Engenharia Industrial Elétrica com ênfase em Automação iniciou as suas atividades.

O ano de 2010 foi marcado pela abertura dos cursos de Engenharia Civil e Licenciatura em Matemática, o que foi um motivo de alegria e reconhecimento, já que, em tão pouco tempo, o *campus* Toledo já se consolidava como uma das principais instituições de ensino da região. No entanto, em virtude de políticas internas motivadas a partir da adesão ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, que incentivava o desenvolvimento da educação superior por meio de recursos para expansão física e de pessoal, a UTFPR suspendeu a entrada de cursos integrados ao ensino médio. Outro fato importante, ocorrido em 2010, foi a mudança da nomenclatura e da matriz curricular do curso de Engenharia Elétrica, que passou a ser ofertado como Engenharia Eletrônica, atendendo às recomendações feitas pelo novo catálogo de cursos publicado pelo Ministério da Educação, ainda no ano de 2009.

Em 2013, aconteceu a formatura da última turma do Curso Técnico em Informática. Em 2014, iniciaram as atividades do Curso Superior de Tecnologia em Sistemas para Internet, que veio a partir da verticalização do Curso Técnico em Informática. Nesse mesmo ano, o *campus* conseguiu autorização para abertura de mais dois cursos superiores, Engenharia da Computação, Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia, que iniciaram suas atividades no ano de 2015.

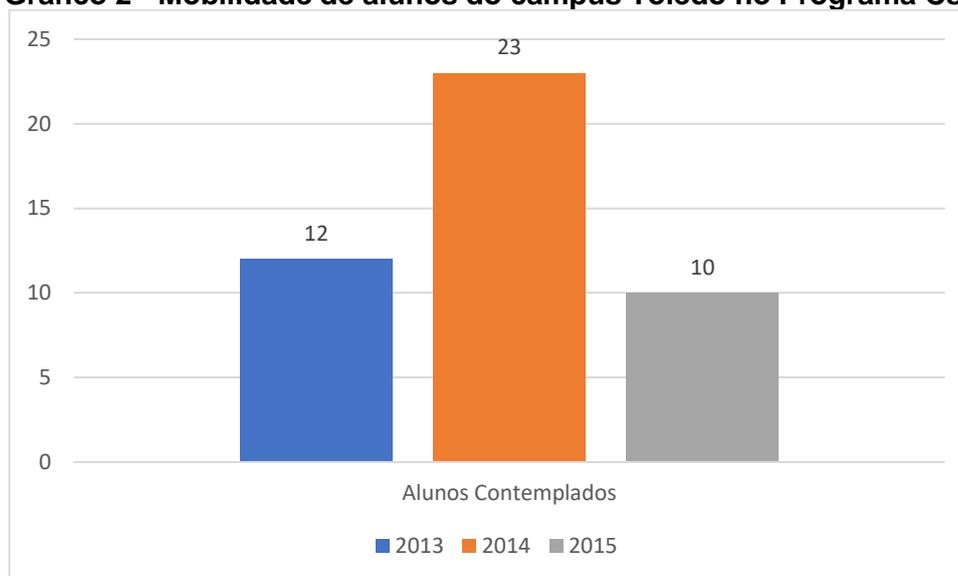
Para continuar o processo de verticalização do ensino, em 2015, uma nova conquista foi alcançada, a autorização de abertura do primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* em Processos Químicos e Biotecnológicos, nível de mestrado acadêmico. Em 2017, foi obtida a autorização para abertura do curso de mestrado profissional em Matemática e, em 2019, veio a autorização para o Programa de Pós-Graduação em Tecnologias em Biociências, em nível de mestrado profissional.

No encerramento do período letivo de 2023, o *campus* Toledo contava com 1805 alunos matriculados nos cursos de graduação e 48 alunos nos cursos de pós-graduação *Stricto Sensu*. Esse montante estava distribuído em 07 cursos de graduação e 3 cursos de pós-graduação. Além disso, em 2023, possuía um quadro de servidores composto por 182 pessoas, sendo 117 professores efetivos, 08 professores substitutos e 57 técnicos administrativos. Contava também com 22 postos de trabalho terceirizados, sendo 10 zeladoras, 4 vigilantes, 4 auxiliares de serviços gerais, 3 recepcionistas e 1 motorista.

#### 1.4.5. A internacionalização da UTFPR *campus* Toledo

As ações de internacionalização na UTFPR *campus* Toledo iniciam muito antes da Política de Internacionalização, um período em que ainda não se tinha uma organização a nível institucional e que os processos aconteciam apenas por meio de editais externos.

Os primeiros registros de internacionalização no *campus* iniciam em 2013, sendo o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) a principal fonte de fomento para esse processo que, assim, ocorreu até 2015, ano do último registro de saída de alunos para o exterior com base nesse programa. As saídas ocorridas em 2015 são provenientes dos editais publicados ainda em 2014 e que foram descontinuados posteriormente em virtude do encerramento de suas atividades. O Gráfico 2 demonstra a evolução da mobilidade na UTFPR *campus* Toledo por meio do Programa CsF.

**Gráfico 2 - Mobilidade de alunos do campus Toledo no Programa CsF**

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Em relação aos países escolhidos pelos alunos contemplados pelo Programa CsF, destaca-se uma predominância de escolha por países localizados no continente americano, especialmente nos Estados Unidos da América e Canadá, como se observa na tabela abaixo.

**Tabela 5 - Distribuição dos países escolhidos no Programa CsF**

País	N	%
Alemanha	4	8,89
Austrália	3	6,67
Canadá	5	11,11
EUA	23	51,11
França	4	8,89
Holanda	1	2,22
Hungria	1	2,22
Itália	2	4,44
Suécia	2	4,44
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Outro dado referente ao Programa CsF está relacionado aos cursos da UTFPR *campus* Toledo, que tiveram alunos contemplados. Observa-se uma preponderância do curso de Engenharia Civil, com 75,56%.

**Tabela 6 - Distribuição dos estudantes contemplados por curso de graduação**

<b>Curso</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Engenharia Civil	34	75,56
Engenharia Eletrônica	7	15,56
Lic. em Matemática	2	4,44
Tec. em Processos Químicos	2	4,44
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Outro programa desenvolvido no *campus* Toledo foi o Programa de Licenciaturas Internacionais – PLI, no qual instituições brasileiras de ensino superior, que ofereciam licenciaturas em biologia, física, matemática, química e português, poderiam apresentar projetos, os quais, se selecionados, permitiriam aos estudantes concorrer a bolsas de graduação sanduíche por um período que variava de 12 a 22 meses, em instituições de ensino superior de Portugal. O início das atividades dos alunos nas instituições portuguesas ocorreu em agosto de 2015 e o *campus* Toledo contou com a participação de 5 alunos do curso de Licenciatura em Matemática.

Esses dados mostram que, mesmo sem uma política institucionalizada de internacionalização, o *campus* Toledo estava atento aos editais de agências de fomento e alinhado com as diretrizes propostas no PDI, buscando a mobilidade, os acordos interinstitucionais e a flexibilidade curricular.

A partir da aprovação e implantação da Política de Internacionalização da UTFPR, o *campus* Toledo, assim como todos os demais *campi* da UTFPR, passou a seguir e pautar suas ações de internacionalização de acordo com as recomendações contidas naquele documento, buscando atender às estratégias de internacionalização lá propostas. Os resultados dessas ações serão analisados mais adiante.

## 2. METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa é definida como sendo de natureza descritiva-analítica, com a utilização do método fenomenológico. A fenomenologia tem como principal objetivo a investigação direta e a descrição do fenômeno, ou seja, tem seu fundamento na descrição e na análise ou explicação de tal realidade (Martins; Esposito, 1992).

Descrevendo algo para um indivíduo que não conhece determinado objeto ou características a respeito, a descrição só terá um bom efeito se facilitar ao leitor/ouvinte a compreensão do objeto descrito e, por isso, seu foco está relacionado à capacidade de criação dessa condição e não à exatidão ou relato dos detalhes do objeto descrito (Martins; Bicudo, 1989). Por esse motivo, segundo os mesmos autores, não se pode afirmar que uma descrição é verdadeira ou falsa, pois existem duas possibilidades para a descrição do fenômeno: 1) ou ela é precisa, equilibrada e com muitas abordagens sobre o objeto; ou 2) ela não consegue descrever o objeto, ocasionando uma má interpretação (Martins; Bicudo, 1989). A descrição não pode estar impregnada de valores ou de qualquer outro elemento externo.

O estudo descritivo-analítico permitiu também o levantamento de dados quantitativos e qualitativos que envolveram uma análise crítica das informações coletadas na tentativa de explicitar o contexto do fenômeno da Internacionalização no âmbito da Universidade Tecnológica Federal do Paraná *campus* Toledo.

Como técnicas, o estudo contou com a utilização do estudo de caso, que deve ser aplicada quando do estudo de eventos contemporâneos, em situações em que comportamentos relevantes não podem ser manipulados, mas onde é possível se fazer observações diretas e entrevistas sistemáticas (Yin, 2005). Segundo o autor, essa técnica se caracteriza pela capacidade de lidar com uma completa variedade de fontes, como documentos, artefatos, entrevistas e observações, podendo estar focado em um caso único ou em múltiplos.

Além disso, o estudo contou também com a aplicação da técnica de análise de conteúdo, a qual pode ser definida como um conjunto de instrumentos e técnicas utilizados na análise das comunicações (Bardin, 2016), que se esforça para resolver ambiguidades e aprimorar a interpretação dos dados acumulados (Mozzato e Grzybovski, 2011).

## 2.1. TÉCNICAS DE PESQUISA

Foi empregada a técnica de Estudo de Caso, com a aplicação dos seguintes princípios (Yin, 2005):

- 1) de Múltiplas Fontes de Evidências, com base no conhecimento científico por meio da análise de documentos e de dados arquivados.
- 2) da Criação de uma Base de Dados do Estudo de Caso, com o objetivo de registrar e disponibilizar posteriormente todas as evidências, dados, documentos e reportes sobre o caso em estudo;
- 3) da Manutenção de uma Cadeia de Evidências, com o objetivo de melhorar a fidedignidade do estudo e explicitar aos futuros observadores as evidências obtidas para as questões iniciais e como elas foram relacionadas às conclusões.

Além disso, aplicou-se também a técnica de Análise de Conteúdo, que é organizada sistematicamente a partir de três fases: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material; 3) Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (Bardin, 2016).

A primeira fase, a **Pré-análise**, tem como objetivo operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais, de modo a estabelecer indicadores que auxiliarão a interpretação dos dados coletados (Silva; Fossa, 2015; Bardin, 2016). Essa fase permitirá a escolha dos documentos a serem analisados por meio da elaboração das hipóteses, dos objetivos e a definição dos indicadores que fundamentarão a interpretação final (Bardin, 2016). Essa fase é dividida em 4 etapas, a saber (Silva; Fossa, 2015):

- 1) Leitura flutuante: trata-se do primeiro contato com os documentos que serão utilizados na coleta de dados; aqui, o pesquisador passa a conhecer os textos e demais fontes que serão utilizadas;
- 2) Escolha dos documentos: é a definição do *corpus* de análise, que são os documentos que passarão por procedimentos analíticos;
- 3) Formulação das hipóteses e objetivos: essa fase acontece a partir da leitura inicial dos dados;
- 4) Elaboração de indicadores: serão utilizados na interpretação do material coletado.

Nessa fase, Bardin (2016) apresenta as seguintes regras para a escolha dos documentos que serão analisados:

- a) Regra da exaustividade: uma vez definido o *corpus*, é preciso se apropriar de todos os elementos que constituem esse *corpus*. Não se pode deixar de fora nenhum elemento, qualquer que seja a razão;
- b) Regra da representatividade: a análise pode ser feita a partir de uma amostra, desde que o material seja condizente. Os resultados obtidos com a amostra só serão generalizados se a amostra for parte representativa do universo inicial;
- c) Regra da homogeneidade: os documentos retidos devem ser homogêneos, obedecendo a critérios precisos de escolha, além de não apresentar muita singularidade fora desses critérios;
- d) Regra da pertinência: os documentos retidos devem ser adequados à proposta do estudo e corresponder ao objetivo que suscita a análise;

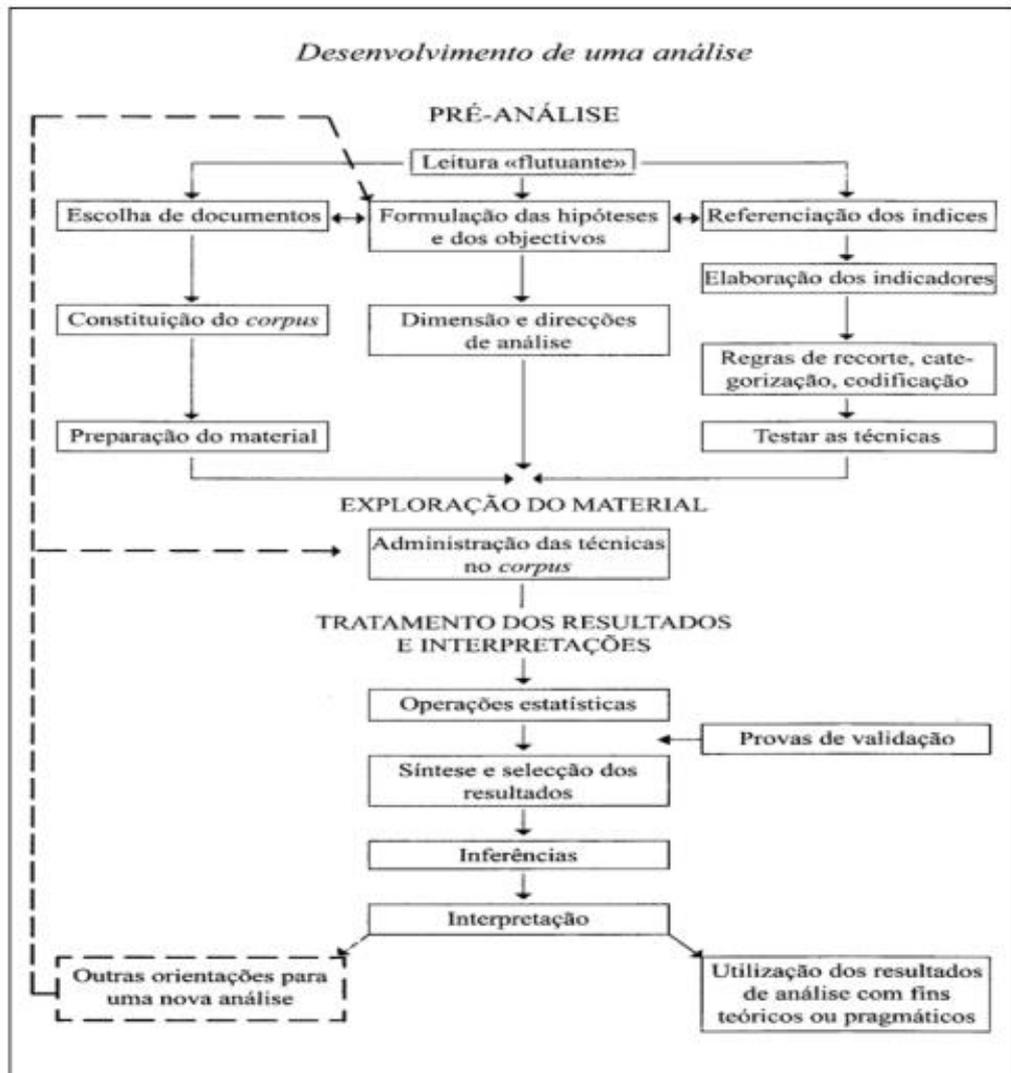
Após finalização da primeira fase, inicia-se a segunda, que é a **Exploração do material**. Essa fase consiste em operações de codificação, decomposição, enumeração em função das regras formuladas previamente (Bardin, 2016). A codificação consiste em transformar recortes de textos em unidades de registro, cujas informações serão contadas e agregadas em categorias simbólicas ou temáticas (Silva; Fossa, 2015). Segundo os mesmos autores, após leitura dos parágrafos, as palavras-chave serão identificadas e a primeira categorização será realizada, já que essas categorias serão agrupadas de acordo com os temas correlatos. Na sequência, as categorias iniciais irão se agrupar de acordo com o tema e formarão as categorias intermediárias que, posteriormente, se transformarão em categorias finais, após aglutinação dos temas.

Sintetizando o processo da segunda fase, os textos serão recortados em unidades de registro, agrupadas de acordo com a temática em categorias iniciais, intermediárias e finais, a partir das quais será realizado o tratamento dos dados.

A terceira fase é o **Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação** e consiste na capacidade de captar os conteúdos de destaque presentes no material coletado, analisando-os comparativamente por meio da justaposição das categorias, com a identificação dos aspectos semelhantes e dos divergentes (Silva; Fossa, 2015). As operações estatísticas favorecem o estabelecimento de quadros, diagramas,

figuras que sintetizam e destacam as informações encontradas na análise (Bardin, 2016). A seguir, temos as etapas percorridas na análise de conteúdo, de maneira sistematizada.

**Figura 3 - Etapas para o desenvolvimento de uma análise de conteúdo**



**Fonte:** Bardin (2016)

A partir dos resultados, o pesquisador pode propor inferências e interpretações no que diz respeito aos objetivos previstos ou servir de base para uma outra análise em torno de novas dimensões teóricas (Bardin, 2016).

## 2.2. INSTRUMENTOS E COLETA DE DADOS

Para desenvolvimento da pesquisa, foi realizada uma análise de documentos internos da instituição, tendo, na Política de Internacionalização da UTFPR, o ponto de partida para verificação e avaliação do fenômeno da internacionalização na UTFPR *campus* Toledo.

Como já apresentado anteriormente, a pesquisa pauta-se em três perguntas que nortearam todo o percurso investigativo. A primeira delas foi: **“Como as ações de internacionalização têm sido desenvolvidas no âmbito da UTFPR *campus* Toledo a partir da publicação da sua política de internacionalização?”**

Para responder a essa pergunta, realizou-se o levantamento dos dados indicados nos mecanismos de monitoramento de cada uma das onze estratégias da Política de Internacionalização da UTFPR, que serão apresentadas a seguir.

A estratégia 1 consiste em **“Promover a ampliação de parcerias com organizações internacionais”** e tem, como mecanismos de monitoramento, a relação das organizações contatadas e visitadas com vistas ao estabelecimento de parcerias e à relação de acordos de cooperação vigentes e finalizados.

A estratégia 2 visa **“Promover a ampliação de acordos de dupla-diplomação, na graduação e pós-graduação, com instituições de ensino superior de outros países”** e tem, como mecanismos de monitoramento, a relação das universidades com as quais se pretende estabelecer acordos de dupla-diplomação e a relação atualizada dos acordos de dupla-diplomação vigentes.

A estratégia 3 objetiva **“Promover o intercâmbio de estudantes e servidores com organizações estrangeiras”**, de maneira que tem, como mecanismos de monitoramento, a relação dos estudantes em Mobilidade Internacional, de servidores em afastamento para estudos no exterior, de professores estrangeiros na UTFPR e de servidores com proficiência nas línguas inglês, espanhol, francês e alemão.

A estratégia 4 consiste em **“Intensificar a internacionalização de cursos de graduação, de programas de pós-graduação e extensão”** e tem, como mecanismos de monitoramento, o relatório anual dos aspectos que caracterizem a diversidade internacional (origem dos estudantes internacionais, local de destino dos estudantes da UTFPR); análise anual das políticas de ingresso e transferência de crédito quanto à flexibilidade e implantação; informe por parte dos Chefes de Departamento e Coordenadores de curso, de mudanças que incrementem o processo

de internacionalização; informe anual dos setores vinculados à oferta de cursos de línguas estrangeiras e do número de alunos concluintes; relato anual do número de disciplinas ofertadas em inglês e espanhol.

A estratégia 5 visa “**Expandir a cooperação internacional em pesquisa e inovação**” e tem, como mecanismos de monitoramento, a relação atualizada dos acordos de cooperação com objeto específico em pesquisa; relação atualizada de alunos de mestrado e doutorado participando em projetos de pesquisa internacionais; informe anual da relação de professores que participaram de atividades internacionais (congressos, seminários, entre outros), bem como de acadêmicos internacionais (alunos e professores) que trabalham em projetos de pesquisa colaborativos; relação atualizada das publicações resultantes de colaboração internacional e relação atualizada de professores de outras universidades coorientando alunos da UTFPR.

A estratégia 6 objetiva “**Aprimorar mecanismos de atração de alunos e pesquisadores de outros países**”, a qual tem, como mecanismos de monitoramento, a relação atualizada de servidores que apresentam nível de proficiência em língua estrangeira; relação atualizada de alunos e pesquisadores estrangeiros engajados em atividades no *campus* (em andamento e finalizadas); relação atualizada de atividades de ensino e pesquisa ofertadas à comunidade internacional.

A estratégia 7 prioriza: “**Promover a cultura da internacionalização no âmbito da UTFPR**”; tem, como mecanismos de monitoramento, a relação atualizada de eventos de internacionalização promovidos pela UTFPR; relação descritiva dos *clippings* de notícias voltadas à internacionalização ocorridas na UTFPR; quantificação do número de acessos ao Portal da UTFPR por pessoas de outros países.

A estratégia 8: “**Apoiar o desenvolvimento de projetos não convencionais com foco na internacionalização**”; tem, como mecanismo de monitoramento, o informe anual da quantidade, tipo de ação e perfil dos participantes da iniciativa não convencional desenvolvida (Engenheiro 3i, *Collaborative International Learning* etc.).

A estratégia 9 visa: “**Prover infraestrutura e fomento para internacionalizar os setores afins da UTFPR**”, a qual tem, como mecanismos de monitoramento, a previsão orçamentária anual e recursos para ações de internacionalização; informe anual, por parte dos *campi*, de demandas de recursos e infraestrutura para internacionalização. A partir daí, busca verificar como se efetivou a distribuição dos

recursos orçamentários para ações de internacionalização, além de quais foram as demandas apontadas.

A estratégia 10: **“Promover a internacionalização interna de setores, processos, pessoas e infraestrutura”**; tem, como mecanismos de monitoramento, a relação atualizada de cursos e programas com currículos compatibilizados internacionalmente; relação de eventos com disseminação intercultural; relação de documentos e relatórios compatíveis com processos de internacionalização. Nessa estratégia, serão considerados, para análise, os relatórios enviados pelas coordenações, o levantamento de ações destinadas à promoção da interculturalidade entre alunos e servidores tanto na página quanto nas redes sociais do *campus*, a verificação da oferta de cursos de Português para falantes de outras línguas, ações de estímulo à internacionalização (línguas, mobilidade, cultura etc.).

A estratégia 11 consiste em **“Promover a visibilidade da UTFPR em âmbito internacional”**, a qual tem, como mecanismos de monitoramento, a relação e publicação das pesquisas e patentes com depósito e comercializadas; levantamento junto aos novos alunos com o objetivo de identificar como tiveram conhecimento da UTFPR e dos cursos; levantamento junto às empresas de diversas regiões do país de como elas veem a UTFPR, enquanto fornecedora de capital humano e inovação.

Esses dados foram solicitados via e-mail à Diretoria de Relações Interinstitucionais (DIRINTER) da UTFPR e ao Departamento de Relações Internacionais (DERINT) do *campus* Toledo; além disso, foram consultados os Relatórios de Gestão dos anos de 2018 a 2022, totalizando 5 anos. Esse período foi assim definido devido ao tempo para levantamento e análise dos dados a partir da publicação dos relatórios de gestão, que ocorrem sempre no ano subsequente, contemplando os dados do ano anterior. Os resultados estão apresentados em gráficos e tabelas, a partir de uma análise estatística descritiva. Os resultados aqui levantados têm por objetivo responder ao questionamento de como tem se dado a implementação da internacionalização no *campus* Toledo.

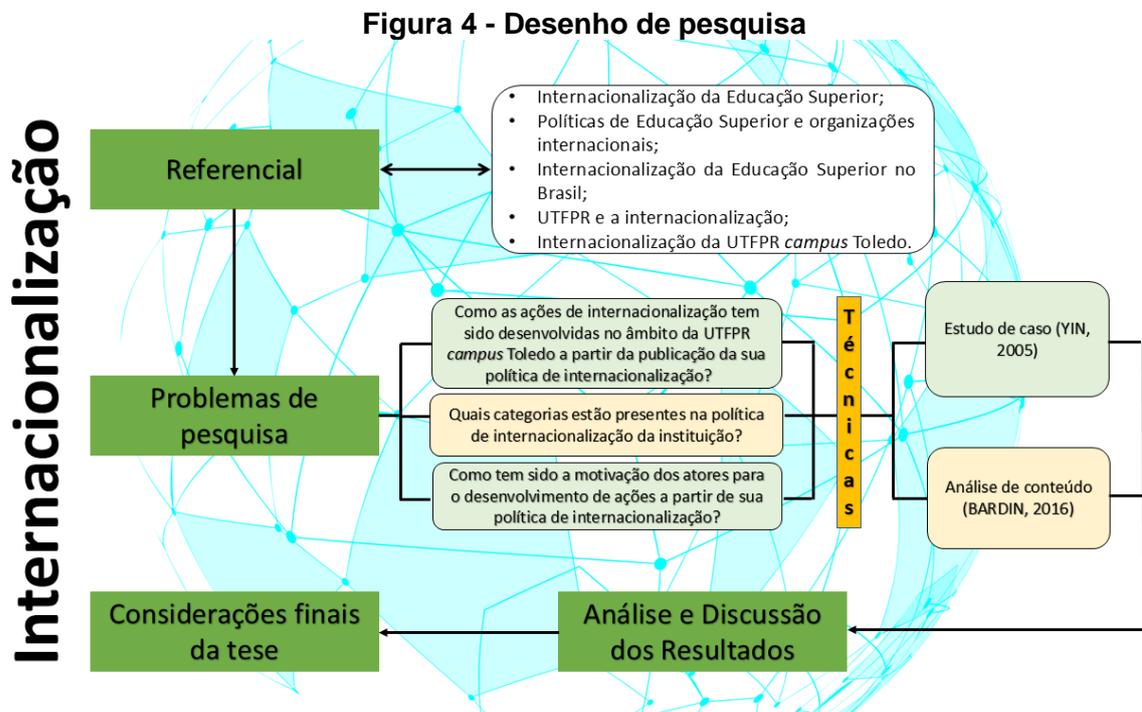
A segunda pergunta foi: **“Quais categorias estão presentes na política de internacionalização da instituição?”** A resposta para essa pergunta foi evidenciada após aplicação da técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), cujos passos já foram apresentados.

A terceira pergunta foi: **“Como tem sido a motivação dos atores para o desenvolvimento de ações a partir de sua política de internacionalização?”**. A

resposta para essa pergunta surgiu a partir das impressões dos diretores de área, coordenadores de curso e setores do *campus* Toledo, obtidas a partir de uma entrevista estruturada (Apêndice C).

A entrevista estruturada é definida como aquela em que o entrevistador segue um roteiro estabelecido previamente, com perguntas pré-determinadas que permitirão ao pesquisador identificar as diferenças existentes entre os respondentes a partir das mesmas perguntas, não sendo permitido alterar a ordem ou fazer outras perguntas que não estejam no roteiro (Marconi; Lakatos, 2003).

A seguir, temos o desenho de como a pesquisa se desenvolveu, suas etapas, referencial, problema de pesquisa e técnicas utilizadas até suas considerações finais.



Fonte: Elaborado pelo autor

Essa representação mostra como a pesquisa foi concebida. A partir de cada etapa, os dados foram levantados, analisados e o fenômeno da internacionalização na UTFPR *campus* Toledo foi investigado.

### 3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Este capítulo está dividido em 3 tópicos que buscam apresentar a sistematização dos dados encontrados e suas respectivas interpretações de acordo com cada etapa da pesquisa.

O primeiro tópico apresenta os achados das categorias encontradas a partir da análise de conteúdo do documento da Política de Internacionalização da UTFPR. Os dados encontrados foram apresentados em quadros e tabelas, que permitem visualizar todo o processo de construção das categorias.

O segundo tópico demonstra como as ações de internacionalização aconteceram na instituição, especificamente no *campus* Toledo, a partir da publicação da política, até o final do ano de 2022. A apresentação desses resultados aconteceu de acordo com cada estratégia da política e isso permite ter um panorama geral das ações e de quais estratégias têm sido atingidas pelo *campus* no seu processo de internacionalização.

O terceiro tópico mostra a percepção dos atores do *campus* Toledo em relação ao processo de internacionalização, identificando qual o conceito de internacionalização percebido por eles, os benefícios, as preocupações, os desafios e resultados alcançados a partir da política institucional de internacionalização.

Todos esses tópicos auxiliam a identificação das características e análise do processo de internacionalização da UTFPR *campus* Toledo, mostrando uma relação entre as orientações contidas no documento institucional (Política de Internacionalização), as ações propriamente ditas e a percepção daqueles que desenvolvem as ações. Sigamos com as análises.

#### 3.1. ANÁLISE DE CONTEÚDO DA POLÍTICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO

A primeira etapa da técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2016) consistiu na leitura e escolha do documento da Política de Internacionalização da UTFPR como objeto para formação do *corpus* de análise.

Após leitura do documento, que é dividido em cinco seções: 1) Definições; 2) Internacionalização na UTFPR: estratégias e diretrizes; 3) Fatores Condicionantes para implantação da Política de Internacionalização na UTFPR (dividido em 11 estratégias); 4) Organizações administrativas da Política de Internacionalização da

UTFPR e; 5) Implantação, procedeu-se a identificação das palavras-chave em cada uma das seções do documento.

Foram identificados, ao todo, 460 termos divididos entre as seções do documento. Após releitura, foram agrupados os termos semelhantes e retirados aqueles que, porventura, estavam repetidos. Ao término desse processo, chegamos ao total de 364 termos ou unidades de registro que estão distribuídos de acordo com a tabela a seguir.

**Tabela 7 -Total de termos/unidades de registro da política de internacionalização**

<b>Seções</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Definições	47	12,91
Internacionalização na UTFPR: estratégias e diretrizes		
Estratégia 1	13	3,57
Estratégia 2	14	3,85
Estratégia 3	28	7,69
Estratégia 4	27	7,42
Estratégia 5	23	6,32
Estratégia 6	23	6,32
Estratégia 7	13	3,57
Estratégia 8	8	2,20
Estratégia 9	11	3,02
Estratégia 10	17	4,67
Estratégia 11	17	4,67
Fatores Condicionantes para implantação da Política de Internacionalização na UTFPR	56	15,38
Organizações administrativas da Política de Internacionalização da UTFPR	55	15,11
Implantação	12	3,30
<b>TOTAL</b>	<b>364</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A partir da identificação dos termos, iniciou-se o agrupamento dos termos semelhantes, que culminou na criação de 6 categorias intermediárias, as quais foram nominadas da seguinte forma:

- 1) Internacional;
- 2) Atores;
- 3) Instituição;
- 4) Resultados/Valores;
- 5) Desenvolvimento pessoal;
- 6) Comunidade externa.

As categorias intermediárias representam a aglutinação dos termos encontrados de acordo com o tema e demonstram, nesse momento, uma parte da intencionalidade da política de internacionalização, quais elementos estão mais destacados e para onde esses elementos a direcionam. Alguns dos termos utilizados para a construção de cada categoria são apresentados no quadro abaixo.

Quadro 12 - Categorias intermediárias e termos

<b>Categorias</b>	<b>Termos</b>
Internacional	classe mundial
	estrangeira (s)
	globalizado
	intercultural
	internacional
	mobilidade
Atores	docentes
	estudantes
	pesquisadores
	técnico administrativo
Instituição	ações
	avaliação
	cooperação
	coordenações
	currículo
	cursos
	departamento (s)
	ensino
	extensão
	infraestrutura
	interdisciplinaridade
	orçamento
	pesquisa
publicações	
Resultados/Valores	competência
	excelência
	flexibilidade
	impacto
	inovação
	prestígio
	reconhecimento
	referência
visibilidade	
Desenvolvimento pessoal	afastamento
	capacitação
	desenvolvimento
	fomento
	motivação
	oportunidade
	valorização
Comunidade externa	empresas
	governo
	organizações

órgãos governamentais
sociedade

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Após identificação dos termos, realizou-se a soma das repetições ao longo do documento para que um parâmetro das categorias fosse traçado. Essa etapa permitiu que fossem identificadas as categorias mais abordadas a partir da ideia de que a repetição dos termos reforça a intencionalidade do documento. Assim, foi possível identificar a predominância das categorias, como se observa na tabela a seguir.

**Tabela 8 - Predominância das categorias ao longo da política de internacionalização da UTFPR**

<b>Categoria</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Internacional	174	19,38
Atores	106	11,80
Instituição	462	51,45
Resultados/Valores	46	5,12
Desenvolvimento Pessoal	81	9,02
Comunidade Externa	29	3,23
<b>TOTAL</b>	<b>898</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Destacam-se as categorias “Instituição” (51,45%), “Internacional” (19,38%) e “Atores” (11,80%) como as que possuem maior predominância na política. Pode-se afirmar que essas três categorias são o cerne do documento que tem como objetivo internacionalizar-se a partir das ações promovidas pela instituição por meio de seus atores. Na sequência, temos a categoria “Desenvolvimento Pessoal” (9,02%) como uma importante ferramenta para o alcance dos “Resultados/Valores” (5,12%), que são entregues tanto à comunidade interna quanto à “Comunidade Externa” (3,23%).

Identificou-se também em quais seções cada uma das categorias foi predominante. Essa análise permitiu compreender como a intencionalidade da política foi construída, em que se encontram agrupadas cada uma das categorias, como se observa abaixo.

**Tabela 9 - Seções com predominância de categoria**

<b>Categoria</b>	<b>Seções</b>	<b>N</b>
Internacional	Internacionalização na UTFPR: Estratégias e diretrizes	75
Atores	Internacionalização na UTFPR: Estratégias e diretrizes	67
Instituição	Internacionalização na UTFPR: Estratégias e diretrizes	182
Resultados/Valores	Definições	18
Desenvolvimento Pessoal	Internacionalização na UTFPR: Estratégias e diretrizes	30
Comunidade Externa	Definições; Internacionalização na UTFPR: Estratégias e diretrizes	10

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Para essa análise, foi considerada a soma dos termos das estratégias e seu resultado foi contabilizado na seção “Internacionalização na UTFPR: Estratégias e diretrizes”. Os resultados mostram que essa seção é a que apresenta a maior intencionalidade das ocorrências em cada categoria. Esse resultado pode se justificar pelo fato de que, nesta seção, é que estão descritos os mecanismos, além da maneira como as ações de internacionalização da política ocorrerão.

A seguir, cada categoria é apresentada indicando os elementos que a compõem, quais seções da política apresentam relações com cada categoria e a importância dessas categorias na política de internacionalização da UTFPR.

### 3.1.1. Internacional

Partindo da premissa de que a internacionalização exige a transcendência de fronteiras físicas e digitais, a relação entre diferentes culturas, a mobilidade e as cooperações entre diferentes organizações, a categoria, aqui denominada “Internacional”, surgiu a partir da identificação de termos que se relacionavam de alguma maneira a ações/situações que envolviam outros países. Isso exceto no caso de termos que também se relacionavam a atores que foram enquadrados em outra categoria.

Essa categoria era muito latente na medida em que se lia a política e sua criação justifica-se pela própria intencionalidade do documento, como se observa nos recortes abaixo (COUNI, 2018):

R1 - “O termo intercultural caracteriza a ocorrência de interação entre duas ou mais culturas, geralmente, de modo cooperativo.”

- R2 – “[...] visam a melhoria da inserção internacional [...]”  
 R3 – “A Universidade de Classe Mundial é aquela que atrai pessoas de todas as partes do mundo [...]”  
 R4 – “Promover a ampliação de acordos de dupla-diplomação, na graduação e pós-graduação, com instituições de ensino superior de outros países.”  
 R5 – “Promover o intercâmbio de estudantes e servidores com organizações estrangeiras.”

Destaca-se, aqui, a presença de termos relacionados a essa categoria em todas as seções do documento, exceto na Estratégia 9, que trata de questões relacionadas à infraestrutura e fomento. A Tabela 10 apresenta a quantidade de vezes que os termos associados a essa categoria apareceram em cada seção da política.

**Tabela 10 - Ocorrência de termos relacionados a categoria “Internacional” em cada seção da política**

<b>Seções</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Definições	55	31,61
Internacionalização na UTFPR: estratégias e diretrizes		
Estratégia 1	5	2,87
Estratégia 2	8	4,60
Estratégia 3	16	9,20
Estratégia 4	9	5,17
Estratégia 5	14	8,05
Estratégia 6	7	4,02
Estratégia 7	3	1,72
Estratégia 8	1	0,57
Estratégia 9	0	0,00
Estratégia 10	9	5,17
Estratégia 11	3	1,72
Fatores Condicionantes para implantação da Política de Internacionalização na UTFPR	25	14,37
Organizações administrativas da Política de Internacionalização da UTFPR	18	10,34
Implantação	1	0,57
<b>TOTAL</b>	<b>174</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Nota-se que foram identificadas 174 aparições de termos relacionados à categoria “Internacional”, com destaque para a seção “Definições”, que apresenta elementos teóricos sobre a internacionalização. Em relação à seção “Internacionalização na UTFPR: estratégias e diretrizes”, a estratégia 3, que trata da promoção de intercâmbio de estudantes e servidores com organizações estrangeiras, é a que apresenta maior concentração de termos.

Essa categoria insere-se como aquela que transita entre todas as demais e que necessariamente faz-se presente como cerne da política de internacionalização da UTFPR.

### 3.1.2. Atores

Toda organização/instituição é formada por uma estrutura que comporta elementos que tornam possíveis a execução de sua tarefa fim, seja ela física ou virtual. Nessa estrutura, um elemento fundamental são as pessoas. A sociedade, como um todo, além dos serviços são feitos e pensados por pessoas e para pessoas.

Sabendo que a educação e suas ramificações são um processo, não podemos desconsiderar aqueles que fazem acontecer e que sentem na pele os resultados de ações educacionais bem ou mal elaboradas.

Para a criação da categoria “Atores”, foram identificados e agrupados os termos referentes aos que executariam ou a quem seria destinada a ação, aqueles para os quais as ações foram pensadas ou a quem se destinaria. Os recortes abaixo demonstram a importância direcionada aos atores na elaboração da política de internacionalização (COUNI, 2018):

- R1 – “No cenário educacional, implica ambientar acadêmicos de variadas origens étnicas [...]”
- R2 – “Essas ações decorrem da mobilidade de docentes e discentes, parcerias e trocas de experiência [...]”
- R3 – “Promover o intercâmbio de estudantes e servidores com organizações estrangeiras.”
- R4 – “Proporcionar oportunidades para que estudantes da UTFPR participem de ações de mobilidade [...]”
- R5 – “Promover oportunidades de estudo na UTFPR para alunos do exterior [...]”
- R6 – “Reforçar junto aos discentes, docentes e técnicos-administrativos a importância do respeito à diversidade.”
- R7 – “Atrair pesquisadores internacionais para colaborar e/ou liderar projetos de pesquisa e extensão da/na UTFPR”.

Os trechos apresentados acima demonstram a preocupação da política em atender tanto os atores locais quanto internacionais, uma vez que a internacionalização não acontece apenas com a saída de alunos e servidores para o exterior. Também, é preciso preparar-se para a internacionalização sob a ótica de um país receptor de atores estrangeiros e, em tese, na política, essa preocupação se faz

presente. A ocorrência dos termos associados a essa categoria, ao longo do documento, é apresentada na tabela a seguir.

**Tabela 11 - Ocorrência de termos relacionados à categoria “Atores” em cada seção da política**

<b>Seções</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Definições	10	9,43
Internacionalização na UTFPR: estratégias e diretrizes		
Estratégia 1	1	0,94
Estratégia 2	1	0,94
Estratégia 3	16	15,09
Estratégia 4	12	11,32
Estratégia 5	12	11,32
Estratégia 6	12	11,32
Estratégia 7	2	1,89
Estratégia 8	0	0,00
Estratégia 9	0	0,00
Estratégia 10	5	4,72
Estratégia 11	6	5,66
Fatores Condicionantes para implantação da Política de Internacionalização na UTFPR	16	15,09
Organizações administrativas da Política de Internacionalização da UTFPR	13	12,26
Implantação	0	0,00
<b>TOTAL</b>	<b>106</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Dentre as seções do documento, observa-se a maior ocorrência de repetições de termos na Estratégia 3 “Promover o intercâmbio de estudantes e servidores com organizações estrangeiras” (15,09%); na seção “Fatores condicionantes para implantação da política de internacionalização da UTFPR” (15,09%); e na seção “Organizações administrativas da política de internacionalização da UTFPR” (12,26%). Destaca-se também o fato de que duas estratégias (8 e 9) e uma seção (implantação) não apresentaram nenhum termo relacionado a essa categoria.

Mais uma vez, destaca-se a importância dessa categoria, responsável pelo planejamento, execução e avaliação das ações referentes à internacionalização. Toda a política é destinada aos atores que são peças fundamentais no processo de planejamento, execução e avaliação.

### 3.1.3. Instituição

Para a realização de qualquer política, além dos atores, é necessário que existam mecanismos pelos quais as ações serão realizadas. Os atores e suas ações são carregados de intencionalidade, de expectativas, de anseios e de desejos da instituição em que estão inseridos e a qual representam. Essas características são absorvidas pelos atores que passam a carregá-las muitas vezes como se fossem as próprias.

Por isso, criou-se uma categoria denominada “Instituição” composta por termos relacionados que direcionavam as ações da política de internacionalização e que demonstram, de alguma maneira, os procedimentos e os mecanismos utilizados para o alcance dos objetivos. Abaixo, veremos os recortes que demonstram esses aspectos (COUNI, 2018):

R1 – “[...] conjunto de ações planejadas que visam a melhoria da inserção internacional e da qualidade do ensino e da pesquisa [...]”

R2 – “[...] particularmente no que diz respeito a geração de conhecimento e sua avaliação.”

R3 – “Promover acordos de cooperação com organizações internacionais.”

R4 – “Promover ações de prospecção de potenciais acordos de dupla-diplomação junto aos cursos de graduação e pós-graduação em universidades de referência.”

R5 – “Os departamentos e programas da UTFPR devem ser os principais prospectores e patrocinadores de oportunidades de parcerias.”

R6 – “Cabe às Pró-Reitorias, Programas, Departamentos e coordenações manter a área de Relações Internacionais informada sobre o andamento das parcerias e trabalhos de pesquisa [...]”

R7 – “Deverá haver convergência entre os objetivos estratégicos da UTFPR, do departamento/programa e da instituição parceira no estabelecimento da parceria.”

Fica claro o papel da instituição no direcionamento das ações e na apresentação dos mecanismos a serem utilizados. A instituição é o meio pelo qual atores realizam seus objetivos. A Tabela 12 apresenta a quantidade de vezes em que os termos utilizados na construção da categoria aparecem ou se repetem ao longo das seções da política de internacionalização da UTFPR.

**Tabela 12 - Ocorrência de termos relacionados à categoria “Instituição” em cada seção da política**

<b>Seções</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Definições	88	19,05
Internacionalização na UTFPR: estratégias e diretrizes		
Estratégia 1	13	2,81
Estratégia 2	20	4,33
Estratégia 3	15	3,25
Estratégia 4	28	6,06
Estratégia 5	41	8,87
Estratégia 6	12	2,60
Estratégia 7	5	1,08
Estratégia 8	6	1,30
Estratégia 9	13	2,81
Estratégia 10	17	3,68
Estratégia 11	12	2,60
Fatores Condicionantes para implantação da Política de Internacionalização na UTFPR	69	14,94
Organizações administrativas da Política de Internacionalização da UTFPR	106	22,94
Implantação	17	3,68
<b>TOTAL</b>	<b>462</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A tabela acima demonstra que essa categoria está presente em todas as seções e inclusive em todas as estratégias, o que demonstra o forte papel da instituição e sua intencionalidade em promover a internacionalização. Destaca-se a maior ocorrência de repetição de termos na seção “Organizações administrativas da política de internacionalização da UTFPR” (22,94%) e, entre as estratégias, destaca-se a Estratégia 5 “Expandir a cooperação internacional em pesquisa e inovação” (8,87%).

Esses dados sugerem o comprometimento institucional com o processo de internacionalização, a maneira como a instituição se coloca como ferramenta de promoção, execução e avaliação da política, ramificando-se em cada possível linha de atuação.

#### 3.1.4. Resultados/Valores

Toda proposta, política ou ações são pensadas com o objetivo de gerar algum resultado, de modo que, a partir dele, agregará valor ao serviço entregue pela

instituição. Os resultados/valores são buscados para atender a uma demanda latente e para posicionar a instituição perante as demais e a sociedade, o que, geralmente, é percebido como diferencial.

Obviamente, com a política de internacionalização da UTFPR, não seria diferente. Espera-se alcançar alguns resultados que colocarão a UTFPR como uma instituição referência em nosso país e no exterior. Por isso, a categoria intitulada “Resultados/Valores” foi criada, na qual estão presentes os termos relacionados ao que se pretende alcançar, no que se quer transformar e o que diferenciará a instituição.

Essas questões ficam claras à medida que se avança na leitura e interpretação da política de internacionalização da UTFPR, como podemos ver nos recortes apresentados a seguir (COUNI, 2018):

R1 – “Constitui reconhecimento por parte de organizações de outros países do impacto e da excelência das ações desenvolvidas pela instituição [...]”

R2 – “Ensino e pesquisa com significância, reconhecimento e visibilidade internacional pelas contribuições dadas.”

R3 – “Estimular o alcance de resultados que impactem positivamente as parcerias formalizadas.”

R4 – “Relação atualizada de universidades e respectivos cursos de referência [...]”

R5 – “[...] com universidades de outros países, com reconhecido prestígio acadêmico.”

R6 – “Como diretriz, os potenciais parceiros devem apresentar excelência internacional nas áreas de cooperação.”

R7 – “[...] a UTFPR deve estabelecer acordos de cooperação com instituições de referência dos demais continentes [...]”

R8 – “[...] para se desenvolver e se inserir, no médio prazo, no grupo das universidades de classe mundial [...]”

A preocupação em se tornar referência, modelo, promover resultados impactantes na sociedade e buscar o reconhecimento ou prestígio acadêmico transita tanto na via institucional interna quanto na via externa. Buscar estar com as melhores parece ser uma estratégia para facilitar o percurso formativo da própria instituição. A Tabela 13 apresenta como os termos dessa categoria estão dispersos nas seções do documento.

**Tabela 13 - Ocorrência de termos relacionados a categoria “Resultados/Valores” em cada seção da política**

<b>Seções</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Definições	18	39,13
Internacionalização na UTFPR: estratégias e diretrizes		
Estratégia 1	4	8,70
Estratégia 2	2	4,35
Estratégia 3	2	4,35
Estratégia 4	3	6,52
Estratégia 5	1	2,17
Estratégia 6	0	0,00
Estratégia 7	0	0,00
Estratégia 8	0	0,00
Estratégia 9	0	0,00
Estratégia 10	0	0,00
Estratégia 11	4	8,70
Fatores Condicionantes para implantação da Política de Internacionalização na UTFPR	7	15,22
Organizações administrativas da Política de Internacionalização da UTFPR	5	10,87
Implantação	0	0,00
<b>TOTAL</b>	<b>46</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A tabela mostra a presença de termos relacionados à categoria “Resultados/Valores” em quatro das cinco seções do documento, ficando de fora a seção “Implantação”, que apresenta maior relação com a categoria “Instituição”. Dentre as seções, destaca-se, com maior percentual de repetição de termos, a seção “Definições” (39,13%). A seção “Internacionalização na UTFPR: estratégias e diretrizes” apresenta seis estratégias que contemplam essa categoria (1, 2, 3, 4, 5 e 11) e cinco em que não foi identificado nenhum termo (6, 7, 8, 9 e 10). Das estratégias com a presença de termos, destacam-se as estratégias 1, “Promover a ampliação de parcerias com organizações internacionais” e 11 “Promover a visibilidade da UTFPR em âmbito internacional”, como as com maior ocorrência de termos (ambas com 8,70%).

O resultado dessas duas estratégias (1 e 11) reforça o argumento utilizado anteriormente de que é preciso buscar parcerias de qualidade para transitar entre as melhores, ou seja, investir nas vias internas e externas. Apesar dessa categoria não estar presente em todas as seções, seus resultados impulsionarão a instituição e abrirão caminho para as demais categorias.

### 3.1.5. Desenvolvimento pessoal

Toda organização necessita de políticas, missão, visão e valores, de maneira que necessariamente depende do desenvolvimento pessoal de seus integrantes, os quais serão responsáveis pela execução e alcance dos objetivos.

Exemplo dessa relação é encontrado na Missão, Visão e Valores da UTFPR. Sua missão é definida como “Desenvolver a educação tecnológica de excelência, construir e compartilhar conhecimento voltado à solução dos reais desafios da sociedade” (UTFPR, 2017, p.1). Destaca-se também sua visão: “Ser uma universidade reconhecida internacionalmente pela importância de sua atuação em prol do desenvolvimento regional e nacional sustentável” (UTFPR, 2017, p.1). Isso é reforçado, ademais, por um de seus valores: “Promover a melhoria contínua das atividades acadêmicas, de gestão e da relação com a sociedade” (UTFPR, 2017, p.1).

Alguns elementos relacionados à preocupação com o desenvolvimento pessoal ocorrem também na política; assim, por entender que isso é necessário e fundamental em qualquer organização/instituição, é que foi criada uma categoria denominada “Desenvolvimento Pessoal”. A seguir, elencamos alguns recortes do texto da política relacionados a isso (COUNI, 2018):

R1 – “[...] desenvolvidas pela instituição, envolvendo formação de capital humano, produção científica e tecnológica.”

R2 – “Estimular que docentes e técnicos administrativos realizem formação, estudos e/ou pesquisas fora do Brasil [...]”

R3 – “Estimular o aprendizado de línguas estrangeiras e intensificar a oferta de cursos via centros de língua dos *câmpus*.”

R4 – “Motivar a participação de pesquisadores da UTFPR em eventos científicos relevantes visando a apropriação de novos conhecimentos e tecnologias.”

R5 – “Capacitar servidores docentes e administrativos para a internacionalização de atividades.”

R6 – “Promover editais de financiamento para o desenvolvimento de projetos em instituições estrangeiras com aplicação na UTFPR.”

R7 – “O sucesso para implantação dessa política vai demandar que os servidores estejam motivados e sejam capacitados para o processo de internacionalização.”

Existe, na política, uma preocupação com a capacitação e desenvolvimento pessoal de servidores e estudantes, reconhecendo que os atores são fundamentais na execução das ações propostas pela instituição na busca dos resultados da

internacionalização. A tabela, a seguir, mostra um panorama da ocorrência dessa categoria nas seções do documento.

**Tabela 14 - Ocorrência de termos relacionados a categoria “Desenvolvimento Pessoal” em cada seção da política**

<b>Seções</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Definições	15	18,52
Internacionalização na UTFPR: estratégias e diretrizes		
Estratégia 1	1	1,23
Estratégia 2	0	0,00
Estratégia 3	6	7,41
Estratégia 4	3	3,70
Estratégia 5	2	2,47
Estratégia 6	3	3,70
Estratégia 7	4	4,94
Estratégia 8	5	6,17
Estratégia 9	5	6,17
Estratégia 10	1	1,23
Estratégia 11	0	0,00
Fatores Condicionantes para implantação da Política de Internacionalização na UTFPR	26	32,10
Organizações administrativas da Política de Internacionalização da UTFPR	9	11,11
Implantação	1	1,23
<b>TOTAL</b>	<b>81</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A tabela mostra a importância dessa categoria na política de internacionalização, uma vez que está presente em todas as seções do documento. Destaca-se a seção “Fatores condicionantes para a implantação da política de internacionalização da UTFPR”, com 32,10% dos termos dessa categoria. A seção “Internacionalização na UTFPR: estratégias e diretrizes” apontou duas estratégias sem a ocorrência de nenhum termo, sendo a “Estratégia 2 – Promover a ampliação de acordos de dupla-diplomação, na graduação e pós-graduação, com instituições de ensino superior de outros países” e a “Estratégia 11 - Promover a visibilidade da UTFPR em âmbito internacional”. Essas são estratégias cujo foco não está nos atores e, sim, na instituição; esse pode ser o motivo pela falta de ocorrência de termos dessa categoria nas respectivas estratégias.

É importante destacar que todo o sucesso na implantação de qualquer política perpassa pelas ações da organização/instituição, pelos atores, pelos valores e

resultados que se quer alcançar ou implementar e principalmente pelo desenvolvimento pessoal que será responsável por oferecer a qualidade necessária para os atores buscarem os objetivos propostos na política.

### 3.1.6. Comunidade externa

A qualidade e a excelência dos serviços prestados por qualquer organização/instituição têm como objetivo alcançar determinado público que poderá beneficiar-se dos resultados, dependendo de seu interesse. Na educação, não é diferente, visto que todas as ações são direcionadas às comunidades internas e externas.

A política de internacionalização da UTFPR prevê o atendimento de demandas locais, regionais e internacionais preocupando-se tanto com o desenvolvimento daqueles que compõem a comunidade interna (servidores e discentes) quanto a comunidade externa (outras instituições, empresas, comunidade em geral).

Assim, houve a necessidade da criação de uma categoria intitulada “Comunidade externa”, na qual foram inseridos termos relacionados à busca pelo atendimento e preocupação com a entrega dos resultados, como pode ser observado nos trechos da política, que serão apresentados nos recortes a seguir (COUNI, 2018):

R1 – “[...] sua missão e visão devem estar atreladas aos objetivos da sociedade local;”

R2 – “Promover acordos de cooperação com organizações internacionais;”

R3 – “Potencializar a oferta de vagas de estágio ou programas *trainee* em empresas estrangeiras, empresas multinacionais instaladas no Brasil ou empresas multinacionais com sede no Brasil.”

R4 – “Estabelecer mecanismos de supervisão colaborativa de mestrandos e doutorandos no desenvolvimento de pesquisas com instituições parceiras;”

R5 – “Fomentar ações que promovam a pesquisa colaborativa com pesquisadores e instituições estrangeiras;”

R6 – “As parcerias da UTFPR com instituições internacionais devem ainda buscar a transformação social para países menos desenvolvidos.”

R7 – “Promover a articulação de parcerias da UTFPR com empresas, órgãos governamentais e demais organizações da sociedade [...]”

Os trechos apresentados demonstram alguns dos segmentos da comunidade externa com os quais a UTFPR prevê o estreitamento da relação e o estabelecimento de parcerias para que mutuamente se desenvolvam e entreguem algum resultado que

permita o desenvolvimento local, regional e internacional. A tabela abaixo demonstra como a ocorrência de termos relacionados a essa categoria está distribuída no documento.

**Tabela 15 - Ocorrência de termos relacionados a categoria “Comunidade externa” em cada seção da política**

<b>Seções</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Definições	10	34,48
Internacionalização na UTFPR: estratégias e diretrizes		
Estratégia 1	5	17,24
Estratégia 2	0	0,00
Estratégia 3	4	13,79
Estratégia 4	0	0,00
Estratégia 5	0	0,00
Estratégia 6	0	0,00
Estratégia 7	0	0,00
Estratégia 8	0	0,00
Estratégia 9	0	0,00
Estratégia 10	0	0,00
Estratégia 11	1	3,45
Fatores Condicionantes para implantação da Política de Internacionalização na UTFPR	2	6,90
Organizações administrativas da Política de Internacionalização da UTFPR	7	24,14
Implantação	0	0,00
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A partir da análise da Tabela 15, destacam-se as seções “Definições” e “Organizações administrativas da política de internacionalização da UTFPR”, com 34,48% e 24,14% de ocorrência dos termos, respectivamente. Essa categoria apresentou menos ocorrências nas estratégias, além da seção “Implantação”, que também não apresentou nenhum termo.

Apesar do baixo número de ocorrências de termos relacionados a essa categoria, ela tem um papel fundamental no desenvolvimento da política de internacionalização da UTFPR, uma vez que fica nítida a necessidade e a intencionalidade da UTFPR em atender e desenvolver os mais diversos setores da sociedade, estando em acordo com sua missão institucional, como já apresentado anteriormente.

### 3.2. AÇÕES DESENVOLVIDAS A PARTIR DA PUBLICAÇÃO DA POLÍTICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UTFPR

Neste tópico, apresentaremos os resultados quantitativos das ações da UTFPR *campus* Toledo a partir da publicação da política de internacionalização. Como já abordado no histórico do *campus*, algumas ações de internacionalização já aconteciam anteriormente e, agora, a análise acontece a partir das estratégias institucionais contidas no documento.

Durante a coleta, a Diretoria de Relações Interinstitucionais (DIRINTER) informou que os dados referentes aos mecanismos de monitoramento da política de internacionalização eram publicados nos “Relatórios de Gestão” que são disponibilizados anualmente. Não constavam na página institucional da DIRINTER as informações referentes aos números da internacionalização por ano, *campus* ou estratégia.

Seguindo a orientação encaminhada, realizou-se um levantamento das informações contidas nos relatórios de gestão dos anos de 2018 a 2022. Alguns dados, não informados nos relatórios de gestão, foram solicitados diretamente aos setores responsáveis no intuito de contribuir com a identificação e análise das ações de internacionalização. Assim, setores, como a Diretoria de Comunicação (DECOM), Agência de Inovação, Assessoria do Portal Institucional, Assessoria de Comunicação do *campus* Toledo (ASCOM-TD) e Coordenadoria de Gestão de Recursos Humanos do *campus* Toledo (COGERH-TD) também foram consultados.

Dessa forma, a política de internacionalização apresenta as estratégias e diretrizes que a instituição precisa seguir para tornar-se internacional e evidencia também os mecanismos de monitoramento que precisam ser observados a fim de avaliar o processo de internacionalização. Nota-se que os resultados obtidos a partir dos mecanismos de monitoramento publicados nos relatórios de gestão não contemplam a totalidade das informações, conforme observamos no quadro a seguir. É importante ressaltar que esta análise se efetiva a partir da apresentação dos resultados e que a ausência da informação nos relatórios de gestão não significa que ações não foram realizadas. Trata-se da maneira sobre como a informação é apresentada.

**Quadro 13 - Disponibilidade dos dados no Relatório de Gestão**

<b>Estratégia</b>	<b>Quantidade de mecanismos de monitoramento</b>	<b>Disponibilidade (Geral)</b>	<b>Disponibilidade (<i>campus</i>)</b>
Estratégia 1 - Promover a ampliação de parcerias com organizações internacionais	3	Parcial (2)	Não apresentado
Estratégia 2: Promover a ampliação de acordos de dupla-diplomação, na graduação e pós-graduação, com instituições de ensino superior de outros países	2	Parcial (1)	Parcial (1)
Estratégia 3: Promover o intercâmbio de estudantes e servidores com organizações estrangeiras	1	Parcial	Parcial
Estratégia 4: Intensificar a internacionalização de cursos de graduação, de programas de pós-graduação e extensão	5	Parcial (4)	Parcial (4)
Estratégia 5: Expandir a cooperação internacional em pesquisa e inovação	5	Parcial (2)	Parcial (1)
Estratégia 6: Aprimorar mecanismos de atração de alunos e pesquisadores de outros países	3	Parcial (1)	Parcial (1)
Estratégia 7: Promover a cultura da internacionalização no âmbito da UTFPR	3	Parcial (2)	Parcial (2)
Estratégia 8: Apoiar o desenvolvimento de projetos não convencionais com foco na internacionalização	1	Parcial	Não apresentado
Estratégia 9: Prover infraestrutura e fomento para internacionalizar os setores afins da UTFPR	2	Parcial (1)	Parcial (1)
Estratégia 10: Promover a internacionalização interna de setores, processos, pessoas e infraestrutura	3	Parcial (1)	Parcial (1)
Estratégia 11: Promover a visibilidade da UTFPR em âmbito internacional	3	Parcial (1)	Parcial (1)

**Fonte:** Elaborado pelo autor

O quadro demonstra que, dentre todas as estratégias, apenas duas apresentam todos os dados dos mecanismos de monitoramento no Relatório de Gestão. As demais apresentam informações parciais ou até mesmo estão ausentes no documento. A partir dessa interpretação, podemos inferir que os resultados das estratégias têm sido apresentados para a comunidade, mesmo que parcialmente.

Requer, aqui, atenção para a publicização das informações de modo que os resultados obtidos a partir da política de internacionalização da UTFPR sejam apresentados em sua totalidade.

No que diz respeito à “**Estratégia 1 - Promover a ampliação de parcerias com organizações internacionais**”, dos três mecanismos de monitoramento, apenas dois estão disponíveis no relatório de gestão. As informações disponibilizadas referem-se aos dados gerais e não apresentam informações específicas do *campus* Toledo, como se observa no quadro a seguir.

**Quadro 14 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 1**

<b>Estratégia</b>	<b>Mecanismo</b>	<b>Geral</b>	<b>Campus</b>
Estratégia 1 - Promover a ampliação de parcerias com organizações internacionais	Relação atualizada de organizações estrangeiras contatadas e visitadas com vistas ao estabelecimento de parcerias;	Sim	Não
	Relação de acordos de cooperação, vigentes e finalizados	Sim	Não
	Quantificação e avaliação das diretrizes decorrentes das parcerias formalizadas	Não	Não

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Essa estratégia tende a refletir a preocupação institucional com a ampliação de parcerias estrangeiras a partir das quais poderão surgir novos desdobramentos em pesquisas, dupla-diplomação, mobilidade, entre outros. Nesse sentido, a UTFPR procurou estabelecer contato com diferentes instituições estrangeiras e tem investido nessa tentativa de “abrir os caminhos” para internacionalizar-se. Ao analisarmos os dados disponibilizados de acordo com o mecanismo de monitoramento da estratégia, temos o seguinte panorama quanto às instituições estrangeiras visitadas.

**Tabela 16 - Quantidade de instituições estrangeiras visitadas por ano (geral)**

<b>Ano</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
2018	21	22,34
2019	24	25,53
2020	7	7,45
2021	28	29,79
2022	14	14,89
<b>Total</b>	<b>94</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

No geral, a UTFPR tem buscado ativamente o contato com novas instituições, com destaque para o ano de 2021, em que aconteceu o maior número de visitas. O

ano de 2020 foi o que apresentou o menor número, justificado pelo fato de ser o ano em que foi declarada a pandemia da Covid-19. Essa ação aconteceu a partir da organização de missões internacionais de servidores da UTFPR, selecionados a partir de editais, que tinham por objetivos a imersão em grupos de pesquisa, o estabelecimento de parcerias com instituições de ensino superior internacionais, o fortalecimento e inserção da UTFPR no cenário internacional. A partir das missões, os servidores poderiam também observar a rotina, fluxos e boas práticas desenvolvidas em outras localidades.

Os recursos para realização das missões foram oriundos da DIRINTER e Pró-Reitorias, que destinaram parte de seu orçamento para ações de internacionalização. Ao todo, foram visitadas 94 instituições localizadas em 32 países diferentes, como se observa na figura abaixo.

**Figura 5 - Países visitados pela UTFPR com vistas à ampliação de parcerias**



**Fonte:** Elaborado pelo autor

A abertura a outras instituições permite que novos acordos sejam firmados e que parcerias de ensino, pesquisa e extensão sejam iniciadas. Outro fator, que precisa de destaque, é a busca por parcerias tanto com países do eixo norte quanto com países do eixo sul, o que pode promover a inserção da UTFPR nos mais diversos cenários internacionais.

O resultado gerado a partir das visitas reflete-se nos acordos de cooperação estabelecidos e assinados com as instituições estrangeiras, que permitem trocas de experiência e desenvolvimento de ações conjuntas em ensino, pesquisa, mobilidade e extensão. A seguir, apresenta-se um retrato dos resultados obtidos nas visitas que se converteram em acordos de cooperação.

**Tabela 17 - Acordos de cooperação vigentes e finalizados por ano (geral)**

<b>Ano</b>	<b>Vigentes</b>	<b>%</b>	<b>Finalizados</b>	<b>%</b>
2018	21	22,34	0	0
2019	24	25,53	0	0
2020	7	7,45	2	2,13
2021	28	29,79	6	6,38
2022	14	14,89	5	5,32
<b>Total</b>	<b>94</b>	<b>100</b>	<b>13</b>	<b>13,83</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Nota-se uma quantidade considerável de acordos de cooperação assinados desde a publicação da Política de Internacionalização da UTFPR. Ao compararmos a quantidade de acordos assinados com aqueles que foram finalizados, sem renovação, notamos um baixo número (13), que demonstra que existe uma tentativa não só de estabelecimento de parcerias, mas principalmente um esforço para a manutenção delas.

Diante disso, vale lembrar que as parcerias firmadas e que resultam em acordos de cooperação acabam se estendendo a diversos *campi*, permitindo, assim, uma abertura das possibilidades de internacionalização. É claro que o simples fato de haver um acordo de cooperação assinado não garante que as ações internacionais aconteçam; é preciso mais do que um documento para isso. Essa característica é apresentada mais adiante, no decorrer dos resultados das estratégias.

Os dados referentes ao mecanismo de monitoramento “Quantificação e avaliação das diretrizes decorrentes das parcerias formalizadas” não foram encontrados nos documentos analisados. Dessa forma, não foi possível estabelecer

uma análise a partir dos resultados obtidos das parcerias estabelecidas com instituições internacionais. Avaliar é um ponto crucial em qualquer processo, pois permite a identificação das potencialidades, a revisão das ações e a correção das incapacidades. Isso permitiria minimizar os erros, aprimorar as estratégias de abordagem e execução nos acordos firmados.

A assinatura de acordos de cooperação seria o primeiro passo na busca pela internacionalização, mas o estabelecimento de parcerias por si só não é garantia para que uma instituição se torne internacional. É preciso que os atores sejam ativos e atuem em conjunto com a instituição que abrirá os caminhos e dará respaldo para suas ações. Sena (2013) corrobora essa ideia quando chama a atenção ao fato de que, para a internacionalização acontecer, é necessário que as parcerias sejam mais do que convênios ou acordos de cooperação; é preciso que existam ações relacionadas à reciprocidade de pesquisas, intercâmbios, dupla-diplomação, desenvolvimento profissional, entre outros.

Além disso, a existência de acordos de cooperação, assinaturas de convênios ou cartas de intenção têm sido uma prática comum nas instituições que buscam se internacionalizar, mas que nem sempre garantem o alcance dos resultados esperados (Stallivieri, 2017a). Knight (2004, p. 27) reforça esse argumento:

Durante as primeiras etapas da internacionalização, as instituições muitas vezes reagem à multidão de oportunidades através do estabelecimento de parcerias institucionais. Estas parcerias assinadas podem ter propósitos diferentes - mobilidade acadêmica, programas conjuntos, programas de desenvolvimento, seminários e conferências, pesquisa conjunta. Muitas vezes ocorre que as instituições não conseguem gerenciar um número tão grande de acordos e, portanto, muitos são inativos e principalmente são contratos que permanecem apenas no papel.

Por isso, a busca pelo planejamento estratégico e a inserção da internacionalização na rotina da instituição é fundamental para que as ações tenham sucesso e que os acordos estabelecidos estejam coerentes com a missão e realidade da instituição. Dessa maneira, os acordos possuem grandes chances de ser bem-sucedidos e seus resultados contribuirão, assim, para o desenvolvimento institucional em todas as suas esferas.

**A “Estratégia 2 - Promover a ampliação de acordos de dupla-diplomação, na graduação e pós-graduação, com instituições de ensino superior de outros**

países” apresenta dois mecanismos de monitoramento e ambos estão disponibilizados nos relatórios, tanto com as informações gerais quanto com as do *campus* Toledo, conforme quadro a seguir.

**Quadro 15 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 2**

<b>Estratégia</b>	<b>Mecanismo</b>	<b>Geral</b>	<b>Campus</b>
Estratégia 2: Promover a ampliação de acordos de dupla-diplomação, na graduação e pós-graduação, com instituições de ensino superior de outros países	Relação atualizada de universidades e respectivos cursos de referência, com as quais se pretende estabelecer acordos de dupla-diplomação	Sim	Sim
	Relação atualizada de acordos de dupla-diplomação com universidades de outros países, bem como dos alunos que obtiveram dupla-diplomação em universidades parceiras.	Sim	Sim

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Essa estratégia é resultante do contato com instituições internacionais a partir dos quais se estabeleceram parcerias. O crescimento do processo de internacionalização efetiva-se por diferentes motivos, como mobilidade docente, discente e de pesquisadores; interculturalidade do currículo e realização de parte do curso em outros países; desenvolvimento de pesquisas conjuntas, entre outras ações (Pereira; Heinzle; Pinto, 2017).

Nesse sentido, a dupla-diplomação tem se mostrado uma importante ferramenta de internacionalização na instituição e isso é evidenciado por meio do número de acordos de dupla diplomação assinados com outros países, conforme segue.

**Tabela 18 - Acordos de dupla-diplomação assinados (geral)**

<b>Campus</b>	<b>Ano</b>					<b>Total</b>
	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>	<b>2022</b>	
Apucarana	Sem dados	3	3	3	3	<b>12</b>
Campo Mourão	Sem dados	11	11	4	5	<b>31</b>
Cornélio Procópio	Sem dados	13	14	13	4	<b>44</b>
Curitiba	Sem dados	21	30	23	11	<b>85</b>
Dois Vizinhos	Sem dados	7	8	6	4	<b>25</b>
Francisco Beltrão	Sem dados	4	4	0	3	<b>11</b>
Guarapuava	Sem dados	5	5	6	2	<b>18</b>
Londrina	Sem dados	10	10	8	5	<b>33</b>
Medianeira	Sem dados	11	11	7	5	<b>34</b>
Pato Branco	Sem dados	18	18	15	6	<b>57</b>
Ponta Grossa	Sem dados	17	18	13	5	<b>53</b>
Santa Helena	Sem dados	1	1	0	0	<b>2</b>
Toledo	1	6	6	8	2	<b>23</b>
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>127</b>	<b>139</b>	<b>106</b>	<b>55</b>	<b>428</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Os dados demonstram que, a partir das informações disponibilizadas nos relatórios de gestão (2018-2022), foram assinados 428 acordos de dupla diplomação ao longo desse intervalo. Destacamos que as informações referentes ao ano de 2018 não estão contempladas no documento utilizado para análise, sendo a do *campus* Toledo obtida em outra fonte. Dentre os *campi*, o que apresenta maior número de acordos assinados é o *campus* Curitiba (85), seguido pelos *campi* Pato Branco (57) e Ponta Grossa (53). O *campus* Toledo apresenta 23 acordos assinados.

A existência de acordos de dupla diplomação com universidades do exterior demonstra a intenção de internacionalizar-se por meio de um currículo que seja compatível internacionalmente e que esteja alinhado com demandas globais. Os acordos de dupla-diplomação basicamente estão firmados com instituições de países localizados na América do Sul (1), Europa (6) e Ásia (1), conforme apresentado na tabela a seguir.

**Tabela 19 - Número acordos assinados com universidades estrangeiras**

País	Ano					Total
	2018	2019	2020	2021	2022	
Alemanha	Sem dados	0	1	0	0	1
Argentina	Sem dados	3	3	3	2	11
Espanha	Sem dados	0	0	1	1	2
França	Sem dados	7	7	5	4	23
Inglaterra	Sem dados	0	1	0	0	1
Itália	Sem dados	0	1	0	0	1
Japão	Sem dados	0	1	1	1	3
Portugal	1	7	7	6	6	27

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Nota-se uma preponderância de acordos firmados principalmente com países da Europa, destacando Portugal (27), França (23) e, na América do Sul, com a Argentina (11). Ao olharmos para a quantidade de países visitados (94)<sup>4</sup> e compararmos com a quantidade de países com os quais efetivamente se estabeleceu uma parceria de dupla-diplomação, temos o equivalente a 8,51% de efetividade em parcerias de dupla-diplomação. Esses resultados ressaltam a importância da manutenção e busca constante por novas parcerias.

Para o *campus* Toledo, os dados referentes aos acordos de dupla-diplomação estabelecidos mostram que existe um movimento buscando a internacionalização e compatibilização dos currículos com universidades internacionais em 4 dos 7 cursos de graduação.

**Tabela 20 - Acordos de dupla-diplomação estabelecidos por curso no campus Toledo**

Curso	Ano					Total
	2018	2019	2020	2021	2022	
Engenharia Civil	0	1	1	1	0	3
Engenharia da Computação	0	1	1	2	1	5
Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia	0	1	1	2	0	4
Engenharia Eletrônica	1	3	3	3	1	11
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>23</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Os resultados apresentados na tabela reforçam a ideia de que a internacionalização é um processo e, como tal, é influenciado por diversos fatores que fazem com que alguns cursos tenham e outros não tenham condições de ofertar ações

<sup>4</sup> Dado apresentado na Tabela 16 - Quantidade de instituições estrangeiras visitadas por ano (geral).

de internacionalização, como a dupla-diplomação por exemplo. É um processo que ocorre de diferentes formas, dependendo do contexto, e que apresenta diferentes significações (Luce; Fagundes; Mediel, 2016).

Dos cursos do *campus* Toledo que já ofertaram a dupla-diplomação, podemos observar uma predominância por parcerias realizadas com universidades europeias, sobretudo da França e Portugal. Essa predominância pode estar relacionada à natureza dos cursos e ao interesse da manutenção de acordos já existentes entre tais instituições, a partir de uma proximidade já existente entre pesquisadores. O quadro, a seguir, apresenta a relação dos cursos e instituições com as quais o *campus* Toledo estabeleceu acordos de dupla-diplomação ao longo do período analisado.

**Quadro 16 - Instituições e países com os quais o campus Toledo estabeleceu dupla-diplomação**

<b>Curso</b>	<b>Instituição</b>	<b>País</b>
Engenharia de Biotecnologia e Bioprocessos	Institut National des Sciences Appliquées de Toulouse	França
	Institut National des Sciences Appliquées de Lyon	França
Engenharia Civil	Institut National des Sciences Appliquées de Lyon	França
Engenharia da Computação	Institut National des Sciences Appliquées de Lyon	França
Engenharia Eletrônica	Institut National des Sciences Appliquées de Lyon	França
	Université de Technologie de Compiègne	França
	Instituto Politécnico de Bragança	Portugal

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Para além da necessidade de oferta da dupla-diplomação, mantendo-se ainda sobre o viés dos fatores, podemos observar que a existência de acordos não garante a participação do aluno na dupla-diplomação. A tabela, a seguir, apresenta um panorama geral do número de estudantes da UTFPR que saíram em dupla-diplomação.

**Tabela 21 - Estudantes da UTFPR que saíram em dupla-diplomação**

<b>Campus</b>	<b>Ano</b>					<b>Total</b>
	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>	<b>2022</b>	
Apucarana	3	4	3	1	4	<b>15</b>
Campo Mourão	25	21	6	11	15	<b>78</b>
Cornélio Procópio	10	18	3	3	5	<b>39</b>
Curitiba	33	33	20	25	29	<b>140</b>
Dois Vizinhos	6	14	4	1	12	<b>37</b>
Francisco Beltrão	1	5	2	2	1	<b>11</b>
Guarapuava	3	12	6	0	5	<b>26</b>
Londrina	5	20	1	7	7	<b>40</b>
Medianeira	11	11	9	3	6	<b>40</b>
Pato Branco	22	31	14	20	23	<b>110</b>
Ponta Grossa	19	28	9	16	14	<b>86</b>
Santa Helena	0	2	1	1	1	<b>5</b>
Toledo	4	4	1	1	2	<b>12</b>
<b>Total</b>	<b>142</b>	<b>203</b>	<b>79</b>	<b>91</b>	<b>124</b>	<b>639</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Ao comparar o total de alunos da UTFPR que saíram em dupla-diplomação ao longo do período analisado com o total de alunos com matrículas efetivas no ano de 2022<sup>5</sup>, temos o equivalente a 2,07% do montante de alunos. Para o *campus* Toledo, essa relação é de 0,74%, o que reforça o argumento de que a internacionalização é um processo que não ocorre apenas pela existência de acordos, mas precisa estar articulada a outras políticas institucionais, nacionais e internacionais. Alguns fatores, como a proficiência na língua, os critérios institucionais para a dupla-diplomação e os aspectos financeiros, podem influenciar a capacidade de participação dos alunos da UTFPR.

Ao analisar os números de alunos estrangeiros que vieram para a UTFPR, com base na dupla-diplomação, identificou-se um número baixo de alunos que escolhem deixar seu país de origem para fazer parte de seu curso na UTFPR. Durante todo o período analisado, identificou-se um total de 6 alunos estrangeiros em dupla-diplomação, sendo 4 no *campus* Curitiba e 2 no *campus* Dois Vizinhos. É evidente que a instituição precisa construir e consolidar mecanismos de atração de alunos estrangeiros; a busca pela dupla-diplomação já é um passo nesse longo caminho.

A “**Estratégia 3 - Promover o intercâmbio de estudantes e servidores com organizações estrangeiras**” é composta por um único mecanismo de monitoramento

<sup>5</sup> Número de alunos da UTFPR: 30.771; número de alunos do *campus* Toledo: 1.612.

que engloba diversas categorias; seus dados, nos relatórios de gestão, estão disponíveis parcialmente tanto no geral quanto para o *campus* Toledo.

**Quadro 17 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 3**

<b>Estratégia</b>	<b>Mecanismo</b>	<b>Geral</b>	<b>Campus</b>
Estratégia 3: Promover o intercâmbio de estudantes e servidores com organizações estrangeiras	Relação atualizada de estudantes em Mobilidade Internacional, de servidores em afastamento para estudos no exterior, de professores estrangeiros (permanentes e visitantes) na UTFPR e de servidores com proficiência nas línguas inglês, espanhol, francês e alemão	Parcial	Parcial

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Apesar de conter um único mecanismo de monitoramento, ele é bem abrangente, o que dificulta a organização e publicação das informações necessárias. Nos relatórios de gestão, constam informações sobre a relação de estudantes em mobilidade internacional. As informações sobre afastamentos dos servidores e professores estrangeiros foram conseguidas apenas no *campus* e não estavam contempladas nos relatórios de gestão. Informações sobre a proficiência dos servidores não foram encontradas.

Essa estratégia é percebida como o resultado obtido a partir dos esforços no estabelecimento de parcerias e acordos de cooperação, que podem resultar em diferentes formas de mobilidade para servidores, com vistas à realização de formações, pesquisas e estudos no exterior, bem como para alunos, a exemplo do caso da dupla-diplomação, da mobilidade obtida a partir de acordos (Brafitec, PEC-G, OEA-GCUB, PROPAT, Marca, MEXT), Engenheiro 3i, estágio internacional, entre outros. A tabela, a seguir, apresenta as formas de mobilidade estudantil e sua representatividade nas ações de internacionalização da UTFPR.

**Tabela 22 - Saída de alunos da UTFPR de acordo com o tipo de mobilidade (2018-2022)**

<b>Tipo de Mobilidade</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Dupla-diplomação	639	61,32
Mobilidade Estudantil Internacional - MEI	346	33,21
Erasmus	7	0,67
Engenheiro 3i	6	0,58
Mobilidade Virtual	6	0,58
Programa Sakura	6	0,58
Programa MEXT	5	0,48
Marca	4	0,38
Estágio Internacional	3	0,29
Programa de mobilidade acadêmica do Governo da Turquia - Mevlana	3	0,29
Programa Santander Ibero-Americanas	3	0,29
Programas de Mestrado da Fundação Renault (para egressos)	3	0,29
Brafitec	2	0,19
Engenheiro 3i+Dupla-diplomação+Brafitec	2	0,19
Programa de bolsas do governo da Irlanda - GOI	2	0,19
Baden-Württemberg	1	0,10
Dupla-diplomação+Brafitec	1	0,10
Dupla-diplomação+Erasmus	1	0,10
Engenheiro 3i+Dupla-diplomação	1	0,10
Escola de Verão na Politécnica de São Petersburgo	1	0,10
<b>Total</b>	<b>1042</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Observa-se que existem várias formas de mobilidade, destacando-se a dupla-diplomação (61,32%) e a mobilidade estudantil internacional – MEI (33,21%) que, juntas, são responsáveis por mais de 94% das ações de mobilidade de alunos que saem da UTFPR para outros países. Devido à autonomia universitária, cada instituição tende a desenvolver um processo de internacionalização que se adapte às suas realidades, mas o modo mais comum efetiva-se por meio da cooperação internacional, que resulta na mobilidade de alunos, professores e gestores (Cusati *et al.*, 2021). Essa afirmação reflete-se nos dados apresentados.

Quando abordamos sobre mobilidade, não podemos considerar apenas a possibilidade de envio do aluno, mas também o recebimento de alunos estrangeiros. A tabela, a seguir, apresenta os dados referentes ao tipo de mobilidade para chegada desses alunos na UTFPR.

**Tabela 23 - Recebimento de alunos estrangeiros de acordo com o tipo de mobilidade (2018-2022)**

<b>Tipo de Mobilidade</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Mobilidade Estudantil Internacional – MEI	63	48,46
Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)	30	23,08
Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação – PAEC (OEA-GCUB)	24	18,46
Dupla-diplomação	6	4,62
Engenheiro 3i	5	3,85
Marca	1	0,77
Mobilidade Virtual	1	0,77
<b>Total</b>	<b>130</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Observa-se que as duas principais formas de mobilidade de alunos estrangeiros são MEI (48,46%) e PEC-G (23,06%). Além disso, ao observarmos os números e os tipos de mobilidade, podemos ver claramente que existe uma predominância pelo envio de alunos ao exterior. Vários fatores podem influenciar a escolha de estudar no exterior e, dentre esses, a reputação da instituição de ensino superior por sua qualidade é um deles (Mazzarol e Sutar, 2002). Nesse sentido, é preciso buscar constantemente a melhoria dos processos de ensino, pesquisa, extensão por meio da internacionalização para que a instituição esteja bem classificada nos *rankings* internacionais e, assim, consiga também atrair alunos e pesquisadores estrangeiros.

A tabela, a seguir, apresenta um panorama das formas de mobilidade desenvolvidas no *campus* Toledo, tanto para o envio de alunos quanto para o recebimento de alunos estrangeiros.

**Tabela 24 - Panorama de envio e recebimento de alunos de acordo com o tipo de mobilidade (2018-2022)**

<b>Característica</b>	<b>Tipo de Mobilidade</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Envio de alunos	Dupla-diplomação	13	76,47
	Mobilidade Estudantil Internacional - MEI	4	23,53
	<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100</b>
Recebimento de alunos	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)	5	83,33
	Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação – PAEC (OEA-GCUB)	1	16,67
	<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Observa-se que, no *campus* Toledo, existiram até o momento apenas duas formas de mobilidade para envio de alunos sendo a dupla-diplomação a maior responsável (76,47%), o que está em congruência com os resultados apontados pela análise geral, na Tabela 21. O mesmo acontece para a mobilidade de alunos estrangeiros, sendo o PEC-G (83,33%) o maior responsável pelos resultados do *campus*.

A UTFPR proporcionou, ao longo do período analisado (2018-2022), diferentes possibilidades de mobilidade aos seus discentes, conforme observado anteriormente. Essas ações foram desenvolvidas a partir da realidade de cada um dos *campi*, de acordo com o que está listado abaixo.

**Tabela 25 - Saída de alunos em mobilidade (2018-2022)**

<b>Campus</b>	<b>Ano</b>					<b>Total</b>
	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>	<b>2022</b>	
Apucarana	6	12	8	3	5	<b>34</b>
Campo Mourão	27	26	7	13	19	<b>92</b>
Cornélio Procópio	31	29	12	8	15	<b>95</b>
Curitiba	76	86	48	36	36	<b>282</b>
Dois Vizinhos	13	10	7	2	15	<b>47</b>
Francisco Beltrão	4	7	2	4	1	<b>18</b>
Guarapuava	7	13	7	0	6	<b>33</b>
Londrina	7	23	4	11	11	<b>56</b>
Medianeira	16	14	12	5	6	<b>53</b>
Pato Branco	37	36	24	23	27	<b>147</b>
Ponta Grossa	29	36	12	22	21	<b>120</b>
Santa Helena	0	0	1	2	2	<b>5</b>
Toledo	4	7	1	2	3	<b>17</b>
<b>Total</b>	<b>257</b>	<b>299</b>	<b>145</b>	<b>131</b>	<b>167</b>	<b>999</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Destacam-se os *campi* Curitiba (282), Pato Branco (147) e Ponta Grossa (120) como aqueles que mais enviaram alunos em mobilidade. O *campus* Toledo enviou 17 alunos, o que mostra que a internacionalização ainda é incipiente, mas que já apresenta resultados. Os alunos enviados estavam vinculados aos cursos de Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia, Engenharia Civil e Engenharia Eletrônica. Esse fator chama a atenção para o perfil dos alunos atendidos como sendo aqueles que apresentam disponibilidade integral para o curso, diferentemente do perfil dos cursos noturnos, que, na maioria das vezes, evidenciam um perfil de aluno que necessita trabalhar durante o dia.

No entanto, observa-se que todos os *campi* têm buscado de alguma maneira oportunizar a mobilidade aos seus alunos. Como já apresentado, a internacionalização é um processo e podemos notar, com base nos resultados da tabela, que o ano de 2022 foi aquele com a maior participação dos *campi* (13). Nota-se também que existe um movimento de alunos estrangeiros que buscam a UTFPR para realizar sua formação.

**Tabela 26 - Vinda de alunos estrangeiros em mobilidade (2018-2022)**

<i>Campus</i>	Ano					Total
	2018	2019	2020	2021	2022	
Apucarana	0	0	0	0	0	0
Campo Mourão	2	0	0	0	0	2
Cornélio Procópio	2	1	1	1	1	6
Curitiba	20	35	3	5	20	83
Dois Vizinhos	2	1	3	0	0	6
Francisco Beltrão	0	1	0	0	0	1
Guarapuava	0	0	0	0	0	0
Londrina	1	1	1	1	0	4
Medianeira	3	1	2	2	1	9
Pato Branco	4	1	0	0	0	5
Ponta Grossa	5	3	0	0	0	8
Santa Helena	0	1	0	0	0	1
Toledo	3	2	1	0	0	6
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>47</b>	<b>11</b>	<b>9</b>	<b>22</b>	<b>131</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Esses dados colocam o *campus* Curitiba (83) como maior escolha dos alunos estrangeiros. Esse fato pode estar associado à maior quantidade de cursos e, conseqüentemente, maior possibilidade de escolhas; ademais, por se tratar da capital, ser uma cidade de maior porte e de maior visibilidade. O *campus* Toledo (6) também recebeu alunos estrangeiros principalmente entre os anos de 2018 a 2020. Chama a atenção o fato de que, nos anos seguintes, o *campus* não recebeu nenhum aluno; isso pode ser um sinal de alerta para avaliar o que o *campus* pode oferecer, para onde seus currículos têm apontado e quais mudanças podem ser feitas a fim de se tornar atrativo aos alunos internacionais, caso seja essa a intenção.

A mobilidade é uma importante ferramenta de internacionalização do ensino superior e não é exclusiva aos alunos. O mecanismo de monitoramento da estratégia 3 sugere a relação de servidores em afastamento para estudos no exterior, mas essa informação não foi encontrada nos relatórios de gestão. Para o levantamento delas,

realizou-se uma solicitação à COGERH sobre a relação dos afastamentos dos servidores docentes e técnicos-administrativos do *campus* Toledo; diante disso, os resultados são evidenciados no quadro a seguir.

**Quadro 18 - Afastamentos dos servidores do campus Toledo para o exterior (2018-2022)**

Ano	País	Tipo de Afastamento
2019	Canadá	Preparatório de Inglês
2019	Inglaterra	Desenvolvimento de atividades do doutorado com cooperação internacional
2019	Itália	Doutorado Sanduíche
2019	EUA	Doutorado Sanduíche
2019	EUA	Doutorado Sanduíche
2019	EUA	Atividades desenvolvidas em um Projeto
2019	Portugal	Participação em evento (apresentação de trabalho)
2019	Peru	Participação em evento
2020	Austrália	Aperfeiçoamento em língua inglesa
2020	Austrália	Aperfeiçoamento em língua inglesa
2022	Suíça	Pós-doutorado
2022	Uruguai	Visita técnica
2022	Abu Dhabi	Visita técnica
2022	Uruguai	Participação em evento (ouvinte)

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Dentre os tipos de afastamento solicitados pelos servidores docentes e técnicos-administrativos, destacam-se aqueles relacionados ao desenvolvimento de atividades de pesquisa de doutorado e pós-doutorado. O estabelecimento de novas parcerias e o fortalecimento das já existentes dependem desse tipo de ação, na qual os servidores tendem a apresentar a instituição de ensino superior com a qual estão vinculados e, assim, têm a oportunidade de abrir novos caminhos. Então, a universidade tornar-se-ia internacional tanto por suas atividades formativas quanto pela qualidade e impacto das pesquisas (Marrara, 2007).

Sobre a relação de professores estrangeiros visitantes e permanentes na UTFPR, não foram encontradas informações suficientes a respeito. Os dados encontrados referem-se apenas à quantidade, mas não especificam se são estrangeiros, visitantes ou permanentes. Sobre a relação de servidores com proficiência em língua estrangeira, não foi encontrada nenhuma informação nos relatórios de gestão.

Dentre as formas de mobilidades abordadas nessa estratégia, destaca-se a estudantil como sendo a de maior ocorrência tanto a nível geral quanto *campus*. Ainda

sobre os resultados, existe uma predominância de internacionalização passiva, que é caracterizada como aquela na qual:

[...] predominam o envio de discentes, docentes e pesquisadores para instituições estrangeiras, bem como a publicação dos trabalhos científicos desses autores em periódicos internacionais, externos à IES brasileira (Marrara, 2007, p. 253).

Segundo o mesmo autor, os principais responsáveis pela realização desse tipo de ação seriam os próprios membros das IES, que, ao buscarem as instituições estrangeiras para seu aprimoramento, também acabam promovendo o nome e os resultados da produção científica que é desenvolvida na IES que representam (Marrara, 2007).

Também, é importante chamar a atenção para a necessidade do desenvolvimento da internacionalização ativa que está relacionada ao recebimento de estrangeiros. Segundo Luce, Fagundes e Mediel (2016), isso é um forte indicador de atratividade institucional nacional e internacional que acaba colocando a IES em uma posição de destaque.

A **“Estratégia 4 - Intensificar a internacionalização de cursos de graduação, de programas de pós-graduação e extensão”** apresenta 5 mecanismos de monitoramento, mas seus dados foram encontrados parcialmente nos relatórios de gestão, como se percebe a seguir.

**Quadro 19 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 4**

<b>Estratégia</b>	<b>Mecanismo</b>	<b>Geral</b>	<b>Campus</b>
Estratégia 4: Intensificar a internacionalização de cursos de graduação, de programas de pós-graduação e extensão	Relatório anual dos aspectos que caracterizam a diversidade internacional no âmbito da UTFPR (e.g. origem dos estudantes internacionais, local de destino dos estudantes da UTFPR, perfil dos professores e pesquisadores de outros países e cursos com vocação para a internacionalização)	Parcial	Parcial
	Análise anual das políticas de ingresso e transferência de créditos quanto à flexibilidade e facilidade de implantação	Parcial	Parcial
	Informe, por parte dos Chefes de Departamento e Coordenadores de Curso, de mudanças que incrementem o processo de internacionalização	Não	Não
	Informe anual, por parte dos setores vinculados à oferta de cursos de línguas estrangeiras, do número de alunos concluintes	Parcial	Sim
	Relato anual do número de disciplinas oferecidas em inglês e espanhol	Não	Sim

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Essa estratégia apresenta, em seu bojo, uma preocupação com os aspectos relacionados à normatização das ações relacionadas à internacionalização, a nível curricular, ensino de línguas, respeito à diversidade cultural, participação em estágios internacionais, validação de créditos, entre outros.

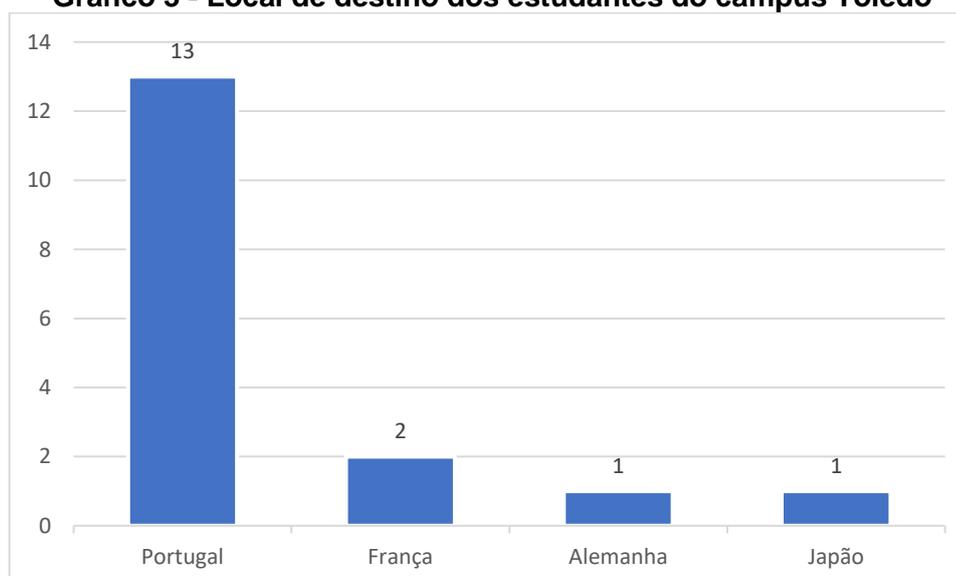
Em relação ao mecanismo de monitoramento de caracterização da diversidade internacional, no âmbito da UTFPR, realizamos uma abordagem a partir de duas perspectivas: a primeira está relacionada ao destino e a segunda, à origem dos estudantes. A tabela, a seguir, apresenta as informações relacionadas ao destino dos estudantes.

**Tabela 27 - Local de destino dos estudantes da UTFPR**

<b>País</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>	<b>2022</b>	<b>Total</b>
Alemanha	20	13	9	5	9	<b>56</b>
Argentina	3	1	2	0	0	<b>6</b>
Bélgica	1	1	0	0	1	<b>3</b>
Coréia do Sul	1	4	4	2	2	<b>13</b>
Espanha	8	0	2	0	1	<b>11</b>
França	27	38	11	31	22	<b>129</b>
Holanda	1	1	1	2	1	<b>6</b>
Irlanda	8	0	0	0	0	<b>8</b>
Itália	7	3	3	2	4	<b>19</b>
Japão	9	33	11	6	5	<b>64</b>
Polônia	0	1	0	0	2	<b>3</b>
Portugal	168	222	96	83	140	<b>709</b>
Rússia	0	1	3	0	0	<b>4</b>
Suécia	3	2	1	0	0	<b>6</b>
Turquia	2	0	1	0	0	<b>3</b>
<b>Total</b>	<b>258</b>	<b>320</b>	<b>144</b>	<b>131</b>	<b>187</b>	<b>1040</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Observa-se que existem países localizados na América do Sul, Europa e Ásia, com destaque para a Europa, que concentram a maior quantidade de países e o maior número de estudantes enviados, como é o caso de Portugal (709) e França (129). O local de destino dos estudantes do *campus* Toledo é apresentado no gráfico a seguir.

**Gráfico 3 - Local de destino dos estudantes do campus Toledo**

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Para o *campus* Toledo, o local de destino concentra-se especialmente na Europa, sendo Portugal (13) o principal local para os estudantes. Vale lembrar que Portugal e França são os países com os quais o *campus* possui acordos de dupla-diplomação, conforme apresentado anteriormente no Quadro 16. As mobilidades ocorridas com Alemanha e Japão são resultados de acordos de cooperação.

Em relação à origem dos alunos estrangeiros, seu panorama é apresentado na tabela a seguir.

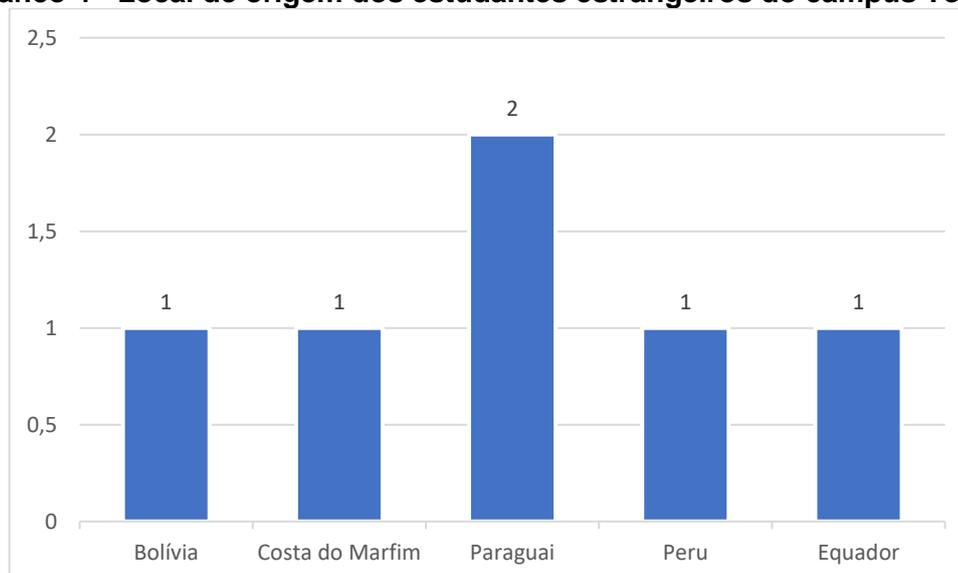
**Tabela 28 - Local de origem dos estudantes estrangeiros**

<b>País</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>	<b>2022</b>	<b>Total</b>
Alemanha	0	3	0	0	0	<b>3</b>
Angola	0	0	0	0	1	<b>1</b>
Argentina	1	0	2	0	0	<b>3</b>
Bélgica	0	1	0	0	0	<b>1</b>
Benim	3	0	0	0	0	<b>3</b>
Bolívia	1	1	0	0	1	<b>3</b>
Colômbia	3	3	0	0	0	<b>6</b>
Costa do Marfim	2	0	0	0	0	<b>2</b>
Costa Rica	0	0	0	0	1	<b>1</b>
Equador	0	3	1	0	0	<b>4</b>
Espanha	0	0	0	1	0	<b>1</b>
Estados Unidos	0	0	0	1	1	<b>2</b>
Finlândia	0	0	0	0	2	<b>2</b>
França	9	16	2	0	0	<b>27</b>
Gana	0	0	0	0	1	<b>1</b>
Guatemala	0	1	0	0	0	<b>1</b>
Guiné-Bissau	1	0	0	0	0	<b>1</b>
Guiné-Equatorial	0	0	0	3	0	<b>3</b>
Holanda	0	1	0	0	0	<b>1</b>
Itália	2	4	2	3	10	<b>21</b>
México	1	0	0	0	1	<b>2</b>
Paraguai	3	5	3	0	2	<b>13</b>
Peru	5	3	0	0	0	<b>8</b>
Portugal	3	2	0	0	2	<b>7</b>
R. D. do Congo	4	0	1	0	0	<b>5</b>
Suécia	0	0	0	1	0	<b>1</b>
Togo	1	0	0	0	0	<b>1</b>
Venezuela	3	3	0	0	0	<b>6</b>
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>46</b>	<b>11</b>	<b>9</b>	<b>22</b>	<b>130</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A série histórica mostra que a UTFPR já recebeu estudantes oriundos de 28 países, o que, de certa forma, evidencia que a universidade apresenta uma visibilidade internacional. Os números da mobilidade ativa ainda não se comparam ao montante de alunos enviados ao exterior, mas reforçam a necessidade da busca pela inserção no cenário internacional. Ao abordarmos sobre o *campus* Toledo, existe uma predominância por estudantes oriundos dos países vizinhos da América do Sul, como se observa no gráfico abaixo.

**Gráfico 4 - Local de origem dos estudantes estrangeiros do campus Toledo**



**Fonte:** Elaborado pelo autor

Paralelamente à mobilidade e outras ações de internacionalização do ensino superior, as IES precisam adequar-se e normatizar seus processos. Nesse sentido, alguns documentos foram desenvolvidos para que o processo de internacionalizar-se se tornasse mais atingível. O quadro, a seguir, mostra a relação dos documentos criados e seus respectivos objetivos.

**Quadro 20 - Criação de documentos institucionais**

Ano	Documento	Objetivo
2018	Resolução Cogep 90/2018	Aprovar a proposta de diretrizes para os cursos de graduação regulares da UTFPR
2019	Resolução Cogep 39/2019	Regulamenta a criação e a oferta de unidades curriculares na modalidade semipresencial e na modalidade não presencial, em cursos de Graduação presenciais da UTFPR
2019	Resolução Cogep 54/2019	Estabelece procedimentos, competências e responsabilidades para as ações de internacionalização nos cursos de graduação presenciais da UTFPR

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A partir dos objetivos das resoluções criadas, é possível observar que elas se complementam e abrem caminho para a internacionalização. Cabe destaque para a possibilidade de oferta de disciplinas ou unidades curriculares na modalidade não presencial, o que pode ser um ponto bem favorável se considerarmos o fato de que nem todos os estudantes têm a possibilidade de realizar uma mobilidade integral. Esse argumento é reforçado por Morosini (2021), quando afirma que a América Latina e Brasil apresentam uma restrição quanto à mobilidade de estudantes e professores.

A possibilidade de internacionalizar sem sair de seu país de origem, por meio do uso de tecnologias, como aulas a distância, é um fator crucial para o desenvolvimento intercultural gerado pela internacionalização. Essa modalidade permite o atendimento de um número muito mais expressivo de estudantes, principalmente daqueles que não conseguem vivenciar a experiência devido a fatores financeiros (Rubin-Oliveira; Costa, 2022).

As normativas institucionalizadas servem como diretrizes para todos os *campi* da UTFPR. De todo modo, os fluxos dos processos e as mudanças para favorecer a internacionalização nos cursos podem ser desenvolvidas de acordo com a realidade e especificidade de cada um. Nesse sentido, a Estratégia 4 prevê um mecanismo de monitoramento direcionado aos chefes de departamento e coordenadores de curso, no qual devem informar as mudanças realizadas para incrementar os processos de internacionalização. No entanto, nenhuma informação referente a esse item foi encontrada nos relatórios de gestão.

Seguindo com a preocupação de fomentar atividades para tornar a instituição internacional, a UTFPR tem se atacado também na linha do ensino de línguas estrangeiras e apresenta um mecanismo de monitoramento destinado a acompanhar

a oferta de cursos e o número de alunos concluintes, como se observa no quadro abaixo.

**Quadro 21 - Relação de cursos de idiomas e alunos concluintes UTFPR (2018-2022)**

Ano	Idioma	Número de alunos	Curso
2018	Não disponível	Não disponível	Não disponível
2019	Inglês e Francês	265	NuLi - IsF <sup>6</sup>
	Inglês	1840	MEO <sup>7</sup>
2020	Alemão, Espanhol, Inglês, Francês e Italiano	1599	CALEM <sup>8</sup>
	Inglês	2410	MEO
2021	Alemão, Espanhol, Inglês, Francês e Italiano	1963	CALEM
	Inglês, Português e Alemão	585	NuLi – IsF
2022	Inglês	140	NuLi – IsF
	Alemão, Espanhol, Inglês, Francês e Italiano	1721	CALEM

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Observa-se que, ao longo do período analisado, foram ofertados cursos nos idiomas de Alemão, Espanhol, Inglês, Francês e Italiano aplicados por três centros formativos: (a) Núcleo de Línguas – Idiomas sem Fronteiras – NuLi – ISF; (b) *My English Online* – MEO; e (c) Centro Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas – CALEM. Cada *campi* tem autonomia para ofertar os cursos de acordo com sua disponibilidade, uma vez que a oferta está relacionada à disponibilidade de docentes. Isso implica que o *campus* com maior número de professores da área de línguas tenha condições de ofertar cursos com mais turmas e em mais idiomas. No caso do *campus* Toledo, a oferta ocorre por meio do CALEM, conforme dados a seguir.

<sup>6</sup> Núcleo de Línguas – Idiomas sem Fronteiras

<sup>7</sup> *My English Online*

<sup>8</sup> Centro Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas

**Tabela 29 - Cursos de idiomas e alunos concluintes do campus Toledo (2018-2022)**

<b>Ano</b>	<b>Idioma</b>	<b>Número de alunos</b>	<b>Finalizaram o semestre</b>	<b>Finalizaram o curso</b>
2018	Inglês	9	8	0
2019	Inglês	68	49	6
2020	Inglês	56	33	5
2021	Inglês	34	34	6
2022	Inglês	107	81	6
<b>Total</b>		<b>274</b>	<b>205</b>	<b>23</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Para o *campus* Toledo, a oferta de cursos de línguas ocorreu exclusivamente para o idioma de Inglês, devido à disponibilidade de professores somente dessa área. Podemos observar que o número de alunos matriculados não é tão expressivo, pois representa apenas 16,99% do total de alunos matriculados<sup>9</sup>, tomando como referência o ano de 2022, que apresentou o maior número. Dos alunos matriculados nesse ano, 81 finalizaram o semestre, o que equivale a 75,7% dos inscritos. No CALEM, as turmas são ofertadas semestralmente e divididas em 5 níveis, sendo o último nível equivalente a uma proficiência de nível B1, segundo o Quadro Europeu Comum de Referências para Línguas. Esse nível coloca o indivíduo em um nível intermediário de conhecimento da língua estrangeira. Os dados apontam que apenas 23 alunos dos 273 matriculados ao longo de todo o período (2018-2022) concluíram o curso e chegaram a um nível considerado intermediário. Isso representa 8,42% do total de matriculados no curso de idiomas, um percentual baixo se considerarmos a importância do conhecimento de línguas estrangeiras para a internacionalização.

A universidade, sendo reconhecida como espaço de construção de saber, ciência, tecnologia e formação humana, transforma-se em um local de desenvolvimento de conhecimentos internacionais e interculturais, acolhendo e possibilitando aos acadêmicos a busca de experiências além de suas fronteiras (Heinzle; Pereira, 2023). Em um mundo globalizado, as línguas estrangeiras assumem um importante papel na internacionalização do ensino superior tanto na mobilidade *in* quanto *out* (Finardi; Santos; Guimarães, 2016).

A oferta de disciplinas em línguas estrangeiras também se torna uma condição fundamental na busca da internacionalização do ensino superior, mas está diretamente ligada à formação dos professores para trabalharem a disciplina em outra língua, por isso, a necessidade do incentivo e busca pelo domínio de outras línguas.

<sup>9</sup> Total de 1612 alunos matriculados em 2022.

Sobre essa questão, a estratégia apresenta um mecanismo de monitoramento, mas essa informação não consta nos relatórios de gestão. Para o levantamento das informações do *campus* Toledo, realizou-se a consulta da matriz curricular dos cursos e não identificamos nenhuma disciplina ofertada em língua estrangeira. Vale lembrar que o fato da oferta de disciplinas em línguas estrangeiras não garante a internacionalização do currículo, sendo esse um dos enganos apontados por Azevedo (2016a).

A “**Estratégia 5 - Expandir a cooperação internacional em pesquisa e inovação**” é formada por 5 mecanismos de monitoramento. Desses, apenas 2 estavam disponíveis nos relatórios de gestão quando abordavam sobre todos os *campi*, sendo que um deles ainda apresentava dados parciais. Para o *campus* Toledo, os dados obtidos, junto à COGERH, fazem referência a apenas 1 mecanismo de monitoramento, conforme segue.

**Quadro 22 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 5**

<b>Estratégia</b>	<b>Mecanismo</b>	<b>Geral</b>	<b>Campus</b>
Estratégia 5: Expandir a cooperação internacional em pesquisa e inovação	Relação atualizada de Acordos de Cooperação com objeto específico em pesquisa, firmados com universidades de outros países	Sim	Não
	Relação atualizada de alunos de mestrado e doutorado participando em projetos de pesquisa internacionais	Não	Não
	Informe anual, por parte dos câmpus, da relação de professores que participaram de atividades internacionais (e.g. congressos, seminários, prospecções), bem como dos acadêmicos internacionais (e.g. alunos e professores) que trabalham em projetos de pesquisa colaborativos	Sim (parcial)	Sim (parcial)
	Relação atualizada das publicações resultantes de colaboração internacional	Não	Não
	Relação atualizada de professores de outras universidades co-orientando alunos da UTFPR	Não	Não

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Os dados disponíveis referem-se apenas aos acordos de cooperação com objeto específico em pesquisa e à relação de professores em atividades internacionais. Os resultados dos demais mecanismos de monitoramento não estavam disponíveis nos relatórios de gestão, o que tende a dificultar a análise dessa estratégia.

Como já abordado anteriormente, os acordos de cooperação têm sido um ponto estratégico para o desenvolvimento de ações de internacionalização. A disseminação do conhecimento científico, em uma perspectiva globalizada, ocasionou uma maior frequência de troca de informações entre pares com o objetivo de compartilhar paradigmas, explorar interesses comuns e buscar novos caminhos de investigação (Grabinski, 2019a).

Nessa estratégia, esses acordos ganham destaque para abrir os caminhos relacionados ao desenvolvimento de pesquisa em conjunto com universidades estrangeiras, que pode resultar no desenvolvimento de novas tecnologias, na atração de alunos e pesquisadores estrangeiros e até mesmo transformar-se em fonte de recurso financeiro para a instituição. A tabela, a seguir, mostra a evolução dos acordos de cooperação firmados com esse propósito.

**Tabela 30 - Evolução de acordos de cooperação com objeto específico em pesquisa (geral)**

<b>Ano</b>	<b>Número de acordos</b>	<b>%</b>
2018	Não disponível	-
2019	16	64,00
2020	3	12,00
2021	5	20,00
2022	1	4
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Os dados encontrados referem-se apenas aos acordos firmados pela instituição, de maneira geral. Não há, nos relatórios, um detalhamento sobre o que cada um dos *campi* tem desenvolvido. Nota-se um decréscimo no número de acordos assinados ao longo dos anos, o que pode servir de alerta para as ações que vêm sendo efetivadas pela IES.

Esses resultados demonstram que os acordos de cooperação com objeto específico em pesquisa representam uma possibilidade de desenvolvimento institucional que precisa ser acompanhada, fomentada e implementada pela IES.

Nesse sentido, Leite (2005) chama a atenção que, para atenderem ao seu chamado de produzir conhecimento, as IES não podem hesitar em progredir em direção de novos paradigmas, mas devem direcionar sua atenção para a esfera global, para a exploração de redes e associações que possam efetivamente manter sua ligação com os avanços ocorridos nos domínios tecnológico, científico e social.

Vale lembrar que os resultados somente aparecerão se houver iniciativas partindo da IES, dos alunos e do pesquisador, de modo que esses atores precisam buscar as parcerias, estabelecer o projetos, conseguir as verbas, desenvolver a ciência e aplicar novos mecanismos de análise (Grabinski, 2019b).

Visando ao alcance de resultados, nesse contexto de estreita relação entre IES e atores, identificou-se que tentativas têm sido realizadas no sentido de estabelecer redes ou projetos interinstitucionais, como se observa na sequência.

**Tabela 31 - Participação de servidores em atividades internacionais**

Ano	Geral		Campus Toledo	
	Número de Atividades	%	Número de Atividades	%
2018	15	18,52	0	0,00
2019	27	33,33	8	9,88
2020	8	9,88	2	2,47
2021	0	0	0	0
2022	31	38,27	4	4,94
<b>Total</b>	<b>81</b>	<b>100,00</b>	<b>14</b>	<b>17,28</b>

Fonte: Elaborado pelo autor

Os relatórios de gestão só apresentam informações referentes à participação dos servidores, não havendo informações a respeito dos alunos. Sobre a participação dos servidores, mostrada na tabela acima, é possível notar que tanto a instituição quanto o *campus* Toledo têm fomentado a participação internacional, tendo o ano de 2022 (31) a maior participação geral, enquanto que, para o *campus* Toledo, o ano de 2019 (8) foi aquele com maior destaque. No ano de 2021, nenhuma ação de deslocamento internacional foi realizada em virtude do cenário de Covid-19, que limitou a ida ao exterior. O *campus* Toledo representa 17,28% da participação total da UTFPR, demonstrando que existe um caminho sendo percorrido rumo à internacionalização.

Outros mecanismos, como a relação de alunos de mestrado e doutorado que participaram de projetos internacionais, a relação de publicações resultantes da colaboração internacional e a relação de professores de outras universidades que

coorientavam alunos da UTFPR, não foram disponibilizadas nos relatórios de gestão. A disponibilização desses dados seria fundamental para avaliar o impacto da pesquisa resultante das parcerias internacionais e como elas poderiam modificar a relação entre UTFPR e as demandas globais.

A “**Estratégia 6 – Aprimorar mecanismos de atração de alunos e pesquisadores de outros países**” relaciona-se diretamente com a estratégia anterior, já que se refere à participação dos servidores e à oferta de oportunidades para a comunidade internacional. Apresenta 3 mecanismos de monitoramento, dos quais apenas um estava disponibilizado nos relatórios de gestão, conforme se observa.

**Quadro 23 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 6**

<b>Estratégia</b>	<b>Mecanismo</b>	<b>Geral</b>	<b>Campus</b>
Estratégia 6: Aprimorar mecanismos de atração de alunos e pesquisadores de outros países	Relação atualizada dos servidores que apresentem nível de proficiência em língua(s) estrangeira(s)	Não	Não
	Relação atualizada dos alunos e pesquisadores estrangeiros engajados em atividades nos câmpus da UTFPR, tanto em andamento quanto finalizadas	Não	Não
	Relação atualizada de atividades de ensino e pesquisa ofertadas à comunidade internacional	Sim	Sim

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Estão divulgadas apenas as informações referentes às atividades ofertadas à comunidade internacional, não havendo a divulgação de qualquer registro referente à proficiência dos servidores e ao engajamento de alunos estrangeiros em atividades nos *campi*.

Já foi evidenciado que o estabelecimento de cooperações internacionais é o caminho para tornar a IES reconhecida e, assim, atrair alunos e pesquisadores estrangeiros. Muitos fatores contribuem para que essa condição saia do papel, do termo assinado, e passe de fato a ser executada. Além da mobilidade, que já apresenta um avanço em pesquisas e que, segundo Ramos (2018), é considerada a principal forma de internacionalização da ciência no Brasil, é preciso observar a respeito das discussões referentes à flexibilização e à internacionalização curricular, assim como a infraestrutura voltada a esse fim, que recentemente tem ganhado força no campo acadêmico (Bittencourt, 2019).

Para que a IES tenha condições de desenvolver uma internacionalização ativa, relacionada ao recebimento de alunos e pesquisadores estrangeiros, é preciso estar atenta a alguns fatores importantes que se relacionam diretamente a essa estratégia. A atração de alunos e pesquisadores tornou-se uma competição entre as IES pelo recrutamento de recursos materiais e humanos. Essa busca apresenta algumas barreiras, por exemplo, as despesas com as quais os estudantes ou pesquisadores precisam arcar, a saber, transporte, alimentação, moradia, lazer e saúde (Lima; Maranhão, 2009).

Assim, para minimizar essas barreiras, é preciso que os processos para atração de alunos e pesquisadores estrangeiros sejam adaptados e se tornem mais flexíveis, de modo que as dificuldades impostas pelos custos e pelo idioma sejam superadas, permitindo que consigam desenvolver seus estudos no nosso país (Marrara; Rodrigues, 2009). É importante destacar que ações, como a oferta de disciplinas em língua estrangeira, a existência de políticas institucionais para o acolhimento de estrangeiros (alojamentos, recursos financeiros, acompanhamento), além da utilização de recursos tecnológicos, são essenciais para o desenvolvimento da internacionalização ativa.

A partir dos dados apresentados nos relatórios de gestão, pode-se observar que a UTFPR tem desenvolvido ações de ensino e pesquisa para a comunidade internacional, de maneira ainda inicial, como se observa abaixo.

**Tabela 32 - Atividades ofertadas à comunidade internacional**

Ano	Geral		Campus Toledo	
	Número de atividades	%	Número de atividades	%
2018	Não disponível	-	Não disponível	-
2019	Não disponível	-	Não disponível	-
2020	15	23,81	0	0
2021	21	33,33	3	100
2022	27	42,86	0	0
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100</b>	<b>3</b>	<b>4,76</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Pode-se afirmar que, para os números gerais, houve uma evolução das ações ofertadas para a comunidade internacional, sobretudo no ano de 2022, que registrou seu maior número (27). No entanto, ao tratar especificamente do *campus* Toledo, notamos que as ações ainda são muito restritas, acontecendo exclusivamente no ano

de 2021 (3), de maneira que representam apenas 4,76% das ações desenvolvidas em toda a UTFPR.

Isso reforça o argumento apresentado anteriormente a respeito da necessidade de fortalecimento de ações e políticas direcionadas aos estrangeiros, de modo que a IES e o *campus* possam se tornar atrativos para a comunidade internacional.

A “**Estratégia 7 - Promover a cultura da internacionalização no âmbito da UTFPR**” apresenta, como diretrizes: (a) promoção de eventos itinerantes na UTFPR com o objetivo de motivar a internacionalização; (b) divulgação das ações internacionais desenvolvidas pela IES; e (c) promover ações de financiamento, por meio de editais, para o desenvolvimento de projetos em instituições internacionais. Conta com 3 mecanismos de monitoramento, cujos resultados estavam disponibilizados da seguinte maneira.

**Quadro 24 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 7**

<b>Estratégia</b>	<b>Mecanismo</b>	<b>Geral</b>	<b>Campus</b>
Estratégia 7: Promover a cultura da internacionalização no âmbito da UTFPR	Relação atualizada de eventos de internacionalização promovidos na/pela UTFPR	Sim	Sim
	Relação descritiva dos clippings de notícias com viés de internacionalização ocorridas na UTFPR	Sim*	Sim*
	Quantificação do número de acessos ao Portal da UTFPR por pessoas de outros países.	Não	Não

\*Dados encontrados em outra fonte

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Ao analisar as diretrizes da estratégia e os mecanismos de monitoramento definidos, não foi possível identificar um mecanismo que monitore a diretriz relacionada à promoção de ações de financiamento para o desenvolvimento de ações no exterior. Esse é um ponto que necessita de revisão nessa estratégia.

Em relação aos eventos de internacionalização promovidos na e pela UTFPR, podemos observar que, ao longo do período analisado, foram desenvolvidas diversas ações, conforme apresentado na tabela a seguir.

**Tabela 33 - Eventos de internacionalização promovidos na/pela UTFPR**

Ano	Geral		Campus Toledo	
	Número de eventos	%	Número de eventos	%
2018	Não disponível	-	Não disponível	-
2019	3	4,55	N/D	N/D
2020	15	22,73	0	0
2021	21	31,82	3	100
2022	27	40,91	0	0
<b>Total</b>	<b>66</b>	<b>100</b>	<b>3</b>	<b>4,55</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Cabe destaque para o aumento de ações desenvolvidas pela UTFPR ao longo do período analisado, demonstrando que a IES tem buscado o desenvolvimento e o amadurecimento contínuo do processo de internacionalização. Contudo, ao olhar para os dados do *campus* Toledo, nota-se que ainda falta esse amadurecimento para o desenvolvimento da internacionalização, demonstrando que o tema não se constitui em algo que esteja na rotina do *campus*.

Stallivieri e Gonçalves (2015) chamam a atenção para o fato de que as instituições de ensino superior têm o objetivo de cultivar, em seus alunos, uma perspectiva abrangente sobre questões globais e equipar os indivíduos com os conjuntos de habilidades necessárias para atuar em diversos ambientes pluri e multiculturais, adentrando a rotina universitária, com tópicos, a exemplo da mobilidade acadêmica internacional, proficiência linguística estrangeira e comunicação intercultural. Esses elementos constituem-se como fundamentais para o desenvolvimento de uma cultura de internacionalização na IES.

Os dados gerais referentes ao mecanismo “Relação descritiva de clippings de notícias com viés de internacionalização ocorridas na UTFPR” foram levantados a partir da página da UTFPR *link* “Notícias – Relações Internacionais” e do *link* “Comunicação/*Clipping*”. Os resultados são apresentados a seguir.

**Tabela 34 - Total de notícias publicadas no Portal da UTFPR**

Ano	Total de Notícias	%
2018	26	22,61
2019	23	20
2020	25	21,74
2021	22	19,13
2022	19	16,52
<b>Total</b>	<b>115</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Nota-se que as ações de internacionalização ou as possibilidades relacionadas ao tema ainda são pouco divulgadas na IES. Esse fato foi comprovado ao buscar as informações sobre as publicações do *campus* Toledo. Primeiramente, para ter acesso a essas informações, foi necessário verificar as notícias publicadas na página do *campus* no link “Notícias”; além da página do *Facebook* do *campus* e da quantidade de publicações com viés de internacionalização, havia uma diferença nos dois canais, como se observa abaixo.

**Tabela 35 - Notícias publicadas no portal do campus e Facebook do campus**

Ano	Portal do <i>campus</i>			Facebook do <i>campus</i>		
	<i>Clippings</i>	Internacionalização	%	<i>Clippings</i>	Internacionalização	%
2018	88	9	10,23	901	81	8,99
2019	Não disponível	Não disponível	-	714	43	6,02
2020	1	0	0	418	22	5,26
2021	2	0	0	510	37	7,25
2022	33	7	21,21	489	35	7,16
<b>Total</b>	<b>124</b>	<b>16</b>	<b>12,90</b>	<b>3032</b>	<b>218</b>	<b>7,19</b>

Fonte: Elaborado pelo autor

A diferença apresentada nos dois canais, em que foram coletadas as informações, representa uma realidade diferente de divulgação. Isso pode estar relacionado ao fato de que o engajamento institucional ocorra melhor nas redes sociais do que em seu portal, devido ao perfil dos estudantes e comunidade. Nas redes sociais, é possível divulgar a ação várias vezes, lembrando aos interessados sobre o evento ou ação, o que favorece o acompanhamento e conhecimento sobre o tema. Dessa forma, a divulgação por meio das redes sociais torna-se mais efetiva. Isso pode ser visto claramente na quantidade de *clippings* disponíveis no portal (124) e na rede social (3032). Tal fato promove uma divulgação mais ampla sobre a temática e é uma estratégia que deve ser continuada, buscando o alcance e engajamento da comunidade em torno da internacionalização.

No entanto, foi possível identificar ações que foram divulgadas no perfil das redes sociais e que não estavam divulgadas na portal do *campus*. Isso representa que muitas ações foram desenvolvidas, mas não foram notificadas aos setores responsáveis. Esse desencontro de informações dificulta a divulgação e o desenvolvimento da cultura de internacionalização, uma vez que nem todos os usuários apresentam o mesmo perfil na busca de informações.

Conhecer o público a quem se atinge é essencial para direcionar os esforços em ações específicas. Por isso, o mecanismo destinado a identificar os acessos ao portal institucional por pessoas de outros países é fundamental para apresentar esse panorama. No entanto, a informação não estava disponível nos relatórios de gestão e também não foi repassada pelo setor que faz esse monitoramento. Ressaltamos a importância da facilidade de acesso às informações para que análises e avaliações sejam feitas; assim, a partir delas, é possível desenvolver novas abordagens buscando o alcance dos objetivos estabelecidos.

Ainda sobre esse ponto, cabe destacar o fato de que os resultados dos mecanismos que foram encontrados estavam disponibilizados em diversas fontes, de maneira pulverizada. Isso dificulta a manutenção dos registros e avaliação da política institucional, além de favorecer o desenvolvimento de uma internacionalização oculta, a qual ocorre, mas não é registrada e tampouco pode ser avaliada.

A “**Estratégia 8 - Apoiar o desenvolvimento de projetos não convencionais com foco na internacionalização**” tem como diretrizes gerais o estímulo, a divulgação e o desenvolvimento de iniciativas não convencionais de internacionalização por meio de recursos educacionais digitais e cursos abertos. Apresenta um único mecanismo de monitoramento e sua disponibilidade pode ser vista no quadro a seguir.

**Quadro 25 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 8**

<b>Estratégia</b>	<b>Mecanismo</b>	<b>Geral</b>	<b>Campus</b>
Estratégia 8: Apoiar o desenvolvimento de projetos não convencionais com foco na internacionalização	Informe anual, por parte dos campi, da quantidade, tipo de ação e perfil dos participantes da iniciativa não convencional desenvolvida	Parcial	Não

**Fonte:** Elaborado pelo autor

O desenvolvimento de projetos com essas características promove a possibilidade de que as barreiras físicas e econômicas possam ser superadas a partir da utilização de tecnologias e da implantação de novas metodologias de ensino. Nos relatórios de gestão, foram encontradas informações parciais a respeito das ações desenvolvidas com esse mecanismo de monitoramento, sendo identificado apenas o tipo de ação, conforme dados abaixo.

**Quadro 26 - Relação de atividades desenvolvidas**

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Campus</b>
2020	Inovações no curso de engenharia de bioprocessos e biotecnologia: estrutura curricular, modelos de ensino e mobilidade internacional	Ponta Grossa
2020	Cooperação internacional com o Instituto Politécnico de Bragança visando a inovação curricular na reestruturação do curso de Engenharia Química do campus Apucarana	Apucarana
2020	Utilização da internacionalização para inovação curricular do curso de Engenharia Têxtil - campus Apucarana	Apucarana
2020	Estudo de percursos curriculares utilizados por Institutos Politécnicos de Portugal com foco no ensino baseado em competências	Pato Branco
2020	Um programa de líderes globais para a UTFPR	Cornélio Procópio
2020	A busca de inovação metodológica em universidades alemãs para aplicação em ensino de graduação nos cursos de Química e Engenharias da UTFPR	Pato Branco

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Os dados encontrados referem-se apenas ao ano de 2020, mostrando que essa estratégia tem sido pouco explorada pela IES. Sobre as propostas apresentadas, elas relacionam-se basicamente à reestruturação e inovação de currículos. Ao abordarmos a respeito do *campus* Toledo, nenhuma ação foi apresentada nos relatórios de gestão.

A incorporação de dimensões internacionais, interculturais ou globais ao currículo, assim como os resultados, a avaliação e os métodos é chamada de internacionalização do currículo (Leask, 2015). Dessa maneira, os projetos não convencionais podem estar ligados ao desenvolvimento da internacionalização do currículo, o que colocará a IES em condições de aprimorar seu processo de internacionalização.

Uma outra abordagem também pode ser realizada a partir do desenvolvimento desses projetos e está relacionada ao uso das tecnologias para promover a internacionalização. O período pandêmico colocou em evidência a utilização de ferramentas que já existiam, porém, não eram aproveitadas em todo o seu potencial. Realizar atividades síncronas com pessoas em diferentes localidades mostrou-se uma estratégia eficiente e de baixo custo.

Nesse sentido, aproveitar a tecnologia para desenvolver atividades de internacionalização torna-se extremamente útil, especialmente nos contextos em que a internacionalização foca-se apenas na mobilidade, que acaba excluindo aqueles que, por algum motivo, não têm a possibilidade de fazer uma experiência no exterior

(Sousa *et al.*, 2019). A mobilidade não pode ser entendida como o único aspecto da internacionalização, visto que o Brasil e outros países da América do Sul apresentam limitações em relação ao seu desenvolvimento devido ao baixo investimento, à dificuldade de acesso dos estudantes e às dificuldades linguísticas (Clemente; Morosini, 2021).

Diante disso, investir em projetos não convencionais com foco na internacionalização pode ser uma estratégia interessante para levar a discussão da temática ao maior número de pessoas possíveis, respeitando as características reais de sua comunidade e proporcionando a possibilidade de internacionalizar-se a todos os interessados.

A “**Estratégia 9 – Prover infraestrutura e fomento para internacionalizar os setores afins da UTFPR**” apresenta como diretrizes a identificação de problemas que dificultem a realização de ações de internacionalização, garantir a dotação orçamentária para o seu desenvolvimento e incentivar o desenvolvimento de ações nos cursos de graduação e pós-graduação. Para verificar o andamento das diretrizes, são apresentados dois mecanismos de monitoramento, como se observa a seguir.

**Quadro 27 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 9**

<b>Estratégia</b>	<b>Mecanismo</b>	<b>Geral</b>	<b>Campus</b>
Estratégia 9: Prover infraestrutura e fomento para internacionalizar os setores afins da UTFPR	Previsão orçamentária anual de recursos para ações de internacionalização	Sim	Sim
	Informe anual, por parte dos campi, de demandas de recursos e infraestrutura para internacionalização	Não	Não

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Para análise desses dados, foram considerados os valores utilizados durante cada ano, destinados às ações de internacionalização. Tratando-se de uma instituição pública, é necessário que esses valores sejam planejados e previstos sempre no ano anterior à sua utilização. Esses valores são apresentados na tabela abaixo.

**Tabela 36 - Recursos destinados à internacionalização**

Ano	Geral		Campus Toledo	
	Valor (R\$)	%	Valor (R\$)	%
2018	646.500,00	17,50	12.000,00	19,68
2019	401.000,00	10,86	4.000,00	6,56
2020	919.508,00	24,90	1.500,00	2,46
2021	434.500,00	11,76	9.000,00	14,76
2022	1.291.775,16	34,98	34.461,54	56,53
<b>Total</b>	<b>3.693.283,16</b>	<b>100</b>	<b>60.961,54</b>	<b>2</b>

Fonte: Elaborado pelo autor

Os resultados apresentados demonstram uma preocupação da UTFPR em fortalecer as ações de internacionalização mediante o investimento financeiro ao longo dos anos. O mesmo acontece para o *campus* Toledo, que, ainda que apresente um investimento equivalente a 2% do total, tem buscado novas possibilidades, sobretudo no ano de 2022.

Os recursos foram destinados a ações relacionadas à internacionalização do ensino, à dupla-diplomação, ao Programa Embaixador UTFPR, ao Programa UTFPR Recebe e às Missões Institucionais. As dificuldades oriundas da falta de recursos financeiros podem atrapalhar qualquer ação de internacionalização; nesse sentido, a UTFPR, por meio desses investimentos, tenta minimizar as dificuldades e oferecer à sua comunidade possibilidades de se internacionalizar.

O “Programa Embaixador UTFPR”, que entrou em vigor em 2022, é uma parceira estabelecida entre a DIRINTER e a PROGRAD, que tem por objetivo promover a internacionalização de acordo com a política institucional. Nesse programa, os servidores responsáveis pela internacionalização e os coordenadores estabelecem um plano de missão, no qual serão os representantes da UTFPR nas instituições estrangeiras com as quais buscarão consolidar ou evoluir as parcerias já existentes.

O outro programa, também criado em 2022, é o “UTFPR Recebe”. Esse programa surgiu da parceria entre a DIRINTER e a PROGRAD e tem como foco principal recepcionar as comitivas de universidades parceiras, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Por meio desse programa, a UTFPR oferta suporte financeiro para a recepção de missões internacionais com o objetivo de consolidar e ampliar as relações interinstitucionais e internacionais existentes.

Para o *campus* Toledo, os investimentos têm se concentrado nas ações de dupla-diplomação e Programa Embaixador UTFPR. A ausência de investimentos do

Programa Recebe UTFPR é um sinal da característica marcante do *campus*, que é o desenvolvimento de uma internacionalização passiva. Por outro lado, para o desenvolvimento de uma internacionalização ativa, o investimento é fundamental, ainda mais pelo fato de que as universidades brasileiras são pouco conhecidas internacionalmente, mesmo apresentando boas avaliações nos *rankings* mundiais (Marrara; Rodrigues, 2009).

O contexto financeiro é um marco importante no desenvolvimento da internacionalização nas IES, uma vez que pode atuar tanto como agente garantidor quanto limitador de sua execução. Isso porque a limitação de recursos pode direcionar o investimento em determinadas áreas de pesquisa que apresentam a possibilidade de maior retorno financeiro e investimentos diretos (Franklin; Zuin; Emmendoerfer, 2018).

Isso se aplica diretamente à realidade da UTFPR e do *campus* Toledo, que apresentam cursos das áreas de Engenharia, Tecnólogos e Licenciaturas. Promover uma internacionalização da IES, assim como determina a Política de Internacionalização da UTFPR, é garantir que todos os cursos tenham a possibilidade de receber investimentos para o desenvolvimento da internacionalização, independentemente da área. No caso do *campus* Toledo, por exemplo, no período analisado neste estudo, apenas os cursos de Engenharia desenvolveram ações de internacionalização. É claro que a busca pelo desenvolvimento das ações depende também dos atores de cada curso, se esses se sentem motivados a desenvolver a internacionalização (aqui, entra o papel do desenvolvimento da cultura de internacionalização desenvolvida na IES), mas é importante levar essa preocupação em conta no momento da distribuição dos recursos.

A internacionalização também carece de uma estrutura física institucional para facilitar suas ações. Nesse sentido, a política institucional prevê um mecanismo de monitoramento relacionado a esse ponto. No entanto, não foram encontradas informações a respeito das solicitações de recursos para investimento em infraestrutura, seja de mobiliário, de recursos tecnológicos ou recursos de qualquer outra forma. Destaca-se o fato de que, no *campus* Toledo, não existe um espaço específico para o desenvolvimento das ações do DERINT, o que tende a dificultar até mesmo a visibilidade do setor perante a comunidade acadêmica; isso, muitas vezes, faz com que se desconheça sua existência e sua finalidade, de maneira que afeta negativamente o desenvolvimento da internacionalização.

A “Estratégia 10 - Promover a internacionalização interna de setores, processos, pessoas e infraestrutura” tem suas diretrizes relacionadas à internacionalização dos currículos, visando à compatibilidade e conseqüente mobilidade internacional; ao compartilhamento da interculturalidade; à adequação dos sistemas e documentos para a internacionalização; oferta de cursos de Português para estrangeiros; e estímulo da dimensão internacional como uma forma de crescimento profissional/pessoal. Para o monitoramento desses itens, a estratégia apresenta três mecanismos, conforme apontado abaixo.

**Quadro 28 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 10**

<b>Estratégia</b>	<b>Mecanismo</b>	<b>Geral</b>	<b>Campus</b>
Estratégia 10: Promover a internacionalização interna de setores, processos, pessoas e infraestrutura	Relação atualizada de cursos e programas com currículos compatibilizados internacionalmente	Não	Não
	Relação de eventos de disseminação intercultural	Sim	Sim*
	Relação de documentos e relatórios compatibilizados com processos de internacionalização	Não	Não

\*Não foi obtido nos relatórios de gestão

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Dentre os mecanismos de monitoramento apontados pela política de internacionalização, apenas um deles estava disponível. Os dados gerais foram encontrados nos relatórios de gestão, mas os dados do *campus* Toledo foram encontrados em outra fonte, nos registros de notícias da página do *campus*.

Sobre o mecanismo de monitoramento relacionado aos cursos e programas com currículos compatibilizados internacionalmente, não foram encontradas informações nos relatórios de gestão. É sabido que diversos cursos já apresentam a dupla-diplomação e isso já é o início da busca pela compatibilização internacional dos currículos. No entanto, não existe uma relação disponibilizada e atualizada dos cursos e *campi* que se enquadram nessa característica. O mesmo efeito acontece para o *campus* Toledo.

As informações sobre o mecanismo relacionado aos eventos de disseminação intercultural desenvolvidos pela UTFPR estavam disponíveis. Nessa perspectiva, para atender à interculturalidade, a UTFPR realizou, ao longo dos anos (2018-2022), várias ações com o objetivo de trabalhar a interculturalidade. Dentre elas, podemos citar: (a) Roda de conversas com intercambistas; (b) Roda de mate internacional; (c) aula-

evento sobre mobilidade estudantil internacional; (d) palestras sobre bolsas no exterior; (e) recepção de estudantes estrangeiros; e (f) estruturação e confecção de materiais destinados à internacionalização, distribuídos aos estudantes estrangeiros. O *campus* Toledo também desenvolveu algumas ações para a promoção da interculturalidade, como podemos observar no quadro a seguir.

**Quadro 29 - Relação de eventos de disseminação intercultural**

Ano	Evento
2018	PAINEL - UTF pelo mundo
2019	PALESTRA - UTF pelo mundo
2022	PROJETO DE EXTENSÃO - Culturas e Africanidades
2022	PROJETO DE EXTENSÃO - Migração, identidade e saúde mental

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Sobre esses resultados, observa-se que as ações destinadas à promoção da interculturalidade no *campus* ainda acontecem de maneira incipiente. Destacamos que, devido à autonomia direcionada aos cursos, é possível que outras ações tenham sido desenvolvidas, mas não registradas, dificultando, assim, o seu monitoramento. A falta de um mecanismo eficiente para registro das ações já foi apontada como um ponto dificultante para o monitoramento da internacionalização na UTFPR.

As questões interculturais permeiam o cotidiano da sociedade, sobretudo quando se trata do ambiente acadêmico. Vivemos em um país de dimensões continentais, composto por uma variedade de culturas. Essas questões ganham ainda mais evidência quando se considera a internacionalização, tendo em vista que tal prática envolve a formação e a inserção dos indivíduos em países diferentes, com culturas diferentes.

Trabalhar a interculturalidade significa considerar as diferentes culturas, sejam nacionais ou internacionais, estabelecendo elos entre elas (Clemente; Morosini, 2021). No entanto, Candau e Russo (2010) destacam que a interculturalidade deve combater a ideia da hegemonia cultural. Nessa perspectiva, as diferentes culturas devem ser vistas, consideradas e respeitadas de modo que seus elementos não sejam sufocados por outros de nações consideradas mais desenvolvidas.

As IES, como espaços destinados à formação integral do indivíduo, precisam estar atentas a essa realidade, a fim de promover momentos de debate a respeito das diversidades locais e globais. Os conflitos, os problemas, os desafios não devem ser ignorados, mas precisam ser tratados de maneira crítica pela comunidade acadêmica.

Foi encontrada, nos relatórios de gestão, apenas uma informação relacionada ao último mecanismo de monitoramento que trata da relação de documentos e relatórios compatibilizados para a internacionalização. A informação citava apenas que houve a tradução de alguns documentos para o inglês e francês, mas não apresenta quais são os documentos e, por isso, esse mecanismo foi classificado como não atendido.

Por fim, a “**Estratégia 11 - Promover a visibilidade da UTFPR em âmbito internacional**” tem uma função fundamental para estimular a atratividade de alunos e pesquisadores estrangeiros por meio da difusão das produções relevantes dos pesquisadores da UTFPR e da visibilidade internacional de pesquisas já consolidadas. Além disso, busca também implantar ações de *marketing* para divulgação da IES. Apresenta três mecanismos de monitoramento, como se evidencia no quadro a seguir.

**Quadro 30 - Disponibilidade dos dados da Estratégia 11**

<b>Estratégia</b>	<b>Mecanismo</b>	<b>Geral</b>	<b>Campus</b>
Estratégia 11: Promover a visibilidade da UTFPR em âmbito internacional	Relação e publicação das pesquisas e patentes depositadas e comercializadas	Parcial	Parcial
	Levantamento, junto a alunos novos, visando a identificar como obtiveram conhecimento da UTFPR e dos cursos	Não	Não
	Levantamento, junto a empresas de diversas regiões do país, visando a identificar como elas veem a UTFPR enquanto fornecedora de capital humano e de inovações	Não	Não

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Em relação à disponibilidade dos dados, foi possível encontrar parcialmente as informações referentes ao primeiro mecanismo de monitoramento. A tabela abaixo mostra a relação das patentes depositadas e comercializadas pela UTFPR e pelo *campus* Toledo.

**Tabela 37 - Número de patentes depositadas (2018-2022)**

Ano	Geral		Campus Toledo	
	Número de depósitos	%	Número de depósitos	%
2018	138	35,38	17	70,83
2019	141	36,15	4	16,67
2020	74	18,97	1	4,17
2021	30	7,69	1	4,17
2022	7	1,79	1	4,17
<b>Total</b>	<b>390</b>	<b>100</b>	<b>24</b>	<b>6</b>

Fonte: Elaborado pelo autor

Nota-se que historicamente a UTFPR, sendo uma universidade tecnológica, tem gerado inúmeros depósitos de patentes que tendem a colocar a IES em destaque no cenário nacional e internacional. As patentes permitem a transferência tecnológica para a sociedade daquilo que se produziu cientificamente em projetos de pesquisa. Por esse motivo, torna-se fundamental a fim de atrair novos pesquisadores e recursos financeiros para a internacionalização da IES.

A atração de recursos está intrinsecamente ligada à capacidade que a IES tem de estar inserida ativamente nas discussões a respeito de problemas globais (Stallivieri, 2017a), que pode ser atingido por meio da internacionalização. Stallivieri (2017a) ainda aponta que a presença de pesquisadores internacionais contribui para uma oxigenação acadêmica, que se transforma em benefícios para todos os envolvidos.

Alguns fatores, como a relação de patentes e publicação de pesquisas, contribuem para a inserção da IES nos *rankings* internacionais. Os *rankings* são ferramentas utilizadas para hierarquizar as universidades a partir de diversos parâmetros, com o objetivo de informar à sociedade e à comunidade acadêmica quais são as melhores universidades nos cenários nacionais e internacionais (Leal; Stallivieri; Moraes, 2018). Pérez-Esparrells e Garcia (2009) complementam que esses *rankings* ainda podem ser utilizados como critério para destinar financiamentos a partir de instituições públicas ou privadas.

A UTFPR tem figurado nos *rankings* internacionais como uma universidade em crescimento. Segundo o *Center for World University Rankings* (CWUR), a UTFPR está classificada como a 37ª melhor universidade brasileira e está entre as 1.500 do mundo no ano de 2023 (UTFPR, 2023a). Uma outra classificação, realizada pelo *Centre for Science and Technology Studies* (CWTS), coloca a UTFPR em 28º lugar no Brasil,

37ª melhor universidade da América do Sul e 987ª do mundo, no que diz respeito ao impacto científico, no ano de 2023 (UTFPR, 2023b).

Devido ao ranqueamento e os desdobramentos a partir dele, é fundamental a motivação institucional e a existência de um monitoramento das patentes e pesquisas desenvolvidas pela IES, no sentido de destacá-la no cenário nacional e internacional. Vale ressaltar que a discussão, aqui, não busca encontrar os critérios utilizados pelos *rankings* e se esses estão ou não de acordo, mas objetiva apenas demonstrar a importância que eles têm alcançado nos dias de hoje perante a sociedade.

A partir do momento em que a IES apresenta a internacionalização como um de seus objetivos e passa a estruturá-lo, começa a fazer parte de um importante grupo de instituições que acreditam que, por meio de parcerias e alianças estratégicas entre as mais diversas áreas do conhecimento, serão capazes de ofertar uma educação de qualidade (Stallivieri, 2017a).

Nesse sentido, investir na internacionalização, por meio da motivação dos atores que entregarão pesquisas e produtos de qualidade, parece ser fundamental para o alcance das diretrizes propostas nessa estratégia. Chama a atenção o fato de não haver uma divulgação clara e de fácil acesso a respeito do que foi gerado em termos de pesquisa e patentes. É notável que a participação dos atores em atividades com universidades internacionais tem ocorrido e que resultados têm sido obtidos, mas a maneira como realizar a divulgação dos resultados precisa ser revista, tornando-a mais evidente.

Em relação aos mecanismos de monitoramento “Levantamento, junto a alunos novos, visando a identificar como obtiveram conhecimento da UTFPR e dos cursos” e “Levantamento, junto a empresas de diversas regiões do país, visando a identificar como elas veem a UTFPR enquanto fornecedora de capital humano e de inovações”, não foram encontradas informações. Esses mecanismos tornam-se importantes na medida em que a projeção em nível nacional e internacional, ocasionado a partir da internacionalização, contribui para o desenvolvimento regional e local, onde a IES está inserida (Stallivieri, 2017a).

Por fim, observou-se que os registros de ações de internacionalização não encontram-se reunidos em um único lugar ou em um único documento, o que dificultou, até certo ponto, o levantamento das informações. Mesmo a política institucional orientando que os relatórios devem ser enviados anualmente à DIRINTER, ainda assim, o acesso à informação não está claro para o usuário externo.

Isso demonstra a necessidade de aprimoramento do mecanismo de divulgação das ações, que ainda apresenta déficits.

### 3.3. PERCEPÇÃO DOS ATORES DO CAMPUS TOLEDO SOBRE O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Este tópico é destinado a discutir a percepção dos atores a respeito do processo de internacionalização da UTFPR *campus* Toledo. Nesta etapa da pesquisa, foram ouvidos os diretores e coordenadores, de acordo com o organograma da instituição, conforme já apresentado na metodologia.

A partir das análises dos resultados obtidos nas entrevistas, foi possível estabelecer um retrato da internacionalização ocorrida no *campus*, de maneira que foram identificados elementos, como a interpretação do conceito existente sobre o tema, os elementos contidos na política institucional de internacionalização, motivação para o desenvolvimento, a maneira como se desenvolve, as dificuldades, as sugestões de melhoria e avaliação.

Após a análise das entrevistas, houve a identificação de novas categorias e aquelas identificadas na análise de conteúdo do documento da Política de Intenacionalização da UTFPR foram inseridas nesta nova categorização, conforme se observa no quadro abaixo.

**Quadro 31 - Categorização após entrevistas**

<b>Categoria atual</b>	<b>Categoria incorporada</b>	<b>Elementos analisados</b>
Internacionalização	Internacional; Resultados/Valores; Comunidade Externa.	Conceitos; Vantagens;
Institucional	Atores; Instituição; Desenvolvimento pessoal.	Implantação; Motivação; Integração; Acessibilidade;
Avaliação	Instituição	Percepção; Controle.

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Esta nova categorização incorporou as categorias encontradas anteriormente permitindo uma análise do processo de internacionalização sob o enfoque de três categorias principais: Internacionalização, Institucional e Avaliação. Para além dessas categorias, também realizamos a identificação do perfil dos atores do *campus* Toledo e todas essas informações são apresentados a seguir.

### 3.3.1. Perfil dos atores participantes da pesquisa

Fizeram parte desta etapa da pesquisa os diretores de área e coordenadores dos cursos de graduação, pós-graduação e de área. As diretorias existentes e convidadas para a participação na pesquisa foram (a) Diretoria Geral; (b) Diretoria de Administração e Planejamento; (c) Diretoria de Graduação e Educação Profissional; (d) Diretoria de Pesquisa e Pós-graduação; e (e) Diretoria de Relações Empresariais e Comunitárias. As coordenações de curso de graduação eram: (a) Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia; (b) Engenharia Civil; (c) Engenharia de Computação; (d) Engenharia Eletrônica; (e) Licenciatura em Matemática; (f) Tecnologia em Processos Químicos; e (g) Tecnologia em Sistemas para a Internet. As coordenações dos cursos de pós-graduação: (a) Programa de Pós-graduação em Tecnologias e Biociências – PPGGIO; (b) Programa de Pós-graduação em Processos Químicos e Biotecnológicos – PPGQB; e (c) Programa de Pós-graduação em Matemática em Rede Nacional – PROFMAT. Por fim, os coordenadores de área: (a) Coordenadoria de Gestão de Pessoas e Recursos Humanos – COGERH; (b) Coordenadoria de Gestão de Tecnologia da Informação – COGETI; e (c) Departamento de Relações Interinstitucionais – DERINT.

A população inicial era composta de 18 indivíduos e, após as tentativas de contato para realização das entrevistas, obtivemos um retorno de 15 participantes, que representam 83,33% da população prevista para este estudo. Os detalhes podem ser observados na tabela abaixo.

**Tabela 38 - Participação da amostra**

<b>Indivíduos</b>	<b>Número total</b>	<b>Número de Participantes</b>	<b>%</b>
Diretores	5	5	<b>100</b>
Coordenadores	13	10	<b>76,92</b>
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>15</b>	<b>83,33</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Para a quantificação da participação da amostra, os coordenadores foram mantidos em um único grupo, do qual foram obtidos 76,92% de participação, enquanto o grupo dos diretores participaram na totalidade. Esses resultados permitiram identificar uma percepção coesa a respeito do processo de internacionalização a partir da ótica dos atores, já que a amostra representa 83,33% da população do estudo.

Outro ponto abordado nas entrevistas refere-se ao tempo em que o entrevistado se encontra lotado na UTFPR e ao tempo em que ele está na função de diretor ou coordenador. Os resultados estão apresentados na tabela a seguir.

**Tabela 39 - Tempo na UTFPR e na função (em meses)**

<b>Entrevistado</b>	<b>Tempo na UTFPR (meses)</b>	<b>Tempo na função (meses)</b>
1	48	42
2	156	18
3	120	36
4	60	18
5	108	4
6	108	7
7	126	16
8	163	30
9	30	12
10	126	18
11	102	18
12	192	18
13	180	65
14	120	18
15	138	5
<b>Média</b>	<b>118</b>	<b>22</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Esses resultados mostram que a média de tempo, dos indivíduos participantes, na UTFPR, é de 118 meses, o que equivale a 9 anos e 10 meses. Esse é um tempo relativamente alto se considerarmos que a instituição, criada em 2007, tem 16 anos. Isso indica que os servidores entrevistados já possuem uma boa caminhada com a instituição e que possivelmente passaram por várias fases no seu processo de desenvolvimento, tendo inclusive participado de algumas discussões a respeito da implantação e desenvolvimento da internacionalização, conforme observamos nos relatos a seguir:

Há um tempo atrás, foi colocado isso no PDI da instituição. Eu lembro, eu fiz parte disso lá atrás, uns anos atrás, não me lembro quando, de que a internacionalização era algo essencial, fundamental, que a universidade precisava fazer (E11).

[...] eu poderia dizer que nesses 16 anos que eu estou na UTFPR, a gente percebeu a implementação desse processo a partir de um certo momento pra cá (E12).

Esses depoimentos reforçam o argumento de que a internacionalização é um processo importante para a UTFPR e que, pelos relatos, já vem sendo discutida há um certo tempo.

Sobre o tempo dos entrevistados na função, a média obtida foi de 22 meses, o que equivale a 1 ano e 10 meses. Esses valores demonstram que todos os entrevistados assumiram suas funções já com a Política de Internacionalização da UTFPR vigente. Portanto, as ações de internacionalização efetivadas, enquanto diretores e coordenadores, já deveriam ser balizadas por esse documento. Essas percepções serão abordadas a seguir.

### 3.3.2. Internacionalização

Esta categoria foi obtida a partir dos elementos relacionados ao entendimento e às vantagens da internacionalização que contribuem para a formulação do conceito utilizado pelos entrevistados.

Ao serem questionados sobre o que seria internacionalização para eles, todos apresentaram alguma definição segundo seu conceito. Diante das respostas, foi possível identificar 6 subcategorias presentes no conceito dos entrevistados, conforme se observa a seguir.

**Tabela 40 - Subcategorias presentes no conceito de internacionalização dos entrevistados**

<b>Subcategoria</b>	<b>Ocorrências</b>
Mobilidade	11
Oportunidades	9
Colaboração/Cooperação internacional	9
Interculturalidade	7
Formação Acadêmica	6
Pesquisa	3

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Nota-se que o entendimento a respeito do que é internacionalização abordou vários aspectos conceituais, como a mobilidade, a colaboração, a interculturalidade, formação e a pesquisa.

É possível observar uma preponderância de conceitos relacionados à existência da mobilidade, já que essa subcategoria apareceu em 11 conceitos dos 15 apresentados. Podemos verificar isso nos relatos abaixo:

Para mim, internacionalização é uma forma que os alunos têm de sair do país para a fim de pegar novas experiências no exterior (E2).

[...] possibilitar a ida, vinda de alunos, acadêmicos [...] (E5).

A gente pode pensar na internacionalização tanto na questão de envio de alunos para o exterior [...] (E7).

Internacionalização é uma política de inserir os nossos discentes, nossos alunos em experiências em outras instituições fora do país (E8).

Como observado, a mobilidade é o fator que mais se destaca quando tratamos da internacionalização, visto que é a partir dela também que a universidade passará a figurar no cenário internacional, por meio de seus alunos e pesquisadores. Vale lembrar que a mobilidade não é o único caminho para a internacionalização e que ela também apresenta outros pontos que dificultam sua realização, como os fatores linguísticos e econômicos, por exemplo. Morosini (2019) destaca que a mobilidade é importante, mas, por si só, não é suficiente para que uma universidade se internacionalize.

Ainda nessa linha, Van Damme (2001) também destaca que a mobilidade é o elemento mais visível da internacionalização, mas que esse processo não pode estar limitado àquele elemento.

O fato é que, com a mobilidade, não existe apenas a circulação de pessoas, mas principalmente a circulação de ideias que favorecem as trocas de saberes, de serviços, de mercadorias e de aspectos culturais (Zamberlam *et al.*, 2009). Isso também direciona aos elementos de interculturalidade, uma vez que cada ator levará consigo as características da localidade que representa ou em que se desenvolveu. Então, valorizar a interculturalidade e criar estratégias para o seu desenvolvimento são ações que visam reconhecer que essa dimensão é fundamental para uma mobilidade de qualidade (Luce; Fagundes; Mediel, 2016).

A ideia de colaboração ou cooperação internacional também aparece fortemente na formulação do conceito dos entrevistados, uma vez que a existência dessa situação é essencial para o desenvolvimento de ações internacionais, conforme se observa nos relatos abaixo.

[...] internacionalização seria essa troca de experiência com outras instituições de outros países (E2).

[...] a internacionalização, é a possibilidade da instituição criar laços com instituições estrangeiras a fim de chegar em trabalhos conjuntos, ter uma troca de conhecimentos (E3).

Para mim, internacionalização seria, por exemplo, uma dinâmica, uma forma de procurar estreitar laços com instituições de outras localidades (E15).

A colaboração ou cooperação internacional tem sua importância destacada principalmente porque se relaciona com a formação do capital humano, que é primordial para o fortalecimento das instituições envolvidas (Aveiro, 2015). Essa característica reflete diretamente nas subcategorias relacionadas à interculturalidade, à formação acadêmica e pesquisa, conforme observado no relato.

Para mim, a internacionalização, é a possibilidade da instituição criar laços com instituições estrangeiras a fim de chegar em trabalhos conjuntos, ter uma troca de conhecimentos (E3).

É proporcionar vínculos e fazer essas conexões internacionais com outras universidades, possibilitar a ida, vinda de alunos, acadêmicos, essa possibilidade de capacitação dos servidores, de professores, atuação em outros países (E5).

As subcategorias, aqui encontradas, fazem referência ao conceito de internacionalização apresentado por Rudzki (1998) quando o autor afirma que esse é um processo que envolve mudanças nos currículos, na capacitação dos atores, na mobilidade, na pesquisa e em outras atividades acadêmicas. Knight (2005) também apresenta a mobilidade, a troca de experiências, a cooperação e a colaboração internacional, a docência, a pesquisa e o aprimoramento de currículos como fatores que justificam a internacionalização.

Outra característica investigada nesta categoria foi o papel da internacionalização para as instituições de ensino superior. Essa abordagem se faz necessária para tentar compreender como o conceito adotado pelos atores se aplica às IES. A percepção encontrada está apresentada na tabela abaixo.

**Tabela 41 - Subcategorias relacionadas ao papel da internacionalização para as IES de acordo com os entrevistados**

<b>Subcategoria</b>	<b>Ocorrências</b>
Ampliação do conhecimento	8
Parcerias e colaboração	8
Formação acadêmica	6
Pesquisa	5
Reconhecimento internacional	3
Interculturalidade	3
Desenvolvimento humano e profissional	2

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Segundo os entrevistados, as características que mais apareceram nos discursos a respeito do papel da internacionalização, para as IES, estão relacionadas à ampliação do conhecimento e às parcerias ou colaboração com instituições internacionais, conforme demonstrado a seguir:

Na minha opinião, a internacionalização agrega tanto em conhecimento quanto em rede de contatos (E4).

Então eu acredito que a internacionalização facilita esse canal de comunicação, a distribuição do conhecimento, esse contato, esse vínculo, essa sistematização, essa expansão do conhecimento (E5).

[...] procurar trabalhar com pesquisadores de outras localidades, envolvendo alunos de outras instituições (E15).

As parcerias e colaborações internacionais relacionam-se frequentemente com as estratégias utilizadas pelas universidades para a promoção da internacionalização, ocupando um papel de destaque nesse processo (Spencer-Oatey, 2012). Nesse sentido, os resultados vão ao encontro dessa afirmação, mostrando que, para os entrevistados, essas características também são consideradas.

Vale lembrar que acordos firmados que resultam em parcerias e colaborações, embora sejam importantes, não são suficientes para garantir o processo de internacionalização (Duarte *et al.*, 2012). Isso significa que o envolvimento do pesquisador é fundamental para que as pesquisas ou ações acadêmicas sejam efetivadas (Pessoni, 2018). Ademais, estabelece uma relação com o desenvolvimento humano e profissional, categoria também destacada pelos entrevistados.

Além disso, elementos relacionados à formação acadêmica também aparecem no discurso, de maneira que representam a oferta de possibilidades aos alunos por

meio de melhoria das metodologias de ensino, do currículo, do desenvolvimento de tecnologias alicerçadas na tríade ensino-pesquisa-extensão.

É melhorar as metodologias, as formas com que a pesquisa é realizada, conhecimentos (E3).

Eu acredito que, do ponto de vista acadêmico, agrega muito para o currículo do aluno (E6).

Eu acho que a internacionalização complementa a formação que é oferecida, que a formação técnica (E9).

É na busca de conhecimentos, de novas tecnologias, novas metodologias, participação de descobertas (E13).

Esses relatos demonstram claramente a importância propiciada à possibilidade de atualização, desenvolvimento institucional e profissional dos envolvidos. Estar em uma sociedade em que o conhecimento é globalizado exige constante atualização e acompanhamento. Ainda mais porque a IES se constitui um espaço de trocas de conhecimento, de formação científica e profissional daqueles por ela atendidos (Gomides; Macedo; De Almeida, 2023).

A busca pela qualidade também coloca a IES em um lugar de destaque na sociedade, uma vez que figurar entre as melhores pode ser sinônimo de atração de alunos, pesquisadores, bem como investimentos para o desenvolvimento de pesquisas e tecnologias. Segundo Knight (2004), a internacionalização é impulsionada por fatores sociais/culturais, políticos, acadêmicos e econômicos que fazem as instituições buscarem a criação de uma reputação internacional, com uma marca forte que oferecerá a elas uma vantagem competitiva.

Essa afirmação confirma as percepções encontradas nos relatos dos entrevistados dessa pesquisa ao falarem sobre o motivo que leva as IES a buscarem a internacionalização. As características fazem referência aos elementos que buscam proporcionar visibilidade internacional, por meio da qualidade da formação acadêmica, desenvolvimento da pesquisa, mobilidade, entre outros. As subcategorias são apresentadas abaixo.

**Tabela 42 - Subcategorias relacionadas aos motivos que levam as IES a buscarem a internacionalização de acordo com os entrevistados**

<b>Subcategoria</b>	<b>Ocorrências</b>
Formação acadêmica e pessoal	10
Visibilidade internacional	8
Pesquisa	4
Ampliação do conhecimento	4
Mobilidade	3

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Esses resultados demonstram que a formação acadêmica e pessoal foi a subcategoria que mais se destacou na análise, já que, para os entrevistados, essa é uma questão essencial que favorecerá o desenvolvimento e melhoria das IES; além disso, proporcionará uma espécie de selo de qualidade para os alunos e conseqüentemente para a universidade, ratificada por alguns relatos:

[...] quando a gente faz o intercâmbio com os alunos, promovendo diretamente um aumento da qualidade da aprendizagem dele e do nosso ensino também (E1).

[...] Eu acho que a Internacionalização de certa forma, ela veio também como isso, dar esse diferencial pro aluno. Para que ele venha para nossa instituição, ele tem essa possibilidade de ter uma dupla diplomação, assim por diante (E2).

Eu acredito que para favorecer os alunos nessa parte de currículo, ter uma dupla-diplomação também, uma formação fora do país (E6).

Eu acho que é o comprometimento com essa qualidade de ensino. Acho que em grande parte, esse é o motivo que eu vejo as universidades interessadas e comprometidas com o processo de internacionalização (E9).

Essa subcategoria leva ao desenvolvimento de outra, com a qual se observa uma relação muito específica, que é a visibilidade internacional. Desenvolver a qualidade da formação acadêmica, levar o nome da instituição para o mundo, por meio dos alunos, dos processos e das pesquisas, coloca a IES em um patamar diferenciado em relação às demais. Elementos como esses foram encontrados nos seguintes relatos:

Eu acredito que é para aumentar a visibilidade Internacional. Não ficar restrita a um âmbito regional e ligado a isso, aumentar a qualidade na pesquisa e no ensino (E1).

[...] de ter essa maior visibilidade, de ter esse diferencial. Hoje a gente usa também muito isso, que queira ou não, acabou se tornando a questão de concorrência também entre as universidades em busca de alunos (E2).

[...] uma certa questão de status também. Você quer estar bem posicionado nos *rankings* internacionais, dizer que você é uma das melhores universidades e se você não é visto, se você é conhecido só na tua região, isso não acontece (E7).

[...] Eu acho que uma universidade mais Internacional torna-se mais atrativa (E9).

Eu vejo que a internacionalização é um atrativo a mais, porque a partir da internacionalização, você tem novos horizontes, novas perspectivas, tanto para os pesquisadores quanto para os alunos (E12).

Aumentar o seu *know-how*, ficar como uma instituição mais conhecida, mais renomada [...] (E15).

A busca por essa posição de destaque é evidente nos relatos e é uma das estratégias contidas na política de internacionalização da UTFPR. Azevedo (2016b) descreve essa ação como governança de *benchmarking*, que é uma maneira de comparar desempenhos a partir de indicadores contidos em manuais de boas práticas. Os indicadores convertem os fenômenos, variáveis, e toda a sua complexidade em dados claros que são apresentados de maneira direta e atraente para a sociedade (Thiengo; Bianchetti; Mari, 2018).

A preocupação com os *rankings*, os quais proporcionarão a esperada visibilidade internacional, faz com que as IES busquem políticas, ações que permitam uma boa avaliação e posicionamento internacional. No entanto, é importante que sejam observadas as características locais de sua inserção e de seus atores, de modo que a busca por essa visibilidade internacional não seja algo que determine a linha de atuação dos demais processos, mas que seja algo que caminhe em conjunto com as possibilidades da universidade.

Para finalizar este bloco, é possível entender, a partir dos relatos dos entrevistados, que o conceito de internacionalização aplicado por eles está relacionado à criação de parcerias com universidades de outros países com o objetivo de desenvolver formação acadêmica e profissional de qualidade por meio de novas metodologias, currículos, pesquisas, tendo a participação de servidores e alunos. Essas ações colocarão a universidade em uma posição de destaque internacional, tornando-a mais atraente e competitiva.

### 3.3.3. Institucional

Esta categoria busca discutir alguns elementos destacados a partir das percepções dos atores em relação aos acontecimentos referentes à implantação, integração e motivação para a internacionalização, tendo, como ponto de partida, a IES.

Já foi apresentado anteriormente que a UTFPR e o *campus* Toledo vêm desenvolvendo ações de internacionalização, desde antes mesmo da publicação da Política de Internacionalização da UTFPR, inclusive atendendo a algumas diretrizes contidas naquele documento. Isso demonstra que ele foi publicizado e chegou a todos os coordenadores e diretores do *campus* Toledo. Ao serem questionados se era do conhecimento deles a existência de tal política, observamos que a totalidade dos entrevistados (15) sabe da existência, mas apenas dois deles relataram conhecer a política. Isso pode ser identificado nos relatos abaixo.

Conheço, na verdade, sei que tem, mas não conheço com profundidade (E1).

Existe a política, mas eu não conheço ela na íntegra (E2).

Sim, há uma política de internacionalização na UTFPR, mas eu não tenho muitas informações a respeito dessa política (E3).

Eu sei que existe. Mas eu a desconheço pelo setor que eu estou lotada, a gente não é uma prática que tramita por aqui (E5).

Acredito que tenha política de internacionalização, mas não tenho conhecimento (E6).

Há uma política. Eu conheço essa política, sim (E9).

Publicizar não é o suficiente para que as ações de internacionalização aconteçam dentro de uma perspectiva total de *campus*. Para isso, é preciso que a política seja debatida, que haja um engajamento, ações formativas voltadas para a construção de uma cultura de internacionalização. A falta de ações como essa fazem com que o tema transite periféricamente na instituição, o que dificulta a naturalidade das ações e a participação coletiva. O desconhecimento do conteúdo da política influencia também a falta de familiaridade com os termos contidos na política institucional, relatado pelos entrevistados, conforme se observa a seguir.

**Tabela 43 - Familiaridade com os termos contidos na política**

	Sim	Parcialmente	Não
Tem familiaridade com os termos contidos na política e nos mecanismos de monitoramento?	2	4	9

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Os resultados demonstram que a falta de familiaridade com os termos, decorrente da falta de conhecimento da política, impactam diretamente a perspectiva de uma internacionalização institucional, que ocorre em um ecossistema natural, com fluidez. Isso sugere que as ações de internacionalização ocorridas partem principalmente do individual, sem estar atrelada à política, mas que, de alguma forma, tendem a atender às diretrizes propostas. Pensar a internacionalização a partir da e amparado pela política institucional, otimizaria muito os resultados obtidos, gerando ações que poderiam ter uma sobrevida maior, independentemente do ator envolvido.

A internacionalização da IES direciona sua comunidade a refletir sobre as diferentes maneiras de realizar tais ações e, principalmente, sobre o acompanhamento a ser realizado nos diversos momentos desse processo (Stallivieri, 2017b). Nessa linha, Childress (2009) complementa que essas ações demonstram o comprometimento da IES, uma vez que ela define suas metas, orienta e estimula a participação da comunidade em ações de internacionalização.

A internacionalização deve reconhecer e utilizar as prioridades, políticas e práticas específicas de cada nação e região, de modo que o foco no aspecto global do ensino superior não ofusque ou diminua a importância do ambiente local, que deve ser complementado, sincronizado e expandido, ao invés de dominado (Oliveira; Guimarães, 2023).

Portanto, é essencial que exista clareza sobre os objetivos institucionais acerca da internacionalização, pois esse é o ponto de partida para toda e qualquer ação efetivada pela comunidade que compõe a IES. Para identificar se existia sintonia entre o papel da IES com sua comunidade local, no que tange à internacionalização, questionou-se aos atores do *campus* Toledo como essa relação estava presente na missão, visão e valores institucionais. A partir das respostas, identificou-se que essa pauta não está clara para a maioria dos entrevistados (13), que não conseguiram estabelecer uma relação entre a internacionalização, missão, visão e valores, como se observa nas transcrições abaixo.

Boa pergunta. Não recordo (E1).

No momento eu não vou conseguir responder essa pergunta. Essa pergunta correlacionando exatamente os itens (E2).

Também não tenho conhecimento (E5).

Não tenho conhecimento (E6).

Não sei responder (E10).

Fica claro que ainda não existe pleno conhecimento, por parte dos atores, a respeito do papel da instituição em relação à internacionalização. Diante disso, faz-se necessária uma retomada a partir dos objetivos e metas para que cada membro da IES compreenda e assuma seu papel perante o processo. Os atores que estabeleceram uma relação (2) vincularam a internacionalização como uma ferramenta importante para o alcance da excelência institucional, como se observa a seguir.

Bom, eu vejo que a preocupação da UTFPR qual é? É garantir a melhor formação, uma formação de excelência, está escrito inclusive lá na questão da missão, que a gente consiga dar uma formação de excelência. Então quando a gente pensa nisso, o fato de você viabilizar a internacionalização, ou seja, você permitir a ida de alunos lá pra fora, o recebimento de alunos de outras instituições aqui ou até mesmo a troca de experiências entre pesquisadores da UTFPR e de outras instituições, você vai estar garantindo, você está proporcionando essa excelência na formação que a gente descreve lá na missão (E12).

[...] Eu vejo que é conforme eu destaquei nas outras respostas, que é papel da Universidade, sabe, buscar essa internacionalização cada vez mais para fortalecer ali todos os caminhos, ensino, pesquisa e extensão. Vejo que com a internacionalização, isso tende a crescer (E15).

Ao tomar a decisão de internacionalizar-se, é crucial que a IES tenha uma compreensão clara de sua missão como entidade promotora do ensino superior para que suas ações de internacionalização estejam alinhadas com seus objetivos, que já se conheçam suas metas e os responsáveis pela sua execução, avaliação e ajustes posteriores (Stallivieri, 2017b). Aqui, cabe destaque para o importante papel da política de internacionalização da UTFPR, que estabelece essas diretrizes, metas e sistemas de monitoramento. No entanto, o processo de absorção e assimilação pelos atores ainda está em fase de amadurecimento e requer especial atenção.

A IES é formada por um ecossistema responsável pelo seu desenvolvimento e manutenção do equilíbrio, na qual toda sua comunidade interna influencia e é influenciada pelos agentes externos em uma relação que às vezes pode ser benéfica ou não. Isso dependerá do quão enraizado estão aqueles elementos apresentados na missão, visão e valores institucionais que guiarão o caminho da IES. É preciso conhecer para percorrer.

Assim, para que a internacionalização faça parte do caminho trilhado pela IES, é fundamental que essa temática esteja inserida nos debates institucionais, a fim de torná-la naturalmente presente em todos os níveis da instituição. Diante dessa preocupação, os atores do *campus* Toledo foram indagados sobre a realização de alguma ação específica de formação voltada à internacionalização, oferecida pela instituição, e o que foi identificado é que essa temática, localmente, ainda é considerada nova, de maneira que, para os entrevistados, existem divergências a respeito da realização de formações específicas, como é apresentado a seguir.

Para os PRAInts eu acredito que tenha sido feito nos últimos tempos (E1).

Olha, teve curso, na verdade, teve um encontro dos PRAInts eu acho que esse ano, não foi? Acho que foi isso, né? Então eu acho que a coisa está caminhando para realmente evoluir (E4).

Eu Acredito que sim. Geralmente no início do semestre é feito... tem a semana de ambientação, de planejamento e sempre tem uns treinamentos específicos para os professores responsáveis, seja do estágio, de extensão, internacionalização, TCC. Então tem esse encaminhamento, sim (E7).

Até onde é do meu conhecimento, houve algumas reuniões entre o departamento de internacionalização do campus e os professores responsáveis em cada um dos cursos (E8).

Sim, existem. Ações no estabelecimento de relações internacionais. Então, existem alguns programas internos para isso (E10).

De formação? Eu sei que já houve reuniões e algumas coisas nesse sentido é para os DERINTS e eu não sei se são reuniões, tratativas como formação pra isso ou se foram apenas alinhamentos para lançamento de editais e afins (E11).

[...] falando de Toledo, especificamente, nós temos o professor [...], que é o responsável pelo DIRINTER, ele faz encontros semestrais com os professores responsáveis pelas atividades internacionalização de cada curso (E12).

Houve sim, houve sim. Geralmente são ofertadas palestras, algum minicurso destinado a esse tema [...] (E15).

Os relatos demonstram que a temática tem sido abordada com pessoas específicas, como é o caso dos Professores Responsáveis pelas Atividades de Internacionalização – PRAInts. Essa ação demonstra uma preocupação com a inserção da temática no cotidiano institucional por meio da figura de alguém que está inserido no curso e conhece especificamente suas necessidades e particularidades. Essa é uma estratégia interessante do ponto de vista organizacional, já que a internacionalização não vai ocorrer ao mesmo tempo e da mesma forma para todos. Com base na internacionalização, a IES busca responder às demandas globais daquela que é conhecida como sociedade do conhecimento, mas sem desconsiderar sua identidade e características nacionais (Bernheim, 2018).

No entanto, a informação ainda encontra dificuldades para chegar a todos os níveis e atores do *campus*, já que isso também foi apontado em diversos relatos que são apresentados agora.

Para a coordenação, não recordo (E1).

Não, isso é uma das maiores dificuldades, inclusive eu vou ter dificuldade de responder algumas perguntas por isso. Porque a gente está aprendendo tudo meio que no momento que surge. Por exemplo, vai abrir, um edital, é o primeiro que a gente mandou agora da internacionalização. Meu primeiro e a gente teve que aprender, não é? E tem prazos, tem isso pra fazer. Não teve uma formação. Então, eu acho que isso é um ponto que seria importante destacar (E2).

Não. Não do meu conhecimento (E3).

Para nós, do RH, não (E5).

Não que eu tenha conhecimento (E6).

Não (E9).

[...] Eu desconheço se houve formação de fato específica para isso (E11).

Bom, que eu saiba, não (E12).

Não (E13).

Boa parte dos entrevistados desconhece a realização de ações formativas, apesar de elas estarem acontecendo. Esse ponto merece especial atenção, já que a internacionalização é uma política institucional e, como tal, precisa se tornar

conhecida por todos aqueles que a compõem. A internacionalização não deve ser vista como uma atividade periférica; ademais, precisa ser responsabilidade de todos os setores (Barbosa; Neves, 2020). Hudzik (2011), ao apresentar o conceito de *comprehensive internationalization* (internacionalização abrangente), afirma que, para essa perspectiva, a internacionalização deve ser inserida em todas as áreas da IES e contar com a aceitação de toda a comunidade acadêmica.

Essa responsabilidade compartilhada pode se tornar um diferencial em relação ao desenvolvimento de possibilidades, já que, como apresentado por Hudzik (2015, p. 76): “[...] importantes barreiras comportamentais, motivacionais e de atitude nos níveis dos indivíduos, dos departamentos e da instituição como um todo que podem se tornar barreiras poderosas ou facilitadores eficazes”. Assim, um engajamento institucional, em todos os setores, poderia se transformar em uma ferramenta potencializadora da internacionalização na IES.

É nítida a intenção da UTFPR em se internacionalizar, já que é possível observar o desenvolvimento de ações de cunho internacional; a existência de uma política voltada à internacionalização; o desenvolvimento, mesmo que inicial, de formações à sua comunidade; e a organização estrutural com vistas a facilitar e aprimorar os processos desde os *campi*. Como já abordado anteriormente, o ponto primordial na questão institucional ainda é a melhoria das ações de disseminação para todos os níveis e setores da IES. Deve-se reconhecer que, no *campus* Toledo, os atores, ao menos, sabem que existe uma estrutura montada para a internacionalização, como se nota nos comentários a seguir.

Basicamente eu sei que tem uma estrutura, mas eu de cabeça, não me recordo quais são as hierarquias que existem nessa estrutura (E1).

Então, existe um setor maior responsável pela internacionalização e dentro dos cursos também existe uma função, o responsável pela internacionalização (E2).

Sei que a parte de internacionalização está vinculada à DIREC até onde eu tenho conhecimento, então tem um professor responsável, [...], pela parte de internacionalização dentro dessa diretoria (E6).

Eu acredito que em questão de estrutura está bem-organizado, tem os departamentos responsáveis por isso, tem os professores, tem a DIREC no campus que é responsável por essa parte. Na reitoria é o DERINT [...] (E7).

Tem um departamento em cada um dos campi, responsável por esse processo de internacionalização e um professor em cada um dos cursos também para lidar com esses processos, essa parte um pouco mais operacional do processo (E8).

Ela tem um escritório de relações internacionais, na Pró-reitoria. E nos *campi*, tem a figura do diretor do departamento, DERINT, departamento de internacionalização nos Campus, e dentro de cada curso de graduação agora nós temos o professor PRAInt, que é o professor responsável pelas Internacionalizações dos cursos (E14).

Saber minimamente da estrutura organizacional voltada para a internacionalização é um indicativo de que a temática tem transitado, em algum momento, na rotina da IES. É necessário que ações formativas e de engajamento sejam realizadas com mais frequência para que essa temática seja comum entre todos os atores. Conhecer a estrutura organizacional é um ponto crucial para o êxito das ações de internacionalização, já que a estrutura é montada com o intuito de servir de apoio para a comunidade e prover liderança para o desenvolvimento de tais ações.

Ao serem questionados sobre onde buscar ajuda para solucionar as dúvidas referentes à internacionalização, os entrevistados indicaram as estruturas organizacionais da instituição, como as diretorias, pró-reitorias, DERINT e PRAInts, reforçando o argumento de que a temática, mesmo que de maneira inicial, tem sido discutida e está circulando nos “corredores” da IES. Por outro lado, chama a atenção o fato de que ainda não existe uma interlocução entre todos os setores da instituição, observado no relato de dois entrevistados, que afirmaram não procurar ajuda por não serem demandados.

Então, como não, nunca nos envolveram nessa questão, então, a gente nunca buscou também soluções pra essa demanda (E5).

Não se aplica (E6).

Morosini, Dalla Corte e Mendes (2023) situam a IES em um papel central no progresso das sociedades, pois fornece contribuições valiosas para a formação de pesquisadores e profissionais competentes, capazes de analisar criticamente e oferecer soluções para questões emergentes em diferentes épocas e em diversos campos de atuação. Diante dessa categorização, a IES necessita estar em sintonia entre todos os seus setores, de modo a garantir a qualidade na entrega do seu serviço e, dessa forma, cumprir seu papel.

Assim, para identificar se os diferentes setores institucionais estavam em sintonia ou abertos à promoção de ações de internacionalização, questionou-se, aos atores, se eles se sentiam motivados por outros setores para o desenvolvimento dessas ações. Os resultados são apresentados na tabela a seguir.

**Tabela 44 - Se sente motivado por outros setores**

	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Pouco</b>
Você se sente motivado por outros setores para promover a internacionalização?	8	5	2

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A partir das respostas, observou-se que ainda não existe uma unanimidade entre os respondentes a respeito da motivação vinda de outros setores da instituição. Apesar da maior parte (8) se sentir motivada por outros setores, ainda existe um número expressivo daqueles que não se sentem ou se sentem pouco motivados (7). Para complementar essa informação, os atores foram questionados sobre a participação de outros setores na elaboração das ações de internacionalização e, como resultado, obteve-se que, para 60% dos entrevistados (9), a elaboração ocorre em conjunto com outros setores.

Nesse novo cenário apresentado, em que o *campus* da IES analisada inicia seu processo de desenvolvimento da internacionalização, a partir de uma perspectiva conjunta, é necessário compreender em quais eixos ela acontece. Assim, identificou-se a predominância de ações desenvolvidas, classificando-as em subcategorias, que são apresentadas abaixo.

**Tabela 45 - Subcategorias relacionadas aos tipos de ações que foram ou são desenvolvidas nos setores/departamentos**

<b>Subcategoria</b>	<b>Ocorrências</b>
Incentivo a internacionalização	7
Mobilidade	6
Suporte e aprimoramento das ferramentas de gestão	4
Dupla-diplomação	3
Parcerias Internacionais	3
Eventos	3
Interculturalidade	2

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Observa-se que as principais linhas de atuação dos atores do *campus* Toledo se concentram no incentivo às ações de internacionalização e na mobilidade, conforme se observa em alguns relatos.

Mais divulgações a nível de aluno, mais divulgações, programas e incentivos (E1).

[...] E teve dois alunos também foram pela universidade de Ottawa pelo programa ciência sem Fronteiras, 2014 ou 2013. [...] E também tem a questão dos professores, né? Tem professores que vão fazer pós-doutorado no exterior (E7).

[...] Outras ações, divulgação de oportunidades internacionais. Então, o este departamento se preocupa em informar os alunos sobre as oportunidades existentes. Então essa é outro tipo de ação que ocorre aqui (E9).

[...] Então, existem ações de sensibilização hoje (E10).

A gente tem feito divulgação. Todos os calouros, quando a gente faz o recebimento deles aqui na instituição, quando eles chegam aqui, todos os diretores falam da sua área e tudo mais e eu peço que a internacionalização seja um dos temas abordados (E11).

Esses resultados convergem para uma necessidade latente de uma mudança de postura institucional em relação ao processo de internacionalização existente, em que as ações precisam abandonar o caráter individual e assumir uma perspectiva coletiva, institucionalizada.

Outro ponto que aparece fortemente nos relatos está relacionado à realização da mobilidade e, por consequência, à dupla-diplomação. Essas são características muito fortes na internacionalização da IES. Cusati *et al.* (2021) afirmam que, no Brasil, a internacionalização das IES ocorre de maneira bem diversificada, mas é comum a mobilidade, que é decorrente da cooperação internacional entre as universidades.

No entanto, as ações de internacionalização não devem estar voltadas apenas para atividades de mobilidade, intercâmbio ou participação dos atores em eventos internacionais (Cipriani; Heinzle, 2023). E, nesse sentido, a IES tem buscado o aprimoramento e desenvolvimento de diferentes ações, conforme apresentado anteriormente, por meio do incentivo, do suporte, da gestão, de parcerias e da interculturalidade.

A internacionalização, vista como parte integrante da IES, precisa estar imbricada a todas as suas linhas de atuação. Assim, precisa buscar “elementos de

sinergia entre o ensino, a pesquisa e a extensão, reconhecendo as potencialidades do país de origem e dos países parceiros nos processos de cooperação internacional” (Morosini; Dalla Corte, 2018, p. 114). Aqui, evidencia-se uma importante estratégia para direcionar essas atividades, que é a adoção de uma política institucional de internacionalização.

Nota-se que a adoção de uma política favorece o direcionamento das ações de internacionalização, sem perder o foco e a missão institucional, promovendo um alinhamento entre o que se espera e o que é possível fazer. Os resultados dessa parceria começam a surgir a partir do momento em que os atores passam a enxergar essa relação e a colocam em prática, conforme se observa a seguir.

[...] Então, na gestão atual, o que existe é um resgate da importância da internacionalização para ensino, pesquisa, extensão. [...] (E10).

Para os atores do *campus* Toledo, a política de internacionalização tem influenciado a maneira como as ações de ensino, pesquisa e extensão são desenvolvidas, demonstrando que se está em acordo com a proposta institucional, cumprindo, assim, seu papel. As diversas maneiras de interação com os eixos são demonstradas na tabela abaixo.

**Tabela 46 - Subcategorias relacionadas à influência exercida pela política de internacionalização nas ações de ensino, pesquisa e extensão**

<b>Subcategoria</b>	<b>Ocorrências</b>
Melhoria dos aspectos formativos a partir da mobilidade	12
Enriquecimento curricular	6
Desenvolvimento de uma cultura de internacionalização	3
Interculturalidade	3
Estabelecimento de parcerias	2

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Para os entrevistados, a principal influência da política está relacionada à melhoria dos aspectos formativos ocorridos principalmente a partir da mobilidade, seguido pelo enriquecimento curricular, que ocorre como consequência do atendimento de demandas globais.

Cria uma motivação, cria uma expectativa do aluno em se desenvolver [...]. Ele não vê a universidade como se fosse a universidade local, mas ele vê com a universidade que pode se expandir (E1).

[...] há uma troca de informações entre as partes envolvidas, então o conhecimento que tinha lá, passa para os envolvidos aqui na nossa instituição, assim como os conhecimentos que nós temos aqui é repassado para lá. Então há um ganho de ambas as partes (E3).

[...] a consequência disso, do aluno ir e voltar, ficar 6 meses, ficar um ano, isso impacta diretamente porque ele vai ter acesso a outro tipo de metodologia de ensino, de pesquisa. Ele vai trazer isso e vai contribuir com o próprio docente, com a própria disciplina e com o próprio curso, com coisas que ele viu que ele passou, que ele experimentou lá fora (E11).

[...] Eu Acredito que isso é uma forma de mostrar para eles uma nova visão, uma nova perspectiva, um novo mundo, diferentemente do que eles vivem aqui diariamente, semestralmente, anualmente, mas que acaba trazendo significativos benefícios (E12).

Uma importante estratégia utilizada na formação acadêmica é a mobilidade, já que, por meio dela, os sujeitos podem adquirir conhecimentos e habilidades necessárias para experimentar as demandas do mundo globalizado, estar inserido no mercado multicultural e auxiliar o desenvolvimento social (Luce; Fagundes; Mediel, 2016). Já o enriquecimento curricular, permite que os cursos e a própria instituição estejam preparados para essas demandas, sendo um dos principais motivadores para a internacionalização (Altbach; Knight, 2007).

A caminhada institucional rumo à internacionalização envolve diversas etapas, como aprimorar os currículos, investir no desenvolvimento de pessoal, priorizar questões culturais e de hospitalidade, buscar a proficiência da sua comunidade acadêmica, estabelecer acordos e parcerias internacionais com o objetivo de fortalecer redes de pesquisa e disseminar o conhecimento gerado por meio de publicações (Schmitt; Pacheco, 2023). Esses são elementos essenciais que fazem parte do processo de internacionalização e devem ser acompanhados pelo esforço institucional de tornar essa temática natural na rotina da IES.

#### 3.3.4. Avaliação

Esta categoria tem por finalidade apresentar as impressões dos atores sobre o processo de internacionalização desenvolvido na UTFPR *campus* Toledo. Aqui, são abordados elementos, como os benefícios, as vantagens, as dificuldades e a acessibilidade da internacionalização para a comunidade.

A internacionalização pode ser percebida por muitos como uma oportunidade de desenvolvimento e aprimoramento de práticas pedagógicas, de desenvolvimento de pesquisas e até mesmo como um diferencial para a instituição e alunos que podem ter um diploma reconhecido internacionalmente. No entanto, esses benefícios podem ir além da dimensão técnica, pedagógica, investigativa, extensionista ou institucional. Podem atingir um nível de desenvolvimento humano e integral do indivíduo.

Para os atores do *campus* Toledo, aqui analisados, é unânime a existência de benefícios decorridos da internacionalização tanto em nível institucional quanto em nível pessoal, o que demonstra como esse processo é multifacetado. Essas características foram categorizadas e são demonstradas na tabela a seguir.

**Tabela 47 - Categorização dos benefícios decorridos da internacionalização**

<b>Subcategoria</b>	<b>Ocorrências</b>
Pesquisa	9
Formação acadêmica e pessoal	8
Parcerias internacionais	7
Interculturalidade	6
Mobilidade	5
Visibilidade internacional	4
Ampliação do conhecimento	3
Idiomas	2

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Nota-se que as principais subcategorias apresentadas relacionam os benefícios à pesquisa (9), à formação acadêmica e pessoal (8) e às parcerias internacionais (7). Elementos acadêmicos, como a dimensão internacional da pesquisa e do ensino, ampliação do horizonte acadêmico, desenvolvimento institucional, perfil, *status* e melhoria da qualidade, podem ser apresentados como justificativas para impulsionar a internacionalização (Knight, 2004).

Nota-se que existe uma estreita relação entre a dimensão institucional e a pessoal, em que os benefícios apresentados tendem a transitar entre essas duas dimensões, como se observa nos relatos abaixo.

[...] troca de experiência, novos campos de trabalho para os alunos, parcerias, professores, que tem essa possibilidade de estar fazendo pesquisas com outras instituições. Então, seriam esses benefícios, na minha opinião (E1).

[...] a pesquisa acaba fomentando o ensino e a extensão também. Então, se você está fazendo uma pesquisa de ponta e isso vai acabar refletindo na tua prática pedagógica e é muito importante para os alunos também quando eles conseguem participar desses programas de dupla diplomação, de intercâmbios, eles acabam tendo contato com outras realidades diferentes que eles têm aqui [...] (E7).

Esses elementos reforçam a ideia de que o processo de internacionalização é multifacetado e necessita estar articulado com todas as dimensões. Não há possibilidade de trabalhar as dimensões de maneira isolada, uma vez que a IES faz parte de um ecossistema que se retroalimenta, uma engrenagem que precisa estar em sintonia. Da mesma forma, Mano (2015 p. 77) reforça a ideia de que “uma instituição capacitada para formar cidadãos de e para um mundo global tem de ter políticas de internacionalização transversais a toda a sua atividade [...]”.

A partir daí, considerando os benefícios percebidos, apresentados pelo desenvolvimento da internacionalização, a qual é uma ferramenta importante para a IES e sua comunidade, muitas vantagens podem ser obtidas, conforme se observa a seguir.

**Tabela 48 - Categorização das vantagens em ser uma instituição internacional**

<b>Subcategoria</b>	<b>Ocorrências</b>
Visibilidade e competitividade	7
Melhoria dos processos de ensino	6
Cooperação internacional	6
Desenvolvimento de pesquisas	5
Obtenção de recursos	4
Desenvolvimento pessoal e profissional	3
Interculturalidade	3

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Novamente se nota uma preocupação com a visibilidade e competitividade, que é alcançada por meio das melhorias dos processos, da cooperação internacional, das pesquisas que geram recursos, do desenvolvimento profissional e pessoal oriundo da interculturalidade. A incorporação de perspectivas internacionais na educação produz resultados vantajosos, levando as instituições a atenderem às necessidades educacionais de uma sociedade global interconectada, ao mesmo tempo em que reconhecem e honram suas características distintivas (Da Silva *et al.*, 2021).

Tanto os benefícios quanto as vantagens apresentadas pelos entrevistados são esperados a partir de um processo de internacionalização concebido, amadurecido e

enraizado em qualquer que seja a instituição. No entanto, para o alcance disso, um longo caminho precisa ser trilhado. Sendo assim, a percepção dos atores do *campus* Toledo sobre o posicionamento do *campus* no cenário internacional é importante para identificar como o processo tem acontecido e se essas vantagens e benefícios têm chegado até a IES. Ao serem questionados se consideravam a UTFPR e o *campus* Toledo internacional, obteve-se o seguinte panorama.

**Tabela 49 - Consideram a UTFPR e o *campus* Toledo internacionais?**

Considera internacional?	Sim		Não		Total	
	n	%	n	%	n	%
UTFPR	4	26,67	11	73,33	15	100,00
<i>Campus</i> Toledo	2	13,33	13	86,67	15	100,00

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Nota-se que, na perspectiva dos atores do *campus* Toledo, nem a Universidade (73,33%) e nem o *campus* (86,67%) podem ser considerados internacionais. Todos eles reconhecem que ambos desenvolvem atividades internacionais, mas que ainda não são suficientes para enquadrá-los nessa perspectiva. Os principais elementos para não considerar o *campus* internacional foram agrupados em subcategorias e são apresentados abaixo.

**Tabela 50 - Motivos para não considerar o *campus* Toledo internacional**

Subcategoria	Ocorrências
Aprimoramento dos processos	11
Ampliação da mobilidade "in"	9
Limitações em acordos e projetos internacionais	4

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Os elementos encontrados relacionam-se principalmente ao aprimoramento dos processos, que reforça o argumento de que se faz necessário o desenvolvimento de uma cultura de internacionalização, bem como que a existência de ações demonstra o caráter processual pelo qual a IES tem passado a respeito da temática.

Alguns dos motivos de não considerar a UTFPR uma universidade internacional são observados nos relatos abaixo.

Então, ainda não considero. É, tem programas, eu diria assim que está em passo de internacionalizar, não é? Por que que eu não considero, pelo menos minha percepção hoje, eu vejo poucos alunos estrangeiros (E1).

Não, não porque eu acho que essas ações ainda são muito pequenas. A gente está começando, está caminhando (E2).

Pelo menos na minha percepção, eu não vejo muitos projetos realizados com instituições, projetos grandes realizados com outras instituições. Então não consideramos muito Internacional, embora tenha alguns projetos, mas totalmente Internacional, não. Até porque é um pouco raro você ter estudantes de fora vindo para cá, se tem mais estudantes da UTF indo para fora, do que estudantes vindo pra cá (E3).

Sei que existe algumas ações internacionais, mas eu não sei se chega a haver assim uma abrangência a ponto de a gente poder considerá-la Internacional, sabe (E5).

Eu diria que estão no caminho, mas por enquanto, é muito embrionário ainda (E8).

Uma fala recorrente entre os entrevistados é de que a universidade ainda precisa desenvolver mais ações para o recebimento de estudantes e pesquisadores estrangeiros. Por outro lado, reconhecem que o caminho inverso, de alunos da UTFPR que vão para outros países, tem ocorrido com frequência. A internacionalização passiva, aqui apresentada, justifica-se, em um primeiro momento, mais a uma motivação pessoal do que institucional, devido ao fomento destinado por agências públicas, que parece ser insuficiente, e às dificuldades para o desenvolvimento da forma ativa (Marrara, 2007). É preciso entender que essas características não evidenciam uma conotação negativa para a IES, mas simplesmente retratam uma realidade que é presente na maioria dos países considerados periféricos, onde ainda faltam recursos financeiros, apesar dos esforços realizados pelas agências de fomento.

Na percepção dos entrevistados, as principais dificuldades para transformar o *campus* Toledo em um *campus* internacional estão relacionadas principalmente à falta de uma cultura de internacionalização, de recursos financeiros e da atração de estudantes internacionais, motivos pelos quais os entrevistados não consideram o *campus* internacional, conforme apresentado na tabela anterior. Outras dificuldades também foram apontadas e são apresentadas a seguir.

**Tabela 51 - Dificuldades para transformar o *campus* Toledo em internacional**

<b>Subcategoria</b>	<b>Ocorrências</b>
Falta de uma cultura de internacionalização	8
Recursos financeiros	6
Dificuldades na atração de estudantes estrangeiros	5
Falta de pessoal	3
Burocracia nos processos	2
Falta de estrutura e equipamentos	2
Idioma	1
Perfil dos alunos	1

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Elementos que retratam essa realidade estão presentes em falas nas quais se destacam a necessidade de amadurecimento, engajamento, sensibilização e estrutura organizacional, conforme se observa.

Eu acredito que a dificuldade se encontra na questão política, porque o *campus* Toledo está atrelado uma reitoria (E5).

Eu acredito que por ser um *campus* bem jovem, também tem muito a crescer nessa parte de internacionalização ainda. [...] Enraizar isso, entre servidores e alunos, ser bem divulgado (E6).

Sim, existem dificuldades. Acho que a principal delas é o engajamento de grupos. E de forma secundária, é recursos financeiros para isso (E10).

[...] Primeiro, a questão de você sensibilizar a comunidade, principalmente os professores, da importância da gente ser uma instituição Internacional. [...] Então acho que também teria que ter dentro da estrutura organizacional, falando de universidade como um todo e também do *campus*, se a gente tivesse um setor que pudesse auxiliar um pouco mais nesse processo. E pessoas engajadas, ou seja, desenvolver engajamento das pessoas para que esse processo pudesse acontecer e a gente ter uma transformação efetivamente fluindo (E12).

As respostas das IES, referentes às pesquisas e às discussões de temas globais, têm exigido que a internacionalização não seja mais tratada como uma atividade periférica da universidade, mas como algo discutido e realizado por todos os setores institucionais (Barbosa; Neves, 2020). Essa característica justifica a necessidade do desenvolvimento da cultura de internacionalização na IES. A partir daí, as ações são pensadas para o atendimento das necessidades da comunidade, com o desenvolvimento de políticas que busquem mais aporte financeiro, com o

fortalecimento dos programas e dos currículos, além do desenvolvimento de pesquisas de impacto internacional.

Uma cultura de internacionalização seria responsável pela diminuição de muitas dificuldades apontadas pelos entrevistados, uma vez que, ao tornar a internacionalização algo corriqueiro na universidade, problemas relacionados à burocracia, perfil dos alunos, idioma, falta de pessoal poderiam ser sanados ou minimizados com a modificação do comportamento da comunidade, ocorrido a partir do compromisso assumido com a internacionalização.

Tendo como ponto de partida o desenvolvimento de uma cultura de internacionalização no *campus* Toledo, que exige uma interlocução entre os diferentes setores, buscou-se identificar se, na percepção dos atores, existia alguma dificuldade para a promoção de ações de internacionalização, de maneira que os resultados são apresentados abaixo.

**Tabela 52 - Existem dificuldades para a promoção de ações de internacionalização no seu setor/departamento?**

<b>Opinião</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	11	73,33
Não	2	13,33
Não sei	2	13,33
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Os resultados encontrados demonstram que existem dificuldades na promoção de ações de internacionalização para 73,33% da amostra, um número considerado expressivo se levarmos em conta o fato de que, para o desenvolvimento de uma cultura de internacionalização, ela precisa estar presente nos mais variados setores da instituição. Aqui, identifica-se um grande desafio a ser superado, que é sanar as possíveis dificuldades e estimular o desenvolvimento de ações intra e intersetoriais. As principais dificuldades encontradas nos setores estão representadas na próxima tabela.

**Tabela 53 - Subcategorias das dificuldades para a promoção de ações de internacionalização nos setores/departamentos**

<b>Subcategoria</b>	<b>Ocorrências</b>
Desenvolvimento de uma cultura de internacionalização	7
Desconhecimento da política	4
Falta de recursos financeiros	3
Burocracia	2
Dificuldade de comunicação	2
Idioma	1

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Novamente, a subcategoria relacionada ao desenvolvimento de uma cultura de internacionalização aparece como principal dificuldade apontada. O desconhecimento da política de internacionalização da UTFPR também é resultado da falta de cultura institucional para o tema. Essas opiniões demonstram que a existência de uma política não é suficiente para o desenvolvimento da internacionalização e que a eficácia desse documento está associada necessariamente ao engajamento da comunidade acadêmica. É possível que a ideia do desenvolvimento local, regional e nacional ainda sejam predominantes na instituição.

Sobre as percepções dos atores, os relatos abaixo demonstram como as dificuldades estão presentes.

Sim, e em função desse desconhecimento, ainda de toda essa política, de não ter esse treinamento [...] (E2).

Hoje em dia, partiria do princípio de ter conhecimento da política de internacionalização e como ela funciona para depois poder pensar onde a gente poderia aplicar alguma coisa dentro do nosso setor (E6).

Sim. A questão financeira, principalmente, a falta de bolsas [...] (E7).

[...] É, eu acho que existe um pouco de resistência de algumas coordenações de curso em tornar o seu curso mais aberto internacionalmente, tanto para envio quanto para recebimento de alunos. Eu noto essa resistência de algumas coordenações. Eu acho que a falta de comunicação entre departamentos também é um empecilho [...] (E9).

Existe dificuldade financeira, falta de recursos [...] (E14).

De acordo com os entrevistados, muitos são os desafios encontrados para o desenvolvimento da internacionalização no *campus* Toledo, mas o êxito dependerá de como a instituição definirá suas prioridades e como as adequará mediante as

políticas públicas (Neves; Barbosa, 2020), ao mesmo tempo em que aplica, avalia e adapta sua política institucional.

Mesmo diante da existência de uma política de internacionalização e da intencionalidade das ações, existe um risco inerente de exclusão de boa parte da comunidade acadêmica, seja por fatores financeiros, perfil de alunos ou domínio do idioma, conforme já apresentado em outros momentos. Para identificar a percepção dos entrevistados sobre essa variável, questionou-se sobre a acessibilidade da internacionalização para a comunidade do *campus* e os resultados são como seguem.

**Tabela 54 - Você acha que a internacionalização é acessível para todos?**

<b>Opinião</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	3	20,00
Não	11	73,33
Não sei	1	6,67
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Para 73,33% da amostra, a internacionalização não é acessível para todos. Esse dado coloca um outro ponto de análise e reflexão que está relacionado à objetividade da internacionalização e aos riscos inerentes a esse processo. Muitos riscos estão diretamente associados aos benefícios. Como exemplo disso, temos os ganhos oriundos de pesquisas e desenvolvimento de centros de referência, que podem tender a privilegiar determinados cursos em detrimento de outros. Além disso, os critérios utilizados nas seleções de estudantes para participar de ações internacionais garantem a excelência na participação, mas também podem tolher a oportunidade de participação de inúmeros outros. A seguir, são apresentados alguns motivos apontados pelos entrevistados que justificam o argumento da internacionalização não ser acessível para todos.

Não, acessível não é porque para o aluno participar de uma internacionalização, ele tem que cumprir alguns requisitos. Só o fato dele ter que cumprir esses requisitos já não torna acessível para todos. Entre os requisitos está o coeficiente de rendimento, é o coeficiente acadêmico que alguns editais pedem acima de 0,65 ou ele participa de uma concorrência em que ele concorre com alunos com coeficiente normalmente alto. Tem a questão da língua também, que nem todos tem acesso aí a uma formação ligada a algum idioma de que pretende participar de alguma internacionalização [...] (E1)

Não é acessível. Inclusive, a gente tem um filtro relativamente alto, então poucos alunos conseguem participar da seleção. Inclusive, teve semestres que não conseguimos selecionar ninguém. E é preciso ter esse filtro, né? Para você conseguir mandar bons alunos, lá para fora (E3).

[...] porque grande parte dos custos envolvidos dependem do próprio aluno. Então isso é uma principal dificuldade que eu vejo hoje para conseguir enviar um aluno, ter oportunidade de estudar fora (E4).

Com certeza, não. Hoje, principalmente pela falta de recursos, de bolsas. [...] Hoje é elitizado [...] (E7).

A partir dessas impressões, identifica-se um grande desafio para a IES no sentido de manter um equilíbrio entre o desenvolvimento das ações de internacionalização e a possibilidade de participação de toda a comunidade. Morosini (2017) já chamava a atenção para o fato de que a internacionalização, pela mercantilização, poderia atenuar as disparidades de acesso ao ensino superior. Para evitar essas disparidades, algumas sugestões foram apontadas como possibilidade de enfrentamento da exclusão e, após serem categorizadas, são apresentadas na tabela a seguir.

**Tabela 55 - Ações para tornar a internacionalização acessível a todos**

<b>Subcategoria</b>	<b>Ocorrências</b>
Ampliar a divulgação - cultura de internacionalização	9
Apoio financeiro	7
Ampliar as vagas	1
Fortalecer a oferta de idiomas	1

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Novamente, o desenvolvimento de uma cultura de internacionalização aparece em destaque, seguido pela necessidade de apoio financeiro. Ressalta-se que, para o desenvolvimento de qualquer que seja a modalidade de internacionalização, é preciso que exista uma combinação de inúmeros fatores, tais como o conhecimento dos objetivos da internacionalização, vagas suficientes, oferta de idiomas, apoio financeiro, suporte institucional, engajamento, entre outros.

Santos Filho (2020) apresenta a internacionalização *at home*, aquela desenvolvida sem a necessidade da mobilidade física para outro país, como um pilar emergente dentro da estratégia de internacionalização das IES, uma vez que essa perspectiva facilita a democratização do acesso às ações internacionais, visto que,

geralmente, os estudantes que conseguem desenvolver a mobilidade já são detentores de privilégios socioeconômicos e culturais em seu país.

A internacionalização *at home* pode ser responsável pela diminuição das desigualdades de acesso, além de oportunizar o diálogo sobre a interculturalidade (Rubin-Oliveira; Costa, 2022). É claro que, mesmo com as potencialidades desse tipo de internacionalização, seu pleno desenvolvimento ainda depende de fatores, como acesso a computadores, internet, cooperação com outras universidades internacionais e conhecimento do idioma.

Nesse sentido, uma estratégia que pode ser adotada é a criação de atividades que utilizem o modelo *Collaborative Online International Learning* (COIL). Parcerias criadas a partir desse modelo podem proporcionar a mobilidade virtual e o desenvolvimento de iniciativas internacionais colaborativas (Lima; Bastos; Varvakis, 2020). Essa poderia, efetivamente, ser uma possibilidade de promoção que favoreceria a maior participação e engajamento de toda a comunidade acadêmica com a internacionalização.

Assim, é preciso que a IES, que é composta de pessoas, seja coerente e se sensibilize para a promoção de uma internacionalização que seja acessível para todos. Estratégias devem ser utilizadas para evitar que essa importante ferramenta de desenvolvimento institucional seja motivo de exclusão; assim, poderá permitir que a IES cumpra seu papel no desenvolvimento social.

Diante do exposto ao longo desta categoria, fica evidenciada a necessidade do aprimoramento dos processos a partir do desenvolvimento de uma cultura de internacionalização. A partir dela, faz-se possível a realização de ações voltadas para facilitar o engajamento, a revisão, a busca por estratégias de ofertas, a redução das desigualdades de acesso, entre outras.

Inúmeros são os desafios apresentados para as IES, mas, mesmo assim, elas devem se esforçar para elaborar estratégias de desenvolvimento e promoção da integração educacional global de uma ampla gama de estudantes, uma circunstância que, inerentemente, gera o avanço nos níveis local, regional e mundial (Socorro Zambon, 2023).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disseminação do conhecimento está para além das fronteiras físicas e o que antes era exclusividade de poucos, hoje, está disponível para grande parte dos interessados. A globalização, a velocidade de comunicação e os mecanismos de divulgação científicos-acadêmicos têm contribuído muito para essa realidade.

A internacionalização da educação superior tem sido uma ferramenta importante adotada pelas IES para buscar um local de destaque no cenário nacional e internacional; isso é fato. A possibilidade de estabelecer parcerias com universidades e pesquisadores de outras regiões do mundo é fundamental para acompanhar as demandas globais, aprimorar os processos institucionais e o desenvolvimento científico.

A UTFPR tem buscado sua inserção no cenário internacional, por meio de ações de internacionalização, desde antes de sua transformação em Universidade Tecnológica. No entanto, com a criação de sua política institucional de internacionalização, essas ações passaram a ser sistematizadas por meio de diretrizes e mecanismos de monitoramento, que têm, como objetivo, apontar o caminho e avaliar aquilo que tem sido desenvolvido.

Vale lembrar que a existência de uma política de internacionalização é importante, mas não é suficiente para que o processo realmente aconteça. É necessário um engajamento institucional em todos os níveis (setores, individual) para que as ações se desenvolvam.

O *campus* Toledo, seguindo essa tendência e em atendimento à política de internacionalização contida nos documentos institucionais, como o PDI e a própria política, também vem desenvolvendo ações buscando essa internacionalização. Nesse sentido, os resultados encontrados a partir das análises propostas neste trabalho demonstram alguns cenários que são apresentados a seguir.

Sobre o documento da política de internacionalização da UTFPR, notamos que ela apresenta uma intencionalidade no sentido de definir o que é a internacionalização, quais atores fazem parte, quais valores se pretende alcançar e com quem a IES vai interagir para conseguir alcançar o objetivo de ser internacional. De certa maneira, a política mostra “o que fazer” e “como fazer”, mas ainda falta clareza de quem faz.

Ao analisar os dados contidos nos relatórios de gestão, notamos a existência de várias ações desenvolvidas, sobretudo em relação aos acordos de cooperação, dupla-diplomação e mobilidade acadêmica. Observa-se uma tendência de internacionalização passiva, na qual os resultados apresentados relacionam-se muito mais à saída de alunos do que à vinda. Esse é um tema que merece destaque, debate e avaliação. O que a IES precisa ofertar para se tornar mais atrativa para alunos e pesquisadores internacionais? Como gostaria de ser reconhecida internacionalmente? Qual é o seu diferencial?

Não deve existir somente uma resposta para esses questionamentos, mas, ao tentar respondê-los, é preciso que a IES leve em consideração elementos de sua realidade, inclusive para justificar a eficiência e manutenção da oferta dos seus cursos. O *campus* Toledo, localizado na região oeste do Paraná, tem ao seu redor muitas indústrias do segmento farmacêutico, alimentar e de tecnologia, que colocam a região em posição de destaque nos setores industrial, agrícola e agropecuário. Além disso, a região é repleta de instituições de ensino superior públicas e privadas, habilitadas para o desenvolvimento de pesquisas. Explorar essas características pode ser a chave para tornar o *campus* atrativo para outros pesquisadores, que pode ajudar a transformá-lo em um centro de referência.

Nota-se uma predominância de acordos de cooperação estabelecidos com países localizados no norte global, mas não se deve fechar os olhos para as possibilidades de acordos com os países do sul global, especialmente os vizinhos, como Paraguai e Argentina. Essa forma de cooperação poderia resultar no desenvolvimento regional, fortalecimento da pós-graduação e pesquisas, favorecido, entre outras coisas, pela localização geográfica e facilidade de acesso.

Além disso, chamamos a atenção para a necessidade de implantação de um sistema de monitoramento das ações de internacionalização desenvolvidas na IES, alimentado pelos próprios servidores, uma vez que não existe uma padronização desse monitoramento. A divulgação dos resultados obtidos precisa ser mais eficaz, ter maior clareza e ser de fácil acesso aos interessados. Os relatórios de gestão não se mostraram um mecanismo eficaz de apresentação desses resultados, uma vez que, nesse documento, são divulgadas diversas informações, de maneira que as referentes à internacionalização estão dispostas ao longo de todo o documento. Sugere-se que esses dados apareçam de maneira mais limpa, organizada em um

relatório específico sobre a internacionalização que pode ser divulgado na própria página da instituição, na aba caracterizada como “Internacional”.

As percepções dos atores da UTFPR *campus* Toledo demonstram que existe um caminho sendo percorrido, mas que ainda falta um amadurecimento a respeito do que se espera com a internacionalização. Esse amadurecimento institucional é natural, já que estamos tratando de uma IES relativamente jovem e com uma política de internacionalização recém-criada.

Nota-se uma predominância de ações individualizadas, que partem exclusivamente do interesse do servidor, de maneira isolada, o que acaba resultando em descontinuidade a partir do momento em que o indivíduo deixa de desenvolvê-las. Outro ponto a ser destacado e que se relaciona diretamente com o que foi exposto é a necessidade de engajamento do *campus* para a discussão, promoção e avaliação da internacionalização. Ações pontuais desenvolvem-se, mas não se trata de algo que faça parte de uma política formativa a respeito da internacionalização. É necessário e se espera o momento em que este tema faça parte da cultura da instituição, que seja discutido da mesma forma e em conjunto com as ações de ensino, pesquisa e extensão.

Diante disso, observa-se que o processo de internacionalização na universidade e principalmente no *campus* Toledo ainda é incipiente, em fase de amadurecimento. Existem ações sendo desenvolvidas, mas notamos que o tema da internacionalização transita como maneira periférica nos assuntos do *campus*, não faz parte da rotina dos setores e servidores, sendo sufocado por outras demandas.

Como resultado disso, encontramos, nos relatos dos atores, a sensação de que a internacionalização não é discutida amplamente na instituição e no *campus*, uma vez que indicaram não conhecer profundamente a política, apesar de já terem ouvido falar dela.

A internacionalização precisa se tornar uma cultura institucional e, para isso acontecer, é necessário que exista uma maior visibilidade estrutural com a destinação de ambientes e servidores voltados exclusivamente a essa atividade. Isso, por consequência, favorecerá uma melhoria e continuidade dos processos que não se perderão com as trocas de pessoas, as quais eventualmente ocorrerão. Quando isso acontecer, será possível afirmar que a internacionalização finalmente se transformou em cultura institucional.

Ações formativas e afirmativas, com toda a comunidade acadêmica, precisam ser realizadas de maneira planejada, com frequência, de modo que o tema consiga inserir-se na rotina institucional. Como sugestões, destaca-se a necessidade da criação de debates, ciclos de palestras, inclusão do tema nos períodos de planejamento, projetos conjuntos que promovam a interação e o planejamento entre os setores da IES. Além disso, os resultados obtidos com Dupla-Diplomação poderiam ser mais explorados e divulgados, mostrando que isso tem contribuído para a UTFPR e para aqueles que dela participam.

Dessa forma, os processos institucionais poderiam ser avaliados e aprimorados por meio do engajamento da comunidade acadêmica. Aspectos da internacionalização também precisam estar inseridos na avaliação institucional, que proporcionarão uma perspectiva geral de como o tema está transitando na IES.

Como já apresentado neste documento, a internacionalização precisa estar ramificada em todos os níveis e setores da instituição e, por isso, elementos, como a extensão internacional (olhar para os países vizinhos), a mobilidade virtual, a inovação e patentes internacionais, inserção de abordagens internacionais nos currículos, cursos específicos de curta duração, também precisam estar no radar da instituição e do *campus* que pretende se internacionalizar.

Para a internacionalização da UTFPR acontecer de maneira integral, capaz de transformá-la em uma instituição receptora de estudantes, pesquisadores e até mesmo de investimentos, alguns processos ainda precisam ser amadurecidos. Nesse caso, é necessário, também, o fortalecimento de programas de pós-graduação, de linhas de pesquisa, o desenvolvimento de centros de excelência em áreas de atuação da universidade, a oferta de currículos com disciplinas em língua estrangeira, além da previsão de recursos orçamentários para a internacionalização. Uma outra saída seria apostar também nas parcerias e acordos com países lusófonos, já que a barreira gerada pelo idioma seria inexistente nesses casos. Ainda sobre o idioma, é essencial fortalecer e estimular os programas de ensino de língua estrangeira da instituição, como forma de impulsionar o interesse de servidores e alunos a participarem de atividades internacionais.

Outro processo que merece destaque relaciona-se à flexibilidade para o reconhecimento de saberes desenvolvidos em outros países e em outras universidades. Não será possível tratar de internacionalização, se não houver o reconhecimento daquilo que é feito externamente. Ao mesmo tempo, isso não pode

ser um fardo para a instituição e seus servidores no que diz respeito à geração de mais demandas de trabalho. Por isso, recomenda-se a criação de diretrizes específicas que tornarão o processo homogêneo para qualquer que seja o curso. Estabelecido isso, comissões específicas para esse fim poderiam ser criadas de modo que a demanda fosse melhor absorvida, sem acúmulos.

Sendo assim, podemos concluir que a internacionalização é potencializada e facilitada pela existência de uma cultura de internacionalizar-se, do fazer, da práxis. Isso porque, a partir da existência dessa cultura, o tema se insere no cotidiano dos atores tornando-se algo natural. A política institucional seria uma ferramenta importante para o desenvolvimento e manutenção dessa cultura, mas ainda é preciso forjar o caminho para esse engajamento, situando a internacionalização dentro da cultura institucional.

Assim, sugere-se que esta temática continue sendo investigada a partir do acompanhamento das ações e percepções de toda a comunidade (docentes, discentes e técnicos-administrativos), uma vez que, como processo, necessita ser avaliado constantemente. Dessa maneira, seria possível identificar a efetividade das ações e dos processos de internacionalização, permitindo uma reflexão sobre tal.

Além disso, nota-se uma preocupação de organismos internacionais com os processos de internacionalização, como é o caso dos objetivos e desafios apresentados nas Conferências Mundiais de Ensino Superior, realizadas pela UNESCO, e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, elaborados pela ONU. Sugere-se que seja investigado, também, como a internacionalização é impactada, além de como impacta o cumprimento das metas e objetivos definidos pelos organismos internacionais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Maria Fonseca *et al.* **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

ALTBACH, Philip G. Knowledge and Education as International Commodities. **International Higher Education**, [S. l.], n. 28, 2002. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/6657>. Acesso em: 11 jun. 2024.

ALTBACH, Philip G.; KNIGHT, Jane. The Internationalization of Higher Education: motivations and realities. **Journal Of Studies In International Education**, [S.L.], v. 11, n. 3-4, p. 290-305, set. 2007. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1028315307303542>. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/225083494\\_The\\_Internationalization\\_of\\_Higher\\_Education\\_Motivations\\_and\\_Realities](https://www.researchgate.net/publication/225083494_The_Internationalization_of_Higher_Education_Motivations_and_Realities). Acesso em: 01 jul. 2024.

AVEIRO, Thais Mere Marques. O papel da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na Cooperação Brasileira para o Desenvolvimento Internacional (Cobradi). **Conjuntura Austral**, [S. l.], v. 6, n. 27-28, p. 76-92, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/49938>. Acesso em: 13 jun. 2023.

AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. A internacionalização da Educação Superior em questão: mitos, enganos e verdades. **Horizontes LatinoAmericanos – Revista de Humanidades e Ciências Sociais do Mercosul Educacional**, v. 3, n. 1, p. 99-110, 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Mario\\_Azevedo6/publication/315793013\\_A\\_Internacionalizacao\\_da\\_Educacao\\_Superior\\_em\\_questao\\_mitos\\_enganos\\_e\\_verdades/inks/58e55cae45851547e17f7a58/A-Internacionalizacao-da-Educacao-Superior-em-questao-mitos-enganos-e-verdades.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Mario_Azevedo6/publication/315793013_A_Internacionalizacao_da_Educacao_Superior_em_questao_mitos_enganos_e_verdades/inks/58e55cae45851547e17f7a58/A-Internacionalizacao-da-Educacao-Superior-em-questao-mitos-enganos-e-verdades.pdf). Acesso em: 20 set. 2020.

AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. A educação superior em tempos de internacionalização: cinco mitos, nove enganos e cinco verdades. *In*: CUNHA, Célio da; SOUSA, José Vieira de; SILVA, Maria Abádia da. **Internacionalização da educação: discursos, práticas e reflexos sobre as políticas educativas**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016a. p. 71-79

AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. Educação e benchmarking: meta-regulação e coordenação de políticas baseadas em indicadores e nas chamadas “boas-práticas”. *In*: Seminário Nacional Universitas, 2016, Universidade Estadual de Maringá, **Anais**, v. 14, n. 18, p. 1407-1442, 2016b.

BARBALHO, Maria Goretti Cabral; CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo. Globalização e educação superior: discutindo tendências de internacionalização. *In*: CABRAL NETO, Antônio.; REBELO, Maria da Piedade Pessoa Vaz (org.). **O ensino superior no Brasil e em Portugal: perspectivas políticas e pedagógicas**. Natal: EDUFRN, 2010. p. 47-72

BARBOSA, Maria Lúgia de Oliveira; NEVES, Clarissa Eckert Baeta. Internacionalização da educação superior: instituições e diplomacia do conhecimento. **Sociologias**, [s. l.], v. 22, ed. 54, p. 22-44, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222020000200022&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222020000200022&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 28 set. 2020.

BARBOSA, Selma Maria Abdalla Dias; LAGE, Thelma. A internacionalização: breves considerações no âmbito da formação de professores de línguas. **EntreLetras**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 150-164, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/4134>. Acesso em: 23 set. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BASTOS, Carmen Celia Barradas Correia; MANCHOPE, Elenita Conegero Pastor; ASSENZA, Marta Lucia Alves. A internacionalização da educação superior na Universidade Estadual do Oeste do Paraná–UNIOESTE. **Revista Internacional de Educação Superior**, [s. l.], v. 5, p. e019039-e019039, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8653899>. Acesso em: 28 set. 2020.

BERNHEIM, Carlos Tünnerman; DE SOUZA CHAUI, Marilena. Desafios da universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior. **Unesco**, 2008. Disponível em: <http://www.repositoriobib.ufc.br/000000/0000001D.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2021.

BERNHEIM, Carlos Tünnermann. La internacionalización de la educación superior. Significado, relevancia y evolución histórica. In: Gacel-Ávila, Joceline (org.) **Educación superior, internacionalización e integración en América Latina y el Caribe**. Balance regional y prospectiva. Caracas: UNESCO – IESALC y Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2018. p. 17- 40.

BITTENCOURT, Zoraia Aguiar. Mobilidade acadêmica e engagement estudantil como estratégia de internacionalização. In: MOROSINI, Marília Costa (org.). **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre, Brasil: EDUPUCRS, 2019. p.167-184.

BORGES, Vanessa Maria de Oliveira; AQUINO, Edson Tomaz de. Ensino superior à ordem do capital internacional. **Revista Gestão Universitária na América Iagentina-GUAL**, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 22-32, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/27974>. Acesso em: 28 set. 2020.

BORTOLANZA, Juarez. **Trajectoria do ensino superior brasileiro – uma busca da origem até a atualidade**. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/181204>. Acesso em: 15 mai. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909**. Cria nas capitais dos Estados da República Escola de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Collecção das Leis da República dos Estados Unidos do Brazil - 1909. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1913. v. 2, p. 445-447.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942.** Cria o Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (SENAI). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4048-22-janeiro-1942-414390-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Cria%20o%20Servi%C3%A7o%20Nacional%20de,que%20lhe%20confer%20o%20art.> Acesso em: 03 mai. 2022.

BRASIL. **Lei. Decreto-Lei nº 4.127 de 25 de fevereiro de 1942.** Estabelece as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Seção, v. 1, p. 2957, 2020.

BRASIL. **Lei nº 1.920 de 25 de julho de 1953.** Cria o Ministério da Saúde e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/l1920.htm#:~:text=LEI%20No%201.920%2C%20DE%2025%20DE%20JULHO%20DE%201953.&text=Cria%20o%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde,problemas%20atinentes%20%C3%A0%20sa%C3%BAde%20humana.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l1920.htm#:~:text=LEI%20No%201.920%2C%20DE%2025%20DE%20JULHO%20DE%201953.&text=Cria%20o%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde,problemas%20atinentes%20%C3%A0%20sa%C3%BAde%20humana.) Acesso em: 05 mai. 2022.

BRASIL. **Lei nº 3.552 de 16 de fevereiro de 1959.** Dispõe sobre nova organização escolar e administrativa dos estabelecimentos de ensino industrial do Ministério da Educação e Cultura, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l3552.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3552.htm). Acesso em: 05 mai. 2022.

BRASIL. **Lei nº 6.545 de 30 de junho de 1978.** Dispõe sobre a transformação das Escolas Técnicas Federais de Minas Gerais, do Paraná e Celso Suckow da Fonseca em Centros Federais de Educação Tecnológica e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6545.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6545.htm). Acesso em: 06 mai. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 2.208 de 17 de abril de 1997.** Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d2208.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d2208.htm). Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. **Portaria Ministerial nº 646 de 14 de maio de 1997.** Regulamenta a implantação do disposto nos artigos 39 a 42 da Lei Federal nº 9.394/96 e no Decreto Federal nº 2.208/97 e dá outras providências (trata da rede federal de educação tecnológica). Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/PMEC646\\_97.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/PMEC646_97.pdf). Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.184 de 07 de outubro de 2005.** Dispõe sobre a transformação do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná em Universidade Tecnológica Federal do Paraná e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/lei/l11184.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11184.htm). Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 7.642 de 11 de 13 de dezembro de 2011**. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm). Acesso em: 11 mai. 2022.

BRASIL. Ciência sem fronteiras. **O Programa**, 2022. Disponível em: <http://cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>. Acesso em: 14 abr. 2023.

CAMPOS, Diego Araujo. **Direito Internacional Público para concursos: teoria e questões**. Rio de Janeiro: Academia, 2009.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **História e missão**, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/historia-e-missao>. Acesso em: 04 fev. 2021.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **A internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela CAPES**. 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/a-internacionalizacao-nas-ies-brasileiras-pdf/view>. Acesso em: 25 set. 2020.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Bolsas e Auxílios Internacionais**. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/bolsas-e-auxilios-internacionais>. Acesso em: 09 fev. 2022.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Programa Institucional de Internacionalização – CAPES – PrInt**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/informacoes-internacionais/programa-institucional-de-internacionalizacao-capes-print>. Acesso em: 04 fev. 2022.

CARVALHO, Thales; FERNANDES, Jéssica Silva; DE FARIA, Carlos Aurélio Pimenta. Organizações Internacionais e Políticas Públicas Nacionais: variáveis organizacionais e instrumentos de difusão. **Carta Internacional**, v. 16, n. 2, p. e1112-e1112, 2021. Disponível em: <https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/1112>. Acesso em: 11 ago. 2021.

CASTRO, Alda Araújo; NETO, Antônio Cabral. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**, v. 21, n. 21, p. 69-96, 2012. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/3082>. Acesso em: 13 mai. 2022.

CHILDRESS, Lisa K. Internationalization Plans for Higher Education Institutions. **Journal Of Studies In International Education**, [S.L.], v. 13, n. 3, p. 289-309, 29 jan. 2009.

CIPRIANI, Andreza; HEINZLE, Marcia Regina Selpa. Internacionalização da educação superior em contextos emergentes: a produção recente em teses e dissertações no Brasil. **Interações (Campo Grande)**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 591-605, 19 jul. 2023. Universidade Católica Dom Bosco. <http://dx.doi.org/10.20435/inter.v24i2.3895>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/nZPsVqqn3FhjbyzdX5TbXDM/>. Acesso em 01 jul. 2024.

CLEMENTE, Fabiane Aparecida Santos; MOROSINI, Marília Costa. IAH: internacionalização e/ou interculturalidade at home?. **Linguagens, Educação e Sociedade**, n. 47, p. 83-108, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/10193/pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CNPq. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Bolsas no país e no exterior**. Disponível em: [https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/bolsas-e-auxilios/copy\\_of\\_modalidades](https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/bolsas-e-auxilios/copy_of_modalidades). Acesso em: 07 fev. 2022.

CNPq. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Apresentação – O CNPq**. Disponível em: [http://memoria2.cnpq.br/web/guest/apresentacao\\_institucional/](http://memoria2.cnpq.br/web/guest/apresentacao_institucional/). Acesso em: 07 fev. 2022.

COUNI. Conselho Universitário (Brasil). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Deliberação nº5/2018, de 22 de março de 2018. **Política de Internacionalização da Universidade Tecnológica Federal do Paraná**, [S. l.], 22 mar. 2018

CUNHA, Luiz Antônio. Desenvolvimento desigual e combinando no Ensino Superior - estado e mercado. **Educação & Sociedade**, [S. l.], v.25, n.88, p.795-817, out. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/g5KbJp9RCcHCtXnQhHJwvJN/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 13 abr. 2022.

CUSATI, Iracema Campos et al. Universidades: surgimento, nacionalização e indicadores de internacionalização. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [S.L.], p. 3-19, 2 jan. 2021. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13354>. Acesso em: 18 abr. 2023.

DALLA CORTE, Marilene Gabriel; MENDES, Fernanda Ziani. Políticas públicas e internacionalização da Educação Superior: em pauta a cooperação Sul-Sul. **Educação Por Escrito**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 380–397, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/poescrito/article/view/30280>. Acesso em: 19 jun. 2024.

DA SILVA, Louise de Quadros *et al.* Políticas internas de internacionalização do ensino superior: Um desafio à universidade contemporânea. **Educação**, [S. l.], v. 44, n. 1, p. e33068, 2021. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/33068>. Acesso em: 28 nov. 2023.

DE ARAÚJO CRUZ, Viviane Xavier; EICHLER, Marcelo Leandro. Bolsas CAPES de mobilidade acadêmica internacional 1952-2019. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S. l.], v. 17, n. 37, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1768>. Acesso em: 19 jun. 2023.

DE WIT, Hans. Internationalization of Higher Education: nine misconceptions. **International Higher Education**, [S. l.], n. 64, 2011. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/8556>. Acesso em: 19 jun. 2024.

DE WIT, Hans. Reconsidering the Concept of Internationalization. **International Higher Education**, [S. l.], n. 70, p. 6-7, 2013. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/8703>. Acesso em: 21 set. 2020.

DUARTE, Roberto Gonzalez *et al.* O papel dos relacionamentos interpessoais na internacionalização de instituições de ensino superior. **Educação em Revista**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 343-370, mar. 2012.

FINARDI, Kyria Rebeca; SANTOS, Jane Meri; GUIMARÃES, Felipe. A relação entre línguas estrangeiras e o processo de internacionalização: evidências da coordenação de letramento internacional de uma universidade federal. **Interfaces Brasil/Canadá**, Canoas, v. 16, n. 1, p. 233-255, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/nLsMdyMbY6bj9qDSFfvwSpq/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FORTES, Rafael. Política científica no Brasil: dilemas em torno da internacionalização e do inglês. **Interfaces Brasil/Canadá**, Canoas, v. 16, n. 1, p. 151-190, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/7660>. Acesso em: 19 set. 2020.

FRANKLIN, Luiza Amália; ZUIN, Débora Carneiro; EMMENDOERFER, Magnus. Processo de internacionalização do ensino superior e mobilidade acadêmica: implicações para a gestão universitária no Brasil. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 130-151, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650831>. Acesso em: 11 set. 2024.

GOMIDES, Paula Aparecida Diniz; MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes; DE ALMEIDA, Grazielly Aparecida. Mobilidade acadêmica e internacionalização: a experiência da UFSJ com o Programa de Tutoria Social Voluntária. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 11, n. 00, p. e025006, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8667503>. Acesso em: 2 ago. 2023.

GONÇALVES, Roberto Birch; STALLIVIERI, Luciane. Novas Propostas Pedagógicas para o Desenvolvimento de Disciplinas Ministradas em Línguas Estrangeiras nas

Salas de Aula Multiculturais. **Revista de Ciências da Administração**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 130-142, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2015v17n41p130>. Acesso em: 11 set. 2024.

GOULART, Patrícia Martins; ESTEVAM, Dimas de Oliveira; OLIVEIRA, Fernanda Zanette. Estado e políticas de ensino superior no Brasil: uma análise com base no Plano Nacional da Educação (2001 a 2010). *In: XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul. II Congresso Internacional IGLU*, 2011, Florianópolis.

GRABINSKI, Cláudia. Redes de pesquisa no cenário da internacionalização. *In: MOROSINI, Marília Costa (org.). Guia para a internacionalização universitária*. Porto Alegre, Brasil: EDUPUCRS, 2019a. p.103-114.

GRABINSKI, Cláudia. **Redes internacionais de pesquisa e excelência da pós-graduação: visão de pesquisadores da área da medicina**. Orientadora: Marília Costa Morosini. 2019b. 115 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019b. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8471>. Acesso em: 01 jul. 2024.

HEINZLE, Marcia Regina Selpa; PEREIRA, Pablo. Políticas de internacionalização em universidades fundacionais: produção intelectual, intercâmbio, currículo e internacionalização integral. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.31, n.119, p. 1-22, abr./jun. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/tcyv6nqy9npSff3dwFFMqQx/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

HUDZIK, John K. **Comprehensive internationalization**. Washington, DC: NAFSA, The Association of International Educators, 2011. Disponível em: [http://commission.fiu.edu/helpful-documents/global-education/2011\\_comprehen\\_internationalization-hudzik.pdf](http://commission.fiu.edu/helpful-documents/global-education/2011_comprehen_internationalization-hudzik.pdf). Acesso em: 17 jun. 2024.

HUDZIK, John K. **Comprehensive internationalization: institutional pathways to success**. Oxon; New York: Routledge, 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico. População dos municípios**, 2022. Disponível em: [https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2022/Previa\\_da\\_Populacao/POP\\_2022\\_Municipios.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2022/Previa_da_Populacao/POP_2022_Municipios.pdf). Acesso em: 18 mai. 2023.

KNIGHT, Jane. Updated Definition of Internationalization. **International Higher Education**, [S. l.], n. 33, 2003. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/7391>. Acesso em: 29 jun. 2023

KNIGHT, Jane. Internationalization Remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal Of Studies In International Education**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 5-31, mar. 2004. SAGE Publications. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/374966109/Internationalization-Remodeled-Definition-Approaches-And-Rationales>. Acesso em: 28 set. 2020.

KNIGHT, Jane. Un modelo de internacionalización: respuesta a nuevas realidades y retos. *In: DE WIT et al. (org.). Educación superior en América Latina: La dimensión internacional*. Bogotá, Colômbia: Mayol Ediciones S.A., 2005. p. 1-38.

KNIGHT, Jane. Five Truths about Internationalization. **International Higher Education**, [S. l.], n. 69, p. 4-5, 2012. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/8644>. Acesso em: 10 jun. 2022.

LAUS, Sonia Pereira. **A internacionalização da educação superior: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina**. Orientador: Carlos Roberto Sanchez Milani. 2012. 331 p. Tese (Doutorado em Administração) - Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17270>. Acesso em: 20 set. 2020.

LEAL, Fernanda Geremias; STALLIVIERI, Luciane; MORAES, Mário César Barreto. Indicadores de internacionalização: o que os rankings acadêmicos medem?. **Revista Internacional de Educação Superior**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 52-73, 9 jan. 2018. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.22348/riesup.v4i1.8650638>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650638>. Acesso em: 18 ago. 2023.

LEITE, José Carlos Corrêa. **UTFPR: uma história de 100 anos**. Curitiba: UTFPR, 2010.

LEITE, Valéria Fonseca. **A produção de sentidos no discurso sobre a internacionalização do/no ensino superior e sobre o papel da língua inglesa como meio de instrução**. Orientadora: Joelma Pereira de Faria Nogueira. 2020. 134 p. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Pouso Alegre, MG, 2020. Disponível em: <http://pos.univas.edu.br/ppgcl/docs/2020/dissertacoes/VALERIAFONSECALEITE.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

LIMA, Cláudio de; BASTOS, Rogério Cid; VARVAKIS, Gregório. Digital learning platforms: an integrative review to support internationalization of higher education. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 36, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/V6vYwQZS3Tx3NNzDNJsPsvP/?lang=en>. Acesso em: 18 jun. 2024.

LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fábio Betioli. Períodos e motivações da internacionalização da educação superior brasileira. *In: COLLOQUE DE LIFBAE*. 2009. p. 18-19. Disponível em: [https://ifbae.s3.eu-west-3.amazonaws.com/file/congres/2009\\_B0095.pdf](https://ifbae.s3.eu-west-3.amazonaws.com/file/congres/2009_B0095.pdf). Acesso em: 11 set. 2024.

LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e

passiva. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, Campinas/Sorocaba, v. 14, n. 03, p. 583-610, 2009

LOURENÇO, Márcia Rozane Balbinotti de. **A trajetória histórica da extensão na Universidade Tecnológica Federal do Paraná**. Orientadora: Sonia Ana Charchut Leszczynski. 2011. 185f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: [https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/191/1/CT\\_PPGTE\\_M\\_Louren%20a7o%20Marcia%20Rozane%20Balbinotti%20de\\_2011.pdf](https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/191/1/CT_PPGTE_M_Louren%20a7o%20Marcia%20Rozane%20Balbinotti%20de_2011.pdf). Acesso em: 11 set. 2024.

LUCE, Maria Beatriz; FAGUNDES, Caterine Vila; MEDIEL, Olga González. Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, Campinas/Sorocaba, v. 21, n. 2, p. 317-340, jul. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/FhyPkHjxyz78zYHZFLvJg6t/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 mai. 2023.

MANO, Margarida. **Roteiro do plane(j)amento estratégico: percursos e encruzilhadas do ensino superior no espaço da língua portuguesa**. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica** – 5. Ed. – São Paulo : Atlas 2003.

MARINONI, Giorgio; EGRON-POLAK, Eva; GREEN, Madeleine. A changing view of the benefits of HE internationalization. **University World News**, [s.l.], v. 1, n. 2, p. 2019, 2019. Disponível em: <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20190128144240325>. Acesso em: 29 set. 2020.

MARRARA, Thiago. Internacionalização da Pós-Graduação: objetivos, formas e avaliação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S. l.], v. 4, n. 8, 2007. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/132>. Acesso em: 19 jun. 2024.

MARRARA, Thiago; RODRIGUES, Jonas de Almeida. Medidas de internacionalização e o uso de idiomas estrangeiros nos programas de pós-graduação brasileiros. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S. l.], v. 6, n. 11, 2011. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/169>. Acesso em: 5 jul. 2024.

MARTINS, Izabel Cristina; DE CARVALHO, Sandra Maria C. R. de. Organizações internacionais e modos de regulação das políticas de educação: indicadores e comparações internacionais. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 240-243, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/17793>. Acesso em: 19 jun. 2024.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Ed. Moraes, 1989.

MARTINS, Joel; ESPOSITO, Vitoria Helena Cunha. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis**. São Paulo: Cortez, 1992.

MATTIELLO, Rafael; TOLEDO, Naiani Borges; LANGER, Larissa Terra. Estratégias de Internacionalização Universitária de Forma Multidimensional: O Caso da Unioeste. **Educere et Educare**, [S. l.], v. 19, n. 49, p. 86-106, 2024. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/32192>. Acesso em: 13 jun. 2024

MAUÉS, Olgaíses Cabral; DOS SANTOS BASTOS, Robson. As políticas de educação superior na esteira dos organismos internacionais. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE**, [S. l.], v. 32, n. 3, p. 699-717, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpaee/article/view/68570>. Acesso em: 19 jun. 2024.

MAUÉS, Olgaíses Cabral; DOS SANTOS BASTOS, Robson. Políticas de internacionalização da Educação Superior: o contexto brasileiro. **Educação**, [S. l.], v. 40, n. 3, p. 333-342, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/28999>. Acesso em: 19 jun. 2024.

MAZZAROL, Tim; SOUTAR, Geoffrey N. "Push-pull" factors influencing international student destination choice. **International Journal Of Educational Management**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 82-90, 1 abr. 2002.

MOROSINI, Marília Costa. Internacionalização na produção de conhecimento em IES brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. **Educação em Revista**, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 93-112, abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100005>. Acesso em: 13 mai. 2022.

MOROSINI, Marília. Apresentação. **Educação**, [S.L.], v. 40, n. 3, p. 288, 31 dez. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/30004>. Acesso em: 5 jul. 2024.

MOROSINI, Marília Costa. Como internacionalizar a universidade: concepções e estratégias. In: MOROSINI, Marília Costa (org.). **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 11-27. Disponível em: [https://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/19820/2/Como\\_internacionalizar\\_a\\_universidade\\_concepcoes\\_e\\_estrategias.pdf](https://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/19820/2/Como_internacionalizar_a_universidade_concepcoes_e_estrategias.pdf). Acesso em: 13 abr. 2022.

MOROSINI, Marília Costa; DALLA CORTE, Marilene Gabriel. Teses e realidades no contexto da internacionalização da educação superior no Brasil. **Revista Educação em Questão**, [S.L.], v. 56, n. 47, p. 97, 12 abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/14000>. Acesso em: 1 jul. 2024.

MOROSINI, Marília Costa; DALLA CORTE, Marilene Gabriel; MENDES, Fernanda Ziani. Internacionalização da educação superior na perspectiva da cooperação solidária e horizontal na região de fronteira Brasil e Uruguai. **Em Aberto**, [S.L.], v. 36, n. 116, p. 101-116, 6 jun. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/nZPsVqqn3FhjbyzdX5TbXDM/>. Acesso em: 01 jul. 2024.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, [S.L.], v. 15, n. 4, p. 731-747, ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/YDnWhSkP3tzfXdb9YRLCPjn/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. Internationalization of higher education in Brazil: advances, obstacles, and challenges. **Sociologias**, [S.L.], v. 22, n. 54, p. 144-175, ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/vd6H5x6RB56rrXkYzKDyGVB/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 17 out. 2023.

OLIVEIRA, Marcos Marques de. As origens da educação no Brasil da hegemonia católica às primeiras tentativas de organização do ensino. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, [S.L.], v. 12, n. 45, p. 945-958, dez. 2004.

OLIVEIRA, Paula Souza de. **Internacionalização da educação superior: um estudo de caso em instituições públicas de ensino superior do estado da Bahia**. Orientadora: Maria Couto Cunha. 2018. 155 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/25715/1/Paula%20S.%20de%20Oliveira\\_Disserta%c3%a7%c3%a3o%20de%20Mestrado.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/25715/1/Paula%20S.%20de%20Oliveira_Disserta%c3%a7%c3%a3o%20de%20Mestrado.pdf). Acesso em: 20 set. 2020.

OLIVEIRA, Daniele Lopes; GUIMARÃES, Vinicius Oliveira Seabra. Internacionalização do ensino superior brasileiro. **Revista científica eletrônica da Faculdade de Piracanjuba**, [s.l.], v. 3, n. 4, p. 41-66, 2023. Disponível em: <https://eadfap.com/revista/index.php/vl1/article/view/57/55>. Acesso em: 05 jul. 2024.

OMC/GATS. **Acordo Geral sobre Comércio de Serviços**. 1994. Disponível em: Produtividade e Comércio Exterior — Português (Brasil) ([www.gov.br](http://www.gov.br)). Acesso em: 04 fev. 2022.

PAZELLO, Elizabeth. **Internacionalização na UTFPR: da cereja do bolo as duas pontas do iceberg**. Orientador: Ronald Barry Martinez. 2019. 402 p. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/65612>. Acesso em: 07 mar. 2023.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar; HEINZLE, Márcia Regina Selpa; PINTO, Marialva Moog. Internacionalização na educação superior e mobilidade estudantil: o vai e vem de jovens acadêmicos. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 24, n. 1,

2017. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6990>. Acesso em: 11 jul. 2023.

PÉREZ-ESPARRELLS, Carmen; GARCÍA, Ana M. López. Los rankings de las instituciones de educación superior: una revisión del panorama internacional.. **Calidad En La Educación**, [S.L.], n. 30, p. 328-343, 18 abr. 2009. Consejo Nacional de Educacion. Disponível em: <https://www.calidadenlaeducacion.cl/index.php/rce/article/view/184>. Acesso em: 01 jul. 2024.

PESSONI, Rosemeire Aparecida Bom. Internacionalização do ensino superior. **International Studies on Law and Education**, São Paulo, v. 28, p. 93-110, 2018. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle28/93-110Rose.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2022.

RUBIN-OLIVEIRA, Marlize; COSTA, Maria Luisa Dalla. Internacionalização da educação superior at home: conceitos, lugares e sujeitos. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 8, n. 00, p. e022036, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8662773>. Acesso em: 20 jul. 2023.

RUDZKI, Romuald Edward John. **Strategic management of internationalization: towards a model of theory and practice**. 1998. 331 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Escola de Educação, Newcastle University, 1998. Disponível em: <https://theses.ncl.ac.uk/jspui/bitstream/10443/149/1/rudzki98.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SANTOS, Fernando Seabra; DE ALMEIDA FILHO, Naomar. **A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento**. Brasília: Editora UnB, 2012.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. Internacionalização da Educação Superior: redefinições, justificativas e estratégias. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, [S. l.], v. 25, n. 53, p. 11–34, 2020. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1383>. Acesso em: 19 jun. 2024.

SCHMITT, Adriana Regina Vettorazzi; PACHECO, Luci Mary Duso. Internacionalização da pós-graduação no Brasil: constrangimentos na ciência, desafios e possibilidades. *In: XXI Colóquio Internacional de Gestão Universitária: Desafios da Gestão da Educação Superior na América Latina e Caribe pós-pandemia: Inovação, Integração e Interculturalidade*, 2023. **Anais**, Cidade de Loja, Equador. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/243956>. Acesso em: 20 out. 2023.

SCHWARTZMAN, Simon. Nacionalismo versus Internacionalismo en las políticas de formación de recursos humanos de alto nivel. **Fuga de cerebros, movilidad académica, redes científicas**, p. 63, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Ana-Garcia-De-Fanelli-2/publication/279751888\\_La\\_movilidad\\_academica\\_y\\_estudiantil\\_reflexiones\\_sobre](https://www.researchgate.net/profile/Ana-Garcia-De-Fanelli-2/publication/279751888_La_movilidad_academica_y_estudiantil_reflexiones_sobre)

\_el\_caso\_argentino/links/5599b05208ae99aa62cc6bb7/La-movilidad-academica-y-estudiantil-reflexiones-sobre-el-caso-argentino.pdf#page=58. Acesso em: 30 ago. 2021.

SENA, Andreolina Pimentel de. **Internacionalização da educação e formação de capital humano e cultural: Estudos com alunos intercambistas da Universidade de Fortaleza (UNIFOR)**. Orientadora: Fátima Regina Ney Matos. 2013. 132 p. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas), Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2013. Disponível em: <https://uol.unifor.br/auth-sophia/exibicao/12053>. Acesso em: 30 ago. 2021.

SIERRA, Vânia Morales; COSCARELLI, Pedro Guimarães. Internacionalização das instituições de ensino superior no Brasil. **(syn)thesis**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 65-74, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/synthesis/article/view/47114>. Acesso em: 13 abr. 2023.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas revista eletrônica**, [s.l.], v. 16, n. 1, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/56781325/2113-7552-1-PB.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SOCORRO ZAMBON, Marcelo. Internacionalização como fator de desenvolvimento profissional e pessoal: ênfase no ensino superior. **Revista Científica Zoom Business Review**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 13-33, 2023. Disponível em: <https://www.zoom.zamboneducacional.com/index.php/zbr/article/view/17>. Acesso em: 11 dez. 2023.

SPENCER-OATEY, Helen. Maximizing the Benefits of International Education Collaborations. **Journal Of Studies In International Education**, [S.L.], v. 17, n. 3, p. 244-261, 26 jul. 2012.

STALLIVIERI, Luciane. Compreendendo a internacionalização da educação superior. **Revista de Educação do Cogeime**, [S. l.], v. 26, n. 50, p. 15, 9 ago. 2017a. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Luciane-Stallivieri/publication/319020412\\_Compreendendo\\_a\\_internacionalizacao\\_da\\_educacao\\_superior/links/59c951ec45851556e97a68d6/Compreendendo-a-internacionalizacao-da-educacao-superior.pdf?\\_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uliwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19](https://www.researchgate.net/profile/Luciane-Stallivieri/publication/319020412_Compreendendo_a_internacionalizacao_da_educacao_superior/links/59c951ec45851556e97a68d6/Compreendendo-a-internacionalizacao-da-educacao-superior.pdf?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uliwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19). Acesso em: 11 jul. 2023.

STALLIVIERI, Luciane. **Internacionalização e intercâmbio**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2017b.

THIENGO, Lara Carlette; BIANCHETTI, Lucídio; MARI, Cezar Luiz de. Rankings acadêmicos e universidades de classe mundial: relações, desdobramentos e tendências. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 39, n. 145, p. 1041-1058, dez. 2018.

UNESCO. Conferência Mundial sobre o Ensino Superior 2009. **As novas dinâmicas do ensino superior e pesquisas para a mudança e o desenvolvimento social**.

Paris: UNESCO, 2009. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=%0bdownload&alias=4512-conferencia-paris&category\\_slug=abril-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=%0bdownload&alias=4512-conferencia-paris&category_slug=abril-2010-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 29 set. 2020.

UNESCO. Conferência Mundial de Ensino Superior 2022. **Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação**. – Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, UNESCO; Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022. Disponível em:

[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000384818\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000384818_por). Acesso em: 13 jun. 2024.

UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI. 2004-2008**, 2004. Disponível em:

<http://www.utfpr.edu.br/documentos/reitoria/documentos-institucionais/pdi/pdi-2004-2008/view>. Acesso em: 09 jun. 2022.

UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI. 2009-2013**, 2009. Disponível em:

<http://www.utfpr.edu.br/documentos/reitoria/documentos-institucionais/pdi/pdi-2009-2013/view>. Acesso em: 09 jun. 2022.

UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI. 2013-2017**, 2013. Disponível em:

[http://www.utfpr.edu.br/documentos/reitoria/documentos-institucionais/pdi/pdi\\_2013-2017/view](http://www.utfpr.edu.br/documentos/reitoria/documentos-institucionais/pdi/pdi_2013-2017/view). Acesso em: 09 jun. 2022.

UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. **UTFPR – Campus Toledo**, 2016. Disponível em: <http://portal.utfpr.edu.br/campus/toledo/sobre>. Acesso em: 27 mai. 2022.

UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. **Estágios Linguísticos-Culturais**, 2017. Disponível em:

<https://portal.utfpr.edu.br/internacional/idiomas/estagio-linguistico>. Acesso em: 24 fev. 2022.

UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. **Idiomas sem Fronteiras (IsF)**, 2017. Disponível em: <https://portal.utfpr.edu.br/internacional/idiomas/isf>.

Acesso em: 17 mai. 2023.

UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. **Institucional**, 2017.

Disponível em: <https://portal.utfpr.edu.br/institucional>. Acesso em: 18 nov. 2022.

UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI. 2018-2022**, 2017. Disponível em:

<https://cloud.utfpr.edu.br/index.php/s/15P0OcMLMdt9Rv7>. Acesso em: 09 jun. 2022.

UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. **Redes e associações**, 2017.

Disponível em: <https://portal.utfpr.edu.br/internacional/cooperacao/redes>. Acesso em: 17 mai. 2023.

UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. **Sobre a UTFPR**, 2017. Disponível em: <https://portal.utfpr.edu.br/institucional/sobre-a-utfpr-1>. Acesso em: 16 mai. 2023.

UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. **Acordos de Dupla Diplomação**, 2023. Disponível em: <https://portal.utfpr.edu.br/internacional/cooperacao/acordos-de-dupla-diplomacao>. Acesso em: 17 mai. 2023.

UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. **UTFPR está entre as melhores do mundo no CWUR 2023**, 2023a. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/noticias/geral/utfpr-esta-entre-as-melhores-do-mundo-no-cwur-2023>. Acesso em: 20 dez. 2023.

UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. **UTFPR está entre as melhores do mundo pelo Leiden Ranking 2023**, 2023b. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/noticias/geral/utfpr-esta-entre-as-melhores-do-mundo-pelo-leiden-ranking-2023>. Acesso em: 20 dez. 2023.

VAN DAMME, Dirk. Quality issues in the internationalisation of higher education. **Higher Education**, [S.L.], v. 41, n. 4, p. 415-441, jun. 2001. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3448132>. Acesso em: 18 jun. 2024.

WASSEM, Joyce; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar; FINARDI, Kyria Rebeca. Internationalization in higher education. **Etd - Educação Temática Digital**, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 520-528, 26 ago. 2020. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/etd.v22i3.8660914>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8660914>. Acesso em: 28 set. 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e Métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZAMBERLAM, Jurandir *et al.* **Estudantes internacionais no processo globalizador e na internacionalização do ensino superior**. Porto Alegre: Solidus, 2009.

**APÊNDICE A - Programas de cooperação internacional oferecidos pela CAPES**

<b>Programa</b>	<b>País</b>	<b>Finalidade</b>
Programa de Auxílio de curta duração	Alemanha	Garantir a permanência de doutorandos brasileiros em universidades alemãs, institutos de pesquisa, laboratórios ou bibliotecas para pesquisas específicas, relevantes ao desenvolvimento da tese de doutorado, sem a interrupção da bolsa no país da Agência brasileira
Programa de Doutorado CAPES/DAAD	Alemanha	Apoia candidatos com excelente qualificação científica e acadêmica em seus estudos na Alemanha, nas modalidades Doutorado Pleno no Exterior, Doutorado-Sanduiche no Exterior e Doutorado-Sanduiche com Cotutela no Exterior
Programa Humboldt	Alemanha	Concede bolsas para pesquisadores em todas as áreas do conhecimento. A parceria atua na internacionalização de forma mais consistente, aprimorando a produção e qualificação científicas e o desenvolvimento de métodos e teorias em conjunto com pesquisadores de reconhecido mérito científico alemães ou residentes na Alemanha.
Probral	Alemanha	Apoia projetos conjuntos e o intercâmbio científico entre grupos de pesquisa brasileiros e alemães vinculados a instituições de ensino superior e pesquisa.
Programa de Assistente de Ensino de Língua Alemã para Projetos Institucionais – GTA	Alemanha	Contribuir para a melhoria da qualidade dos cursos de bacharelado e/ou licenciatura em Letras (Língua Alemã), de modo a valorizar a formação e a relevância social de professores da educação básica.
Programa de Iniciativa de Pesquisa Colaborativa (PIPC) – CAPES-DFG	Alemanha	Aprofundar a cooperação acadêmica entre instituições de ensino superior e centros de pesquisa brasileiros e alemães, contribuindo para a mobilidade de professores, pesquisadores e estudantes de pós-graduação entre as universidades alemãs e as instituições de ensino superior brasileiras, incentivando a formação de redes de pesquisa.
Programa Cátedra Brasil da Universidade de Münster	Alemanha	Apoiar pesquisadores brasileiros no desenvolvimento de atividades de ensino e pesquisa na Westfälische Wilhelms-Universität Münster (WWU) e no apoio ao Centro Brasileiro daquela instituição.
Programa CAPES/IIASA de Doutorado-Sanduiche	Áustria	Seleciona estudantes de doutorado vinculados a instituições de ensino superior brasileiras interessados em fazer seus estágios em pesquisa de doutorado sob a supervisão dos pesquisadores do Instituto Internacional para Análise de Sistemas Aplicados (IIASA)
Programa CAPES/IIASA de Pós-Doutorado	Áustria	Realização de estágio em pesquisa de doutorado sob a supervisão dos pesquisadores do Instituto Internacional para Análise de Sistemas Aplicados (IIASA)
Programa de Verão para Jovens	Áustria	O programa envolve jovens cientistas, com excelente qualificação científica e acadêmica, que pretendem

Cientistas CAPES/IIASA		desenvolver sua pesquisa sob a supervisão dos experientes pesquisadores do Instituto.
Programa CAPES-DFATD	Canadá	É uma parceria entre a Fundação e o Global Affairs Canada (DFATD) que oferece um projeto conjunto de pesquisa que engloba a modalidade doutorado-sanduiche em todas as áreas de conhecimento
Programa CAPES-Mitacs	Canadá	Forma brasileiros no exterior pela modalidade de graduação-sanduiche em universidades e instituições de pesquisa canadenses. O programa promove a internacionalização da ciência e da tecnologia nacional, estimulando estudos e pesquisas de brasileiros fora do país.
Programa CAPES/Fulbright Mestrado em Produção Cinematográfica nos EUA (MFA)	Estados Unidos	Proporcionar a formação qualificada de profissionais brasileiros, complementando a formação técnica e especializada na área de formação de roteiristas para a produção audiovisual e estreitando as relações bilaterais entre os dois países nessa área
Programa CAPES/PDPI	Estados Unidos	Capacitar professores de língua inglesa – que estejam em efetivo exercício nas escolas públicas de educação básica – a partir de um curso intensivo, envolvendo atividades acadêmicas e culturais, durante seis semanas, em universidade nos Estados Unidos.
Programa CAPES/Harvard de Professor-Pesquisador Visitante Júnior (PPVJ)	Estados Unidos	Oferecer bolsas de pós-doutorado a professores efetivos de instituições de ensino superior brasileiras para incentivar a troca de conhecimento entre estes profissionais e seus pares da Universidade de Harvard.
Programa CAPES / Fulbright de Doutorado Pleno nos EUA	Estados Unidos	Formar pessoal de alto nível naquele país, como alternativa complementar às possibilidades ofertadas pela pós-graduação no Brasil, para candidatos com excelente desempenho acadêmico, e com propostas de pesquisa que não possam ser realizadas total ou parcialmente no Brasil.
Programa CAPES/Fulbright English Teaching Assistant (ETA) para Projetos Institucionais	Estados Unidos	Seleciona projetos de instituições de ensino superior brasileiras para receber assistentes de ensino de língua inglesa (cidadão estadunidense, falante nativo), de modo a melhorar a qualidade dos cursos de bacharelado e licenciatura em Letras – Língua Inglesa, valorizando a formação dos profissionais do magistério da educação básica.
Programa Brasil / Estados Unidos de Modernização da Educação Superior na Graduação (PMG / EUA)	Estados Unidos	Criação de um ambiente propício para o desenvolvimento do pensamento criativo – com sólida base teórica –, da capacidade de inovação e do empreendedorismo dos graduandos em engenharia, formar redes de colaboração acadêmica entre o Brasil e os EUA para a melhoria da qualidade da educação na graduação, alinhando-se às tendências internacionais da área de engenharia.
Programa CAPES / YALE de Doutorado	Estados Unidos	Apoiar estudantes brasileiros na realização do Doutorado Pleno no Programa Combinado de

em Ciências Biomédicas		Ciências Biológicas e Biomédicas (Programa BBS) de Yale.
Programa CAPES / Brafagri	França	Exclusivo para a graduação, oferece projetos conjuntos de pesquisa em parcerias universitárias em todas as especialidades de Engenharia. Desse modo, o intercâmbio estimula, em ambos os países, a aproximação das estruturas curriculares, incluindo a equivalência e o reconhecimento mútuo de créditos.
Programa CAPES / Brafitec	França	Desenvolver projetos conjuntos de pesquisa em parcerias universitárias em todas as especialidades de Engenharia, exclusivamente em nível de graduação, para fomentar o intercâmbio em ambos os países e estimular a aproximação das estruturas curriculares, inclusive a equivalência e o reconhecimento mútuo de créditos.
Programa CAPES / Cofecub	França	Fomenta o intercâmbio entre instituições de ensino superior e institutos e centros de pesquisa e desenvolvimento públicos brasileiros e franceses.
Programa CAPES / Nuffic	Holanda	Visa à formação de profissionais de alto nível a partir do apoio a projetos conjuntos de pesquisa, favorecendo o intercâmbio de estudantes e pesquisadores, além de consolidar a cooperação bilateral entre Brasil e Holanda.
Programa CAPES / JSPS	Japão	Apoia projetos conjuntos de pesquisa desenvolvidos por grupos de cientistas brasileiros e japoneses vinculados a instituições de ensino superior ou a institutos de pesquisa de ambos os países. A cooperação prevê a concessão de recursos para a realização de missões de trabalho e aquisição de material de consumo para os projetos, bem como o financiamento de bolsas de doutorado-sanduíche e pós-doutorado no Japão.
Programa CAPES / Utforsk – Projetos Conjuntos de Pesquisa	Noruega	Fortalecer a cooperação entre instituições de ensino superior e de pesquisa do Brasil e da Noruega, incentivar a colaboração e o intercâmbio científico entre grupos de pesquisa e desenvolvimento brasileiros e noruegueses, bem como a mobilidade de alunos e professores de pós-graduação nos níveis de doutorado e de pós-doutorado.
Programa CAPES / FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia	Portugal	Aprovar projetos conjuntos de pesquisa entre instituições de ensino brasileiras e portuguesas, promovendo o intercâmbio, a mobilidade pesquisadores, professores e alunos de pós-graduação, contribuindo para a expansão e internacionalização de suas instituições.
Programa Doutorado Pleno em Cambridge – COT (Cambridge Trust)	Reino Unido	Foi idealizado para que jovens brasileiros, com reconhecido mérito acadêmico, desenvolvam seus estudos em uma das mais renomadas instituições de ensino do mundo em qualquer área do conhecimento. Além de tornar a representatividade brasileira na Universidade de Cambridge mais significativa, o Programa favorecerá a criação de vínculos entre núcleos de pesquisa britânicos e brasileiros, com o retorno do bolsista após a conclusão do doutorado.

Programa CAPES/Nottingham e Birmingham - PhD Pleno	Reino Unido	Apoiar estudantes interessados em cursar doutorado pleno nas Universidades de Nottingham ou Birmingham, formando professores e pesquisadores de alto nível e consolidando a cooperação científica entre o Brasil e o Reino Unido.
Programa CAPES / Universidade de Dundee – Doutorado Pleno	Reino Unido	É uma parceria entre a CAPES e a Universidade de Dundee, localizada na Escócia, reconhecida como uma das universidades mais proeminentes do Reino Unido e destaque em diversas áreas do conhecimento, como Ciências Naturais e da Vida, Medicina, Engenharia e Artes.
Programa CAPES / Universidade de Nottingham	Reino Unido	Prevê o estreitamento, fortalecimento e aprofundamento da cooperação técnico-científica, bem como o apoio ao acesso de pesquisadores e estudantes de instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação, e de empresas brasileiras, ao Centro de Drug Discovery da Universidade de Nottingham.
Programa CAPES / Stint - Projetos Conjuntos de Pesquisa	Suécia	Seleciona projetos conjuntos de pesquisa, desenvolvidos por grupos brasileiros e suecos, com o objetivo de fortalecer a cooperação entre instituições de ensino superior e de pesquisa do Brasil e da Suécia fomentando a colaboração e o intercâmbio científico entre grupos de pesquisa e desenvolvimento e a mobilidade de professores e estudantes de pós-graduação nos níveis de doutorado e pós-doutorado de ambos os países.
Programa Institucional de Internacionalização (PrInt)	Multinacional	Estimular o avanço da internacionalização das instituições de ensino superior brasileiras, tendo como meta o aumento da competitividade e visibilidade da produção científica do País.
Programa Leitorado	Multinacional	Financia professores interessados em divulgar a cultura brasileira em instituições universitárias estrangeiras. As vagas para leitor, função regulamentada pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) desde 1999, é uma parceria entre a CAPES e o MRE.
Programa MATH-AmSud	Multinacional	Programa de cooperação regional em Ciência e Tecnologia envolvendo França, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Sua função é implementar projetos conjuntos que promovam e fortaleçam a colaboração e a criação de redes de investigação e desenvolvimento no campo da matemática.
Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior (PDSE)	Multinacional	Programa que substituiu os de Doutorado-Sanduíche Balcão e Doutorado no País com Estágio no Exterior (PDEE). Oferece mais agilidade no processo de implementação das bolsas de estágio de doutorando no exterior.
Programa Professor Visitante no Exterior – PVE	Multinacional	Oferece bolsas em instituições fora do País para a realização de estudos avançados de pós-doutorado e destina-se a pesquisadores e professores com vínculo empregatício em instituição brasileira de ensino ou pesquisa.

Programa de Pós-Doutorado no Exterior	Multinacional	Oferece bolsa no exterior para a realização de estudos avançados após o doutorado. Destina-se a pesquisadores ou professores com menos de oito anos de formação doutoral e busca a internacionalização de forma mais consistente, aprimorando a produção e qualificação científicas em parceria com pesquisadores estrangeiros de reconhecidos méritos científicos.
Programas Estratégicos	Multinacional	Oferece bolsas individuais de estágio no exterior relacionadas às áreas do conhecimento que são estratégicas para o Brasil. Seu objetivo é a inserção internacional de estudantes e pesquisadores, o estabelecimento de intercâmbio científico e a abertura de novas linhas de pesquisa. Os estudos apresentados devem, sobretudo, abranger pesquisas que não possam ser realizadas no País.
Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG)	Multinacional	Concede bolsas de doutorado pleno em instituições brasileiras a professores universitários, pesquisadores e graduados de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo de cooperação educacional. Seu objetivo é contribuir para melhorar a qualificação dos participantes, de modo a que possam contribuir para o crescimento de seus países de origem
Programa Cátedra Bonn	Multinacional	Concede bolsas na modalidade cátedra a pesquisadores ou professores doutores de alto nível, reconhecidos pela comunidade acadêmica e científica brasileira e estrangeira, que sejam especialistas nas seguintes áreas de conhecimento: imunologia e neurociência.

### APÊNDICE B – Panorama dos campi a partir dos cursos ofertados

<b>Campus</b>	<b>Graduação</b>	<b>Especialização</b>	<b>Mestrado e Doutorado</b>
Apucarana	Engenharia Civil; Engenharia de Computação; Engenharia Elétrica; Engenharia Química; Engenharia Têxtil; Licenciatura em Química; Tecnologia em Design de Moda;	Engenharia Digital e Tecnologia BIM; Gestão e Auditoria Ambiental;	Programa de Pós- Graduação em Engenharia Ambiental; Programa de Pós- Graduação em Administração Pública em Rede Nacional – PROFIAP; Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química; Programa de Pós- Graduação em Ciência e Engenharia de Materiais; Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda;
Campo Mourão	Ciência de Computação; Engenharia Ambiental; Engenharia Civil; Engenharia de Alimentos; Engenharia Eletrônica; Engenharia Química; Licenciatura em Química; Tecnologia em Alimentos;	Engenharia de Segurança do Trabalho;	Programa de Pós- Graduação em Ensino de Física em Rede Nacional; Programa de Pós-Graduação em Inovações Tecnológicas; Programa de Pós- Graduação Multicampi em Tecnologia de Alimentos; Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional – PROFIAP; Mestrado Profissional em Rede Nacional em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos; Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação;
Cornélio Procópio	Engenharia de Computação; Engenharia de Controle e Automação; Engenharia de Software; Engenharia Elétrica; Engenharia Eletrônica; Engenharia Mecânica; Licenciatura em Matemática; Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas;	Automação e Controle de Processos Industriais; Engenharia de Segurança do Trabalho; MBA em Engenharia de Software; Redes de Computadores: Projeto e Implementação – A Distância; Tecnologia Java – A Distância; Sistemas Elétricos de Potência; MBA em Gestão Integrada de	Programa de Pós- Graduação em Engenharia Mecânica; Programa de Pós- Graduação em Bioinformática; Programa de Pós- Graduação em Engenharia Elétrica; Programa de Pós- Graduação em Engenharia Mecânica; Programa de Pós- Graduação em Ensino

		Segurança, Saúde e Meio Ambiente; Logística e Otimização;	de Ciências Humanas; Sociais e da Natureza; Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática; Programa de Pós-Graduação em Informática; Programa de Pós-Graduação em Matemática em Rede Nacional; Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional – PROFIAP; Programa de Pós-Graduação Associado em Bioinformática;
Curitiba	Administração; Arquitetura e Urbanismo; Comunicação Organizacional; Design; Educação Física; Engenharia Ambiental e Sanitária; Engenharia Civil; Engenharia de Computação; Engenharia de Controle e Automação; Engenharia Elétrica; Engenharia Eletrônica; Engenharia Mecânica; Engenharia Mecatrônica; Licenciatura em Física; Licenciatura em Letras – Inglês; Licenciatura em Letras – Português; Licenciatura em Matemática; Licenciatura em Química; Química Ambiental; Sistemas de Informação; Tecnologia em Automação Industrial; Tecnologia em Design Gráfico; Tecnologia em Radiologia; Tecnologia em Sistemas de Telecomunicações;	Automação Industrial; Construções Sustentáveis; Desenvolvimento para Dispositivos Móveis e Internet das Coisas; Energias Renováveis; Engenharia Automotiva; Engenharia de Confiabilidade; Engenharia de Segurança do Trabalho; Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas; Gerência de Manutenção; Gerenciamento de Obras; MBA em Gestão de Processos Industriais; MBA em Gestão de serviços de Telecomunicações; Gestão de Desenvolvimento de Produtos; MBA em Finanças Corporativas; Inovação e Tecnologias na Educação; Internet das Coisas; Língua Portuguesa e Literatura; MBA em Gestão em Tecnologia da Informação e Comunicação; MBA em Gestão de Ativos; MBA em Gestão	Programa de Pós-Graduação em Administração; Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia Ambiental; Programa de Pós-Graduação em Computação Aplicada; Programa de Pós-Graduação em Educação Física; Programa de Pós-Graduação em Engenharia Biomédica; Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil; Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica e Informática Industrial; Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica e Materiais; Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens; Programa de Pós-Graduação em Física e Astronomia; Programa de Pós-Graduação em Formação Científica, Educacional e Tecnológica; Programa de Pós-Graduação em

		Empresarial; Patologia das Construções; Proteção Radiológica; Redes de Computadores e Teleinformática; Sistemas Embarcados para Indústria Automotiva; MBA em Planejamento e Governança Pública; Arquitetura e Gestão de Infraestrutura de TI; Ciências de Dados e suas aplicações; Lean Six Sigma – Certificação Black Belt; Indústria 4.0; Engenharia Digital e Tecnologia BIM; Desenvolvimento Web com Frameworks Modernos; Segurança Cibernética;	Matemática em Rede Nacional; Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Governança Pública; Programa de Pós-Graduação em Química; Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade; Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Energia; Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional – PROFIAP; Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade Ambiental Urbana;
Dois Vizinhos	Agronomia; Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia; Engenharia de Software; Engenharia Florestal; Licenciatura em Ciências Biológicas; Zootecnia;	Manejo de Culturas Anuais; Ciências de Dados; Biologia Molecular; Restauração Florestal; Manejo e Conservação do solo;	Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas; Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia; Programa de Pós-Graduação em Zootecnia PPZ – Unioeste/UTFPR;
Francisco Beltrão	Agronomia; Engenharia Ambiental e Sanitária; Engenharia de Alimentos; Engenharia Química; Licenciatura em Informática; Sistemas de Informação;	Métodos Matemáticos Aplicados; Engenharia da Produção; Tecnologia e Segurança de Alimentos; Práticas Pedagógicas na Educação Básica;	Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental: Análise e Tecnologia Ambiental; Programa de Pós-Graduação em Tecnologia de Alimentos;
Guarapuava	Engenharia Civil; Engenharia Mecânica; Engenharia Mecatrônica; Tecnologia em Sistemas para Internet;	MBA em Engenharia de Manutenção 4.0; Internet das Coisas;	Sem oferta;
Londrina	Engenharia Ambiental; Engenharia de Materiais; Engenharia de Produção; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Licenciatura em	MBA em Gerenciamento de Projetos (EaD); MBA em Gestão de Negócios com ênfase em Engenharia de Mercado e Organizações; MBA	Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental; Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza;

	Química; Tecnologia em Alimentos;	em Gestão de Negócios com ênfase em Supply Chain Management e Logística; Engenharia de Segurança do Trabalho;	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática; Programa de Pós-Graduação em Tecnologia de Alimentos; Programa de Pós-Graduação em Ciência e Engenharia de Materiais;
Medianeira	Ciência da Computação; Engenharia Ambiental; Engenharia de Alimentos; Engenharia de Produção; Engenharia Elétrica; Licenciatura em Química; Tecnologia em Alimentos; Tecnologia em Gestão Ambiental; Tecnologia em Manutenção Industrial;	Tecnologias da Cadeia Produtiva do Biogás;	Programa de Pós-Graduação Multicampi em Tecnologia de Alimentos; Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Ambientais; Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Computacionais para o Agronegócio; Programa de Pós-Graduação em Ensino de Física; Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional – PROFIAP; Mestrado Profissional em Química em Rede Nacional;
Pato Branco	Administração; Agronomia; Ciências Contábeis; Engenharia Cartográfica e de Agrimensura; Engenharia Civil; Engenharia de Computação; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Licenciatura em Letras Português e Inglês; Licenciatura em Matemática; Química; Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas; Tecnologia em Manutenção Industrial;	Engenharia de Segurança do Trabalho; Gestão Contábil e Financeira; Engenharia de Estruturas Metálicas; Programação para Dispositivos Móveis;	Programa de Pós-Graduação em Agronomia; Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional; Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil; Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas; Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica; Programa de Pós-Graduação em Letras; Programa de Pós-Graduação em Matemática em Rede Nacional; Programa de Pós-Graduação em Tecnologia de Processos Químicos e

			Bioquímicos; Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional – PROFIAP;
Ponta Grossa	Ciência da Computação; Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia; Engenharia de Produção; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Licenciatura em Ciências Biológicas; Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas; Tecnologia em Automação Industrial; Tecnologia em Fabricação Mecânica;	Engenharia de Produção; Engenharia de Segurança do Trabalho;	Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica; Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia; Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica; Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Tecnologia; Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção; Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química; Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional – PROFIAP; Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação;
Santa Helena	Agronomia; Ciência da Computação; Licenciatura em Ciências Biológicas;	Sem oferta.	Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais e Sustentabilidade;
Toledo	Engenharia Civil; Engenharia da Computação; Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia; Engenharia Eletrônica; Licenciatura em Matemática; Tecnologia em Processos Químicos; Tecnologia em Sistemas para Internet;	Ciência de Dados e Inteligência Competitiva para Negócios; Arquitetura e Tecnologia da Construção;	Programa de Pós-Graduação em Processos Químicos e Biotecnológicos; Programa de Pós-Graduação em Matemática em Rede Nacional; Programa de Pós-Graduação em Tecnologias em Biociências;

## APÊNDICE C – Roteiro da entrevista

### Bloco 1 – Dados Sociodemográficos e perfil dos participantes

- Qual sua formação e tempo de formação?
- Há quanto tempo está na UTFPR?
- Qual seu cargo?
- Qual sua função?
- Há quanto tempo está na função atual?

### Bloco 2 – Conceitual

- O que é internacionalização para você?
- Qual o papel da internacionalização para as instituições de ensino superior?
- Por que as instituições de ensino superior buscam a internacionalização?
- Existem benefícios decorridos da internacionalização? Se sim, quais?

### Bloco 3 – Implantação

- Há uma política de internacionalização na UTFPR? Se sim, você conhece essa política?
- Você tem familiaridade com os termos utilizados nos mecanismos de monitoramento e na política de internacionalização?
- Como a internacionalização está presente na missão, visão e valores da instituição?
- Como a instituição está organizada para atender as demandas de internacionalização (estrutura organizacional/setores)?
- Houve alguma ação específica de formação voltada à internacionalização oferecida pela instituição?
- Você se sente motivado por outros setores para promover a internacionalização?
- Você acredita que a política de internacionalização influencia nas ações de ensino, pesquisa e extensão? Se sim, de que maneira?
- A internacionalização é pensada de maneira estratégica no seu setor/departamento?
- Quais ações de internacionalização foram ou são desenvolvidas pelo seu setor/departamento?
- As ações de internacionalização desenvolvidas pelo seu setor/departamento são guiadas pelas estratégias e mecanismos de monitoramento da política institucional?
- Como as ações são pensadas? Apenas no seu setor/departamento ou conta com a participação de outros setores?
- Existem dificuldades para a promoção da internacionalização no seu setor/departamento? Se sim, quais?
- Onde você busca ajuda para solucionar as dúvidas referentes à internacionalização?
- Você acha que a internacionalização é acessível para todos? Por quê?

- Caso não seja, o que seria possível fazer para mudar essa realidade?

#### **Bloco 4 - Avaliação**

- Você considera a UTFPR uma universidade internacional? Por quê?
- Você considera o *campus* Toledo, um *campus* internacional? Por quê?
- Quais seriam as vantagens em ser uma instituição/*campus* internacional?
- Existem dificuldades para transformar o *campus* Toledo em um *campus* internacional? Se sim, quais?
- É de seu conhecimento algum mecanismo de controle sobre as ações de internacionalização a nível de institucional? E a nível de *campus*? Como ocorrem?

## ANEXO A – Parecer Consubstanciado



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** INTERNACIONALIZAÇÃO DA UTFPR CAMPUS TOLEDO: AVALIAÇÃO DO CAMINHO RUMO A UNIVERSIDADE INTERNACIONAL

**Pesquisador:** JORGE LUIZ DE MENDONÇA ORTELLADO ALDERETE

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 68484423.2.0000.0107

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.107.225

**Apresentação do Projeto:**

As ações de internacionalização da educação superior já estão presentes no contexto das instituições a um bom tempo. Neste sentido, cada momento é caracterizado por um papel diferente dessas ações. Notadamente, os aspectos internacionais passaram a ser discutidos e cada vez mais implementados no cotidiano destas instituições, muitas vezes sendo vistos como um diferencial institucional. A partir dessa premissa, esse estudo busca responder algumas questões: (1) Como as ações de internacionalização tem sido desenvolvidas no âmbito da UTFPR campus Toledo a partir da publicação e implementação de políticas de internacionalização? (2) Quais categorias estão presentes na política de internacionalização? (3) Será que a instituição consegue motivar seus atores a partir da política, fazendo com que busquem ações de internacionalização? A pesquisa será caracterizada como sendo de natureza descritiva-analítica com a utilização do método fenomenológico. Como técnicas de pesquisa serão utilizadas o estudo de caso, entrevista e análise de conteúdo (BARDIN, 2018). Os dados qualitativos serão analisados a partir de análise de conteúdo (BARDIN, 2016), através da qual identificaremos as categorias presentes na Política de internacionalização e nas entrevistas realizadas com atores do campus. Os dados quantitativos serão tabulados com a utilização do Microsoft Excel 365 e analisados a partir de estatística descritiva simples.

Endereço: RUA UNIVERSITÁRIA 1919

Bairro: UNIVERSITÁRIO

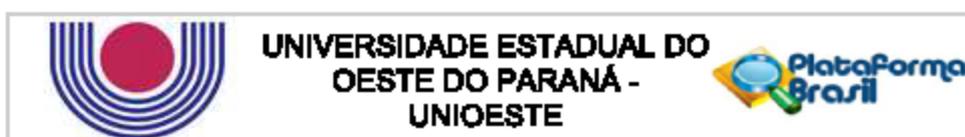
UF: PR

Município: CASCAVEL

Telefone: (45)3220-9082

CEP: 85.819-110

E-mail: cep.prypp@unioeste.br



Continuação do Parecer: 6.187.325

**Objetivo da Pesquisa:**

- Avaliar, a partir da análise das categorias, dos dados contidos nos relatórios e da impressão dos atores, o caminho percorrido pelo campus Toledo no desenvolvimento da Internacionalização.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:** Os servidores podem se sentir constrangidos com as perguntas do questionário e podem se negar a responder qualquer pergunta do instrumento de coleta de dados, não participar da pesquisa ou deixar de participar a qualquer momento, caso julguem necessário, sem prejuízo algum a sua pessoa.

**Benefícios:** Ao conhecer as ações desenvolvidas, as categorias presentes na política da Instituição e a percepção dos atores quanto ao processo de internacionalização teremos condições de avaliar, discutir e identificar os pontos positivos e principalmente as lacunas existentes. Isso nos dará condições de aperfeiçoar as práticas institucionais, sejam de ensino, pesquisa, revisão de currículos etc. Além disso, teremos a oportunidade de aprofundar ainda mais alguns aspectos referentes a este tema, como as razões, os meios e os resultados institucionais.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa interessante e de relevância.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos anexados

**Recomendações:**

Pesquisa pode ser iniciada.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

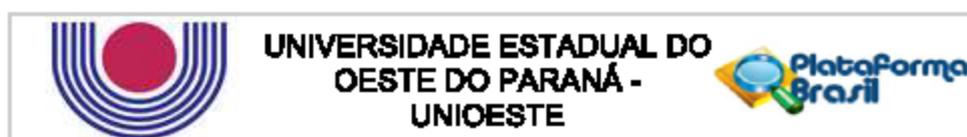
Sem pendências

**Considerações Finais e critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2137874.pdf	10/06/2023 11:33:11		Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	10/06/2023 11:24:28	JORGE LUIZ DE MENDONÇA	Aceito

Endereço: RUA UNIVERSITÁRIA 1919  
 Bairro: UNIVERSITÁRIO CEP: 86.819-110  
 UF: PR Município: CASCAVEL  
 Telefone: (46)3225-3082 E-mail: cep.unioeste@unioeste.br



Continuação do Parecer: 6.107.325

Cronograma	cronograma.pdf	10/06/2023 11:24:28	ORTELLADO ALDERETE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	10/06/2023 11:23:10	JORGE LUIZ DE MENDONÇA ORTELLADO ALDERETE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_internacionalizacao.pdf	10/06/2023 11:22:48	JORGE LUIZ DE MENDONÇA ORTELLADO ALDERETE	Aceito
Outros	ROTEIRO_ENTREVISTAS.pdf	10/06/2023 11:12:22	JORGE LUIZ DE MENDONÇA ORTELLADO ALDERETE	Aceito
Outros	Anexo_LI_III_IV.pdf	10/06/2023 11:10:26	JORGE LUIZ DE MENDONÇA ORTELLADO ALDERETE	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rostio.pdf	10/06/2023 10:58:36	JORGE LUIZ DE MENDONÇA ORTELLADO ALDERETE	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CASCADEL, 07 de Junho de 2023

Assinado por:  
José Carlos da Costa  
(Coordenador(a))

Endereço: RUA UNIVERSITÁRIA 1616  
Bairro: UNIVERSITÁRIO CEP: 85.819-110  
UF: PR Município: CASCADEL  
Telefone: (45)3228-3082 E-mail: ucp.ppp@unioeste.br